



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

BIANCA MAIA MELLO DA SILVA
CAMILA DE ANDRADE
RAQUEL FERREIRA DA ROSA OLIVEIRA

**DERIVAS DESVAIRADAS: EXPERIÊNCIAS COM PRODUÇÕES CRIATIVAS
NO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO**

FLORIANÓPOLIS
2022

Bianca Maia Mello da Silva
Camila de Andrade
Raquel Ferreira da Rosa Oliveira

DERIVAS DESVAIRADAS: EXPERIÊNCIAS COM PRODUÇÕES CRIATIVAS
NO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Relatório final de estágio de docência elaborado como requisito parcial para avaliação da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, apresentado ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Prof. Dra. Isabela Melim Borges e supervisão do Prof. Dr. George Luiz França.

FLORIANÓPOLIS
2022

RESUMO

Os alunos de graduação em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina devem, em determinado momento da conclusão do curso, cumprir o estágio obrigatório, que consiste na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, dividida em dois semestres, que possibilita aos graduandos a experiência de docência supervisionada no ensino fundamental, no primeiro semestre, e no ensino médio, no segundo semestre. Sabe-se que a vivência em sala de aula é imprescindível para a formação completa de um professor, para prepará-lo para a realidade com a qual poderá se deparar ao assumir uma turma, para fomentar e estimular o fazer docente e para fortalecê-lo diante dos possíveis desafios. Considerando estes fatores, este relatório apresenta a experiência das alunas-estagiárias Bianca Maia Mello da Silva, Camila de Andrade e Raquel Ferreira da Rosa Oliveira com a turma 3A, formada por alunos do 3º Ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. O projeto de docência desenvolvido introduziu aos alunos conhecimentos relacionados ao modernismo brasileiro, à Semana de Arte Moderna de 1922 e às vanguardas europeias que os precederam, para, então, chegar no objetivo geral do plano de ensino, que foi o trabalho com a obra *Paulicéia Desvairada*, publicada em 1922, e com seu autor, Mário de Andrade.

Palavras-chave: Estágio. Colégio de Aplicação. Modernismo. Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO	8
2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	8
2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA	12
2.2.1 Planos de aulas	16
2.2.1.1 Dia 8 de junho de 2022	17
2.2.1.2 Dia 9 de junho de 2022	21
2.2.1.3 Dia 10 de junho de 2022	24
2.2.1.4 Dia 15 de junho de 2022	27
2.2.1.5 Dia 22 de junho de 2022	29
2.2.1.6 Dia 23 de junho de 2022	31
2.3 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO	33
3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	47
3.1 EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA - ESTAGIÁRIA BIANCA MAIA MELLO DA SILVA	53
3.2 EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA - ESTAGIÁRIA CAMILA DE ANDRADE	56
3.3 EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA - ESTAGIÁRIA RAQUEL FERREIRA DA ROSA OLIVEIRA	59
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
5 REFERÊNCIAS	67
6 ANEXOS	71
6.1 TERMOS DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	72
6.1.1 ANEXO A - TCE Bianca Maia Mello da Silva	72
6.1.2 ANEXO B - TCE Camila de Andrade	73
6.1.3 ANEXO C - TCE Raquel Ferreira da Rosa Oliveira	74

6.2 REGISTROS DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	75
6.2.1 ANEXO A - Registro de observação de Bianca Maia Mello da Silva	75
6.2.1.1 - ANEXO A1 - Diário de observação de Bianca Maia Mello da Silva	76
6.2.2 ANEXO B - Registro de observação de Camila de Andrade	85
6.2.2.1 ANEXO B1 - Diário de observação de Camila de Andrade	86
6.2.3 ANEXO C - Registro de observação de Raquel Ferreira da Rosa Oliveira	108
6.2.3.1 - ANEXO C1 - Diário de observação de Raquel Ferreira da Rosa Oliveira	109
6.3 PRIMEIRA VERSÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO 3A	131
6.3.1 ANEXO A - Primeira versão do trabalho de J e M	131
6.3.2 ANEXO B - Primeira versão do trabalho de M e G	132
6.3.3 ANEXO C - Primeira versão do trabalho de C e H	134
6.3.4 ANEXO D - Primeira versão do trabalho de C e J	136
6.3.5 ANEXO E - Primeira versão do trabalho de I e N	137
6.3.6 ANEXO F - Primeira versão do trabalho de N e R	140
6.3.7 ANEXO G - Primeira versão do trabalho de F e L	143
6.3.8 ANEXO H - Primeira versão do trabalho de A e I	144
6.3.9 ANEXO I - Primeira versão do trabalho de M e V	145
6.4 ANÁLISE POR PARES	146
6.4.1 ANEXO A - Análise de J e M sobre o trabalho de F e L	146
6.4.2 ANEXO B - Análise de M e G sobre o trabalho de C e J	147
6.4.3 ANEXO C - Análise de C e J sobre o trabalho de N e R	148
6.4.4 ANEXO D - Análise de N e R sobre o trabalho de M e V	149
6.4.5 ANEXO E - Análise de A e I sobre o trabalho de M e G	150
6.4.6 ANEXO F - Análise de M e V sobre o trabalho de A e I	151
6.4.7 ANEXO G - Análise de I e N sobre o trabalho de I e N	152
6.4.8 ANEXO H - Análise de I e N sobre o trabalho de N e R	153
6.4.9 ANEXO I - Análise de F e L sobre o trabalho de J e M	155

6.5 COMENTÁRIOS DAS ESTAGIÁRIAS SOBRE A PRIMEIRA VERSÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO 3A	156
6.5.1 ANEXO A - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de J e M	156
6.5.2 ANEXO B - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de M e G	157
6.5.3 ANEXO C - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de C e H	158
6.5.4 ANEXO D - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de C e J	159
6.5.5 ANEXO E - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de I e N	160
6.5.6 ANEXO F - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de N e R	161
6.5.7 ANEXO G - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de F e L	162
6.5.8 ANEXO H - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de A e I	163
6.5.9 ANEXO I - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de M e V	164
6.6 VERSÃO FINAL DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO 3A	165
6.6.1 ANEXO A - Versão final do trabalho de J e M	165
6.6.2 ANEXO B - Versão final do trabalho de M e G	167
6.6.3 ANEXO C - Versão final do trabalho de C e H	171
6.6.4 ANEXO D - Versão final do trabalho de C e J	173
6.6.5 ANEXO E - Versão final do trabalho de I e N	175
6.6.6 ANEXO F - Versão final do trabalho de N e R	178
6.6.7 ANEXO G - Versão final do trabalho de F e L	179
6.6.8 ANEXO H - Versão final do trabalho de A e I	181
6.6.9 ANEXO I - Versão final do trabalho de M e V	182
6.6.10 ANEXO J - Versão final do trabalho de F, I e L	183
6.6.11 ANEXO K - Versão final do trabalho de Is e N	185
6.7 TABELA COM O CÁLCULO DAS NOTAS DOS ALUNOS	186
6.7.1 ANEXO A - Comentário sobre a nota final de J e M	187
6.7.2 ANEXO B - Comentário sobre a nota de F e L	187
6.7.3 ANEXO C - Comentário sobre a nota de A e I	187
6.7.4 ANEXO D - Comentário sobre a nota de F, I e L	188
6.7.5 ANEXO E - Comentário sobre a nota de Is e N	188
6.8 EXPOSIÇÃO “PAULICÉIA DESVAIRADA NO CA”	189

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório é dedicado à descrição da trajetória de docência supervisionada das alunas Bianca Maia Mello da Silva, Camila de Andrade e Raquel Ferreira da Rosa Oliveira no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA-UFSC), que consistiu em 3 (três) etapas: a observação, a regência e a consolidação das atividades produzidas pelos alunos. O trajeto foi percorrido com os alunos do 3º ano do Ensino Médio, na turma 3A, sob orientação da professora doutora Isabela Melim Borges, do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC, e supervisão do professor doutor George Luiz França, responsável por ministrar as aulas de Língua Portuguesa aos 3os anos do CA.

Antes de mais nada, vale pontuar que o processo de preparação para o estágio se iniciou muito antes da experiência no chão da sala de aula. Durante o mês que antecedeu o período de docência, fomos preparadas, instruídas e orientadas para o que nos aguardava, e foi nesta etapa do processo que os professores Isabela e George nos indicaram o caminho pelo qual seguir na elaboração do plano de ensino, dos planos de aula e da trajetória de regência. Como nosso período de regência seria com alunos do 3º Ano do Ensino Médio, a orientação dos professores foi de trabalharmos com um dos livros do vestibular da UFSC, caminho que vinha sendo traçado pelo próprio professor George. Dessa maneira, já que em 2022 foi celebrado o centenário da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, a sugestão foi que trabalhássemos com o livro de poemas *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, publicado na mesma época e inserido no mesmo contexto.

O período de observação iniciou com um dia de *tour* por todo o espaço físico do CA, desde os espaços de convivência até as salas de administração e atendimento à saúde, os laboratórios, os parques e as salas dos professores. A última etapa do *tour* foi uma visita ao corredor onde estão situadas as salas dos terceiros anos, que, indiscutivelmente, era a parte pela qual todos nós mais esperávamos.

Durante as quatro semanas seguintes ao *tour* deu-se o período de observação das aulas do 3A. Nesta fase do estágio, comparecemos às aulas de Língua Portuguesa ministradas pelo professor George e acompanhamos o andamento das aulas ativamente, fazendo comentários, instigando a discussão dos alunos sobre as temáticas levantadas e registrando todas as etapas da aula, desde a quantidade de alunos presentes até os comentários pertinentes – ou não – por eles feitos. Além disso, estivemos presentes no Conselho de Classe Participativo, sobre o qual a importância será melhor discutida na Seção 3 deste relatório.

O período de observação também foi o momento do semestre em que elaboramos o plano de ensino e nos preparamos para as aulas que daríamos. Aprendemos a identificar a forma como a turma interagia com o professor e entre si, a forma como os alunos respondiam aos encaminhamentos dados em sala e, por meio das orientações da professora e das recomendações do professor, elaboramos um plano de ensino que consistiu em 6 (seis) aulas, em que o foco central foi a obra *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade.

Finalizado o período de observação, iniciou-se, então, o período de regência. O projeto de que trata este relatório foi embasado nas orientações dos professores orientadora e supervisor acerca de *Paulicéia Desvairada*, que foi o ponto de partida tomado para a elaboração das aulas e atividades que seriam propostas aos alunos. Para que a abordagem da obra de Mário de Andrade fosse bem sucedida, percebemos a necessidade de trabalhar com os alunos o contexto histórico e social em que o livro foi publicado, um contexto de mudanças e transformações nas artes e na cultura, e por isso as primeiras aulas do plano de ensino foram dedicadas à discussão sobre as vanguardas europeias, à importância de seus principais movimentos no Brasil e ao nascimento e desenvolvimento do Modernismo brasileiro.

As aulas seguintes à contextualização histórica e social que ensejou o movimento modernista no Brasil foram destinadas ao trabalho com *Paulicéia Desvairada*, especificamente a análise e discussão de seus poemas. A consolidação do período de regência deu-se por meio de produções criativas feitas pelos alunos que abordaram e foram inspiradas tanto em Mário de Andrade como em sua obra. Estas produções foram realizadas em 3 etapas: entrega da primeira versão, entrega da versão final e apresentação em sala. Finalmente, o encerramento do período de regência foi por meio da exposição dos trabalhos dos alunos nos painéis do espaço estético do CA, acessíveis a todos do corpo docente e discente da escola.

Este relatório organiza-se, portanto, da seguinte forma: na Seção 2 será apresentado e detalhado o projeto de docência, que compreendeu o período de observação, a elaboração do plano de ensino, dos planos de aula e o período de regência. Na Seção 3 será descrita a vivência prática na docência, a experiência no Conselho de Classe Participativo e a exposição dos trabalhos dos alunos no CA, e, por fim, a experiência individual de cada uma das estagiárias responsáveis pela elaboração deste relatório. A Seção 4 destina-se às considerações finais sobre todo o processo relatado e as Seções 5 e 6 compreendem as referências e os anexos, respectivamente.

2 A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

2.1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O Estágio Obrigatório no período diurno do semestre 2022.1 foi desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFSC, que tem como um de seus objetivos servir de “campo de observação, pesquisa, experimentação, demonstração e aplicação de métodos e técnicas de ensino” (PPP-CA, 2019, p. 10), proporcionando a prática de ensino para os estudantes da UFSC e sendo, dessa maneira, um ambiente importante e facilitador para a realização de projetos de docência nos mais variados campos da Licenciatura.

Além do mais, o CA também tem como finalidade “desenvolver práticas e produzir conhecimentos em função de uma melhor qualidade de ensino, estendendo-os à comunidade” (PPP-CA 2019, p. 11), o que atribui ao Colégio a qualidade de escola modelo. Essas características foram percebidas nitidamente por meio das visitas feitas à escola e da observação das aulas do professor George Luiz França, que percorreu toda a sua trajetória acadêmica na UFSC. Graduado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas em 2006 e 2007 (Licenciatura e Bacharelado, respectivamente) e tendo seu Mestrado e Doutorado em Literatura, especificamente em Teoria Literária, o professor George atualmente leciona Língua Portuguesa e Literatura Brasileira para os alunos do 3º ano do Ensino Médio do CA e, com sua bagagem e repertório, vem conduzindo os alunos por um caminho farto que lhes confere uma capacidade impressionante de apreensão de leitura e de produção textual com qualidade.

Observou-se claramente, ainda, a perspectiva de linguagem, de sujeito e de ensino que o professor segue ao administrar suas aulas, adotada por boa parte dos egressos do curso de Letras da UFSC. Valendo-se de uma abordagem extremamente acessível para lidar com as demandas do ensino de língua portuguesa na escola e partindo de uma perspectiva em que a língua é uma prática social, que está em um contexto com propósitos, que se articula com recursos linguísticos e literários por meio de sujeitos formadores ativos de seu próprio conhecimento, percebeu-se que o processo de ensino-aprendizagem nas aulas do professor George se dá de maneira descontraída e dinâmica, eficaz e prazerosa, tanto para os alunos quanto para ele. Dessa maneira, o aluno é capaz de aprender e expandir seus conhecimentos sobre a língua e a literatura brasileira independentemente do contexto em que está inserido.

A perspectiva de ensino que guia as aulas do professor George é baseada principalmente nos estudos acerca do letramento literário de Rildo Cosson. O autor ressalta a importância deste conceito, em que postula:

Ler é fundamental em nossa sociedade porque tudo o que somos, fazemos e compartilhamos passa necessariamente pela escrita. Ao nascer, recebemos um nome e um registro escrito. Ao morrer, não é diferente. Precisamos da escrita para atestar nossa morte. Entre um ponto e outro que tece a linha da existência, somos crianças e os brinquedos, como o vídeo-game, demandam que saibamos ler. (SOUZA; COSSON, 2013, p. 101)

Ou seja, o letramento literário defendido por Cosson tem como foco um maior aproveitamento da leitura e da apropriação dela pelo aluno antes, durante e posteriormente às aulas, fato que é possível perceber nas aulas do professor França.

Ademais, um ponto de vista perceptivelmente adotado pelo professor George encontra respaldo no que postulam os estudos sociointeracionistas vigotskianos (VIGOTSKI, 2007), uma vez que as aulas de Língua Portuguesa que observamos foram planejadas para o fomento de diálogos e discussões a respeito das temáticas abordadas na sala de aula, criando, assim, um ambiente de interação social mediado pelo conteúdo trabalhado, seja ele um livro, um conceito, uma atividade ou qualquer outro dispositivo.

Durante as 4 semanas de observação das aulas de Língua Portuguesa, o trabalho desenvolvido foi com o livro de contos *Ánsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida, publicado em 1903. As aulas eram organizadas em semicírculo, de modo que os alunos tinham ampla visão uns dos outros e podiam comentar e discutir entre eles e tirar dúvidas com o professor de forma acessível em todas as aulas. Por si só, a estratégia do semicírculo facilitava a construção de pensamentos e de diálogos substanciais entre eles.

A dinâmica do professor George para o trabalho com os contos do livro de Júlia foi baseada nos círculos de leitura propostos por Cosson (2014). O professor distribuiu para cada um dos alunos (inclusive para as estagiárias) uma folha com a descrição do trabalho que seria desenvolvido por eles por meio da leitura do livro. A turma foi dividida em 4 grupos, cada um responsável por 7 contos, e cada membro do grupo teria uma função diferente:

- Diretor de resumo: este papel consistia em sintetizar o conto que seria discutido pelo seu grupo naquela aula. O diretor de resumo era o primeiro do grupo a falar no círculo;
- Conector: este aluno era responsável por conectar passagens do livro com situações reais/históricas e por encontrar no texto “pistas” e referências do contexto histórico em que o conto se passava;
- Explorador: sua função era encontrar no texto passagens “poderosas”, marcantes, engraçadas, intrigantes, etc., discutir e explicar essas passagens para a turma;

- Diretor de indagações: sua função era identificar e trazer para a discussão do grupo as reflexões trazidas pelo narrador no conto, bem como as questões filosóficas e/ou existenciais abordadas;
- Diretor de viagens e ilustrações: a função deste aluno era identificar os lugares que apareciam no conto que seria discutido, trazendo imagens ou informações sobre o lugar, ou ilustrar a história para os colegas por meio de imagens pesquisadas na internet ou desenhadas pelo próprio aluno; e
- Diretor de riquezas de vocabulário: sua função era identificar palavras diferentes e apresentar os significados delas dentro de seu contexto na obra.

Dessa forma, em todas as aulas, os alunos apresentavam suas próprias considerações sobre os contos de acordo com a função que desempenhavam no grupo. Após a apresentação de cada um dos alunos, o professor George estimulava os demais alunos a fazerem perguntas ou comentários sobre o que foi apresentado, e, por isso, em todas as aulas éramos agraciadas por discussões riquíssimas sobre as temáticas levantadas.

O professor de antemão nos informou que tínhamos liberdade para participar ativamente de suas aulas e contribuir com nossos comentários, então surgiram oportunidades em que trazíamos novos apontamentos sobre o que estava sendo discutido ou nós mesmas iniciamos uma nova discussão sobre determinado ponto. Enquanto professor, George ocupava o lugar de mediador das aulas, era um guia das discussões dos alunos, instruindo-os, fazendo comentários breves que geravam outros comentários e alterando o foco da discussão quando estes se desviavam do assunto central do conto. Os alunos eram bastante participativos, de forma que as discussões nas aulas ora rendiam tanto assunto que o tempo não era suficiente para trabalhar todos os contos organizados conforme o planejamento do professor para cada aula, ora o professor precisava intervir e cessar a discussão para partir para o próximo ponto.

Sobre o conceito de professor mediador, Silva (2007) o define como uma ponte entre o educando e a própria vida, não se restringindo apenas ao conhecimento tradicional e engessado, mas, no tocante à vida fora da sala de aula, proporciona conhecimento sobre a humanidade e sobre o que é ser humano, compartilhando os seus próprios saberes com os alunos e construindo novos conhecimentos sobre a humanidade e a vida mediante os diálogos e as comunicações desenvolvidos em sala de aula.

O trabalho do professor George nas aulas de Língua Portuguesa para os 3os anos era voltado para a literatura, em alguns momentos introduzindo a gramática de acordo com o que

se depreendia dos textos. Por se tratar de um livro publicado no início do século XX, havia muitas palavras em *Ânsia Eterna* que hoje são escritas de forma diferente, muitas palavras criadas pela autora e, além disso, a presença de verbetes desconhecidos pelos alunos, ponto que estava previsto como uma das atividades do projeto do professor para o trabalho com este livro, que era a identificação dessas palavras e a busca pelos seus significados.

As aulas de Língua Portuguesa do 3A eram ministradas nas quartas e quintas-feiras, das 8h50min às 10h10min, e nas sextas-feiras, das 11h10min às 11h50min. Durante o semestre da disciplina de Estágio Obrigatório II, observamos ativamente as aulas compreendidas entre 27 de abril e 20 de maio de 2022 e, durante o período de regência, ministramos as aulas compreendidas entre 8 e 23 de junho de 2022. Assim, o projeto de docência teve um total de 18 (dezoito) aulas de duração e será apresentado na subseção 2.2 deste relatório.

2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA

O projeto de docência desenvolvido durante o semestre de Estágio Obrigatório II foi inspirado na orientação dos professores orientadora e supervisor, nos resultados apreendidos durante o período de observação e adaptados de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, que prevêm que seja prioridade:

que a concepção curricular seja transdisciplinar e matricial, de forma que as marcas das linguagens, das ciências, das tecnologias e, ainda, dos conhecimentos históricos, sociológicos e filosóficos, como conhecimentos que permitem uma leitura crítica do mundo, estejam presentes em todos os momentos da prática escolar. (BRASIL, 2000, p.19)

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) dispõe que o ensino de língua portuguesa nas escolas deve ser pautado na leitura, na produção (escrita ou semiótica), na oralidade e na análise linguística, esta última detendo-se na reflexão sobre a língua e os sistemas de escrita. Conforme constatado no período de observação e descrito na Seção 2.1 deste relatório, o trabalho que o professor George vinha desenvolvendo com os alunos do 3º Ano do CA era voltado para a literatura, mais especificamente para a leitura dos livros do vestibular da UFSC, e foi por esse caminho que fomos instruídas a seguir no trabalho com *Paulicéia Desvairada*.

O trabalho com a leitura de *Paulicéia Desvairada* justificou-se principalmente na visão de letramento literário cunhada e defendida por Cosson (2006), baseada em etapas em que nos debruçamos para elaborar os planos de aula que serão expostos nas próximas subseções. Cosson ressalta a importância do letramento literário ao postular que a leitura é um hábito fundamental em nossa sociedade, uma vez que tudo aquilo que nos constitui como sujeitos passa necessariamente pela escrita (SOUZA; COSSON; 2012, p. 1). Assim, entende-se que o letramento literário contribui com o processo de ensino-aprendizagem por meio da condução do aluno dentro da leitura, de modo que esta seja o mais proveitosa possível, criando um cenário de “apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”, em que o aluno se detém intimamente no que foi lido. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67 *apud* SOUZA; COSSON, 2012, p. 3)

Ao elaborarmos os planos de aulas, consideramos que o objetivo geral do trabalho com a obra de Mário de Andrade deveria ser abordá-la de maneira que os alunos teriam acesso aos principais e essenciais pontos para uma compreensão geral da obra, ao que ela diz respeito e de quais recursos poéticos Mário se valeu para escrever os poemas. Inicialmente, uma parte do planejamento era, além de trabalhar o “Prefácio Interessantíssimo” (“capítulo”

que ocupa quase a metade do livro, considerado um manifesto por si só), deter-se em 3 poemas específicos do livro para destrinchá-los e analisá-los em seus recursos e em suas características poéticas, mas com o decorrer das aulas de regência percebemos que, na prática, não haveria tempo hábil para uma análise consistente de todos. Assim como essa mudança de planos, algumas outras alterações que se fizeram necessárias durante o período de regência serão retratadas na Seção 3 deste relatório.

Ainda durante a elaboração dos planos de aulas, definimos que, para um melhor entendimento do conteúdo e uma melhor compreensão das nuances e particularidades de *Paulicéia Desvairada*, seria necessário dar alguns passos para trás e abordar nas primeiras aulas o contexto histórico-social em que o livro foi publicado, o movimento artístico-cultural revolucionário que estava acontecendo no Brasil na época e, inclusive, os movimentos que ensinaram o Modernismo no país. Para a abordagem contextual supracitada foi reservada a primeira aula de regência, em que apresentamos aos alunos os principais movimentos de vanguarda que estavam em erupção na Europa no início do século XX e que respingaram de maneira irreversível em várias partes do mundo: o Futurismo, o Expressionismo, o Cubismo, o Dadaísmo, o Surrealismo e as principais obras de cada um dos movimentos.

Vale mencionar, ainda, que os recursos utilizados para as aulas expositivas foram, em sua maioria, audiovisuais, ou seja, utilizamos a tecnologia ao nosso favor por intermédio de *slides* de apoio que continham os pontos principais de cada aula e com projeção de obras pontuais dos movimentos vanguardistas, de trechos do “Prefácio Interessantíssimo” e de poemas selecionados de *Paulicéia Desvairada* no *data-show*. Todos esses recursos foram disponibilizados para os alunos na plataforma *Moodle* logo após o término de cada aula, de modo que todos tinham fácil acesso ao conteúdo ministrado e às obras sempre que achassem interessante ou necessário consultá-los. Além disso, todas as orientações e tarefas a respeito da atividade final foram também postadas no *Moodle*.

Como atividade final do trabalho desenvolvido com o Modernismo brasileiro, com *Paulicéia Desvairada* e com Mário de Andrade, definimos como proposta de consolidação desse conteúdo que os alunos seriam incumbidos de elaborar um texto narrativo que tivesse relação íntima com a obra *Paulicéia Desvairada* ou que retratasse de alguma maneira o autor Mário de Andrade. Concluímos que a ideia de solicitar uma produção narrativa teria um resultado mais satisfatório do que, por exemplo, solicitar a produção de um poema, já que a elaboração de textos narrativos é um hábito construído desde praticamente o início do Ensino Fundamental, que é um gênero textual muito usado e com o qual os alunos já têm mais familiaridade. O trabalho com a escrita poética, por sua vez, demandaria um tempo maior para

introduzir o gênero poema – que é alvo de estranheza à maioria dos alunos do Ensino Médio –, para destrinchar os principais recursos poéticos que o compõem e toda a sua abstração. Trabalhar todos esses fatores exigiria, portanto, um tempo muito maior do que meras três semanas de regência.

A avaliação dos alunos foi pensada para levar em consideração a postura em sala de aula, a participação nas discussões, a entrega das atividades e a apresentação da proposta. A avaliação das produções escritas foi baseada na visão de Geraldi (2011) que explica, em *O texto na sala de aula*, sobre a importância de estimular os alunos a produzir e reescrever seus textos, mostrando a eles que a primeira versão de um trabalho pode sempre receber melhorias e que eles não devem ser avaliados de forma quantitativa pelas suas primeiras produções, mas sim de maneira qualitativa e contínua. Para a atividade que seria avaliada de forma somativa (com nota de 0 a 10), solicitamos que os alunos formassem duplas, sem exceções para trabalhos individuais, pois a ideia era que o trabalho fosse pensado, discutido e desenvolvido em conjunto (o 3A possuía um número ímpar de alunos, e por isso foram formadas 10 duplas e 1 trio). Foi solicitado aos alunos primeiramente a entrega de um esboço, uma primeira versão, que mostrasse a direção que tomaram em suas produções.

Ato contínuo, no dia marcado para a entrega da primeira versão (presencial, em sala de aula), foi realizada a análise por pares, momento em que os alunos se reuniram com suas duplas para analisar a produção de uma das outras duplas por meio de um questionário elaborado pelas estagiárias. Considera-se esta etapa, chamada de heteroavaliação, de extrema relevância para a formação do pensamento crítico dos alunos em relação aos textos com os quais se deparam em momentos diversos de suas vidas, pois consiste em um degrau do processo de aprendizagem em que:

Os alunos podem ser instigados a fazer contribuições sobre o trabalho dos seus colegas, isso estimula um ambiente agradável e colaborativo na sala de aula. Além disso, a heteroavaliação estimula o diálogo entre os alunos, o fortalecimento das relações entre eles a modo de construir o aprendizado em conjunto, uns auxiliando os outros. (KUZNIEWSKI, 2021, p. 53)

A segunda etapa da avaliação somativa foi a entrega da versão final dos trabalhos dos alunos, resultante da reescrita e do desenvolvimento de seus esboços levando em conta os comentários feitos pelos colegas e pelas estagiárias. A terceira e última etapa consistiu na apresentação oral das suas produções em sala de aula, que ocorreu simultaneamente à entrega da versão final escrita no último dia de nossa regência. A nota final dos alunos foi, portanto, dividida em 3: 1/3 da nota correspondia à entrega da primeira versão, 1/3 à entrega da versão

final e 1/3 à apresentação. Vale destacar, ainda, que a etapa de heteroavaliação ocorrida entre as entregas da primeira e da segunda versão contribuiu significativamente para que atribuíssemos as notas finais, que podem ser verificadas na tabela constante do Anexo 6.4 deste relatório.

2.2.1 Planos de aulas

A junção do conhecimento e do aporte teórico-metodológico adquirido ao longo das reuniões de orientação e do período de observação acarretou a elaboração dos planos de aula. Foi mediante a instrução para o trabalho com *Paulicéia Desvairada* e a leitura de materiais de consulta como suporte para abordar todos os pontos em que nos propusemos tocar, especialmente *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*, de Gilberto Mendonça Teles (2022), que foram elaborados os planos para os 7 dias de regência que constam nas próximas subseções deste relatório.

Os planos de aula foram, portanto, divididos entre a apresentação do contexto histórico-social que antecedeu a Semana de Arte Moderna – e, conseqüentemente, o Modernismo brasileiro –, o trabalho com poemas selecionados de *Paulicéia Desvairada* e a escrita, reescrita e apresentação dos trabalhos dos alunos.

2.2.1.1 Dia 8 de junho de 2022 - 1ª e 2ª aulas, das 8h50min às 10h10min

Colégio de Aplicação (UFSC)

Professor da turma: George França

Estagiárias responsáveis pela aula: Bianca, Camila e Raquel

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio

Turma: 3º A

Turno: Matutino

Tema: O Modernismo brasileiro e as vanguardas europeias.

Objetivo Geral: Participação na discussão sobre os trechos selecionados dos Manifestos das Vanguardas Europeias.

Objetivos Específicos:

- Leitura prévia dos trechos selecionados dos Manifestos;
- Comentários durante a discussão sobre as Vanguardas Europeias e os seus manifestos.

Conhecimentos abordados: vanguardas europeias, Modernismo brasileiro e Mário de Andrade.

Metodologia:

Antes da primeira aula, será proposto que os alunos leiam os trechos selecionados dos Manifestos das vanguardas europeias. Eles terão acesso a esses trechos pelo Moodle, em um PDF com todos os trechos selecionados. Dessa forma, os alunos irão começar a primeira aula já tendo uma primeira leitura dos trechos dos manifestos selecionados.

A primeira aula destina-se à introdução do trabalho com o livro *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, que é um dos livros da lista do vestibular da UFSC. Entretanto, será esclarecido aos alunos que, antes da leitura do livro em si, é necessário que seja feita uma contextualização do período em que o livro foi publicado, qual seja, a primeira metade do século XX e as vanguardas europeias, que influenciaram diretamente tanto na literatura quanto parte da produção artística produzida no Brasil.

Dessa forma, a contextualização desse período será feita da seguinte forma:

1. Explicaremos que foram as vanguardas europeias que iniciaram esse período e também explicaremos o que são as vanguardas europeias;

2. Mostraremos aos alunos os Manifestos que selecionamos para as aulas (apenas apontar) e perguntaremos a impressão que tiveram ao ler os trechos dos manifestos.
3. Em seguida, a cada novo comentário dos alunos, será projetado o manifesto discutido, com três objetivos: 1) os alunos vão poder visualizar melhor qual manifesto está sendo discutido; 2) os alunos que não leram vão poder entender os manifestos em aula; e 3) explicar de forma breve o manifesto projetado, explicando os seus objetivos e características principais.
4. Quando cada um dos manifestos for mencionado pelos alunos durante a aula, iremos pedir que um outro aluno (sem ser o que fez um comentário) leia os trechos do manifesto em voz alta para os colegas. Dessa forma, aos poucos e no decorrer da aula, em harmonia com os comentários dos alunos, todos os trechos dos manifestos serão lidos e discutidos.

A ideia é que sejam abordados os seguintes manifestos, conforme a ordem cronológica dos acontecimentos:

1. Vanguardas europeias e seus principais movimentos:
 - 1.1 Futurismo e fragmentos do “Manifesto da mulher futurista”;
 - 1.2 Expressionismo e duas ilustrações expressionistas ;
 - 1.3 Cubismo e duas ilustrações cubistas;
 - 1.4 Dadaísmo e fragmentos do “Manifesto Dadá”;
 - 1.5 Surrealismo e fragmentos do “Manifesto do Surrealismo”.

Nesta aula, será disponibilizado em folha aos alunos um esquema com os principais manifestos das vanguardas europeias, seus autores e do que estes manifestos se tratavam, e será solicitado que as folhas sejam anexadas aos seus cadernos.

Ao final desta aula, será apresentada aos alunos a atividade que deverão realizar durante a regência das estagiárias, que consistirá na produção textual inspirada no livro *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade. Os alunos poderão se dividir em duplas ou, no máximo, trios. As produções textuais deverão ter, no mínimo, 1 página, e no máximo 5 páginas. Assim como o professor George forneceu aos alunos uma lista de possibilidades que poderiam explorar para fazerem seus trabalhos de consolidação com o conteúdo anterior, serão disponibilizadas algumas ideias de produção para que os alunos possam se guiar:

- Um conto ou uma crônica que tenha como um dos personagens o próprio Mário de Andrade;

- Uma *fanfic* em que um personagem de seus interesses leia o livro *Paulicéia Desvairada* e reflita sobre o livro através da história.
- Uma história em que dois personagens (criados pelo aluno ou personagens famosos) discutem sobre a interpretação de um poema do livro *Paulicéia Desvairada*.

Os alunos terão como prazo de entrega da primeira versão dessa produção textual na aula do dia 15/06, em que serão analisadas as produções dos colegas. Após as análises, os alunos deverão reescrever suas produções textuais e terão como prazo de entrega da segunda versão do trabalho a última aula de regência das estagiárias, que finda com a apresentação oral destas produções.

Também será discutido com os alunos e com a organização do CA sobre a possibilidade de veicular ou de expor as produções (dos grupos que desejarem) em um blog ou em alguma mídia social da escolha dos alunos.

Recursos didáticos:

- Projetor;
- Esquema dos manifestos (impresso).

Avaliação: Participação em sala de aula e leitura dos trechos dos manifestos (seja a leitura feita antes da aula ou feita em voz alta para os colegas).

Referências:

ARTE DO SÉCULO 20: EXPRESSIONISMO. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/expressionismo/>>. Acesso em 01 de jun, 2022.

CUBISMO. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/cubismo/>>. Acesso em 1 de jun, 2022.

EXPRESSIONISMO. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/expressionismo/>>. Acesso em 01 de jun, 2022.

MANIFESTO ANTROPOFÁGICO. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Acesso em 1 de jun, 2022.

MANIFESTO DADÁ. Disponível em: <<https://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/dada.htm>>. Acesso em 1 de jun, 2022.

MANIFESTO DA MULHER FEMINISTA. Disponível em:

<<http://universosdesfeitos-insonia.blogspot.com/2009/07/manifesto-da-mulher-futurista.html>>

. Acesso em 1 de jun, 2022.

MANIFESTO SURREALISTA: Disponível em:

<https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/manifesto_surrealista.pdf>. Acesso em 1 de

jun, 2022.

OBRAS E BIOGRAFIA DE ANITA MALFATTI. Disponível em:

<<https://www.culturagenial.com/anita-malfatti-obras-biografia/>>. Acesso em 1 de jun, 2022.

PABLO PICASSO. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/pablo_picasso/>. Acesso em

1 de jun, 2022.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

2.2.1.2 Dia 9 de junho de 2022 - 3ª e 4ª aulas, das 8h50min às 10h10min

Colégio de Aplicação (UFSC)

Professor da turma: George França

Estagiárias responsáveis pela aula: Bianca, Camila e Raquel

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio

Turma: 3º A

Turno: Matutino

Tema: Modernismo brasileiro e o livro *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade.

Objetivo Geral: Participação na discussão sobre o livro *Paulicéia Desvairada*.

Objetivo Específico:

- Leitura prévia dos trechos do “Prefácio Interessantíssimo”;
- Participação e fazerem comentários sobre as perguntas feitas sobre Mário de Andrade e sobre o “Prefácio Interessantíssimo”.

Conhecimentos abordados: Modernismo brasileiro e Mário de Andrade.

Metodologia:

Retomada dos últimos momentos da aula anterior. Também iremos, depois disso, introduzir o Mário de Andrade, seu livro *Paulicéia Desvairada* e iremos abordar o “Prefácio Interessantíssimo” como um manifesto.

Dessa forma, a aula terá os seguintes passos:

1. Retomada do que é um manifesto e o que foram as vanguardas europeias;
2. Explicação breve da influência das vanguardas europeias para o Brasil e explicação sobre o que foi o Modernismo Brasileiro (suas características e sua origem em 1922);
3. Perguntaremos aos alunos se eles sabem quem foi Mário de Andrade, fazendo os seguintes questionamentos: “*Já ouviram falar dele? Já ouviram falar de Macunaíma? Sabia que foi ele quem escreveu esse livro?*”
4. Em seguida, conforme os comentários dos alunos, apresentaremos quem foi Mário de Andrade e explicaremos brevemente sobre o livro *Macunaíma* (*é um livro que fala, indiretamente, sobre o Brasil. O Macunaíma é uma metáfora para o Brasil*).

5. Depois disso, iremos apresentar o livro *Paulicéia Desvairada*, comentando que é um livro de poemas e que possui um prefácio que pode ser visto como um manifesto.
6. Por fim, serão projetados alguns trechos selecionados do “Prefácio Interessantíssimo” para leitura com os alunos, juntamente com os seguintes questionamentos: “*O vocês acham que esse trecho quis dizer? Vocês acham que tem alguma semelhança desse prefácio com os manifestos que lemos na aula passada? Se sim, quais?*”

Recursos didáticos:

- Projetor (para projetar os textos a serem trabalhados e apresentados);
- Lousa, se necessário, para anotar apontamentos da aula.

Avaliação: Participação em sala de aula.

Trechos selecionados do “Prefácio Interessantíssimo”:

“Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste Prefácio Interessantíssimo.”

“E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma sô vez das teorias-avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem.”

“Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos de contacto com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me de futurista, errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse. Tal foi o escândalo, que desejei a morte do mundo. Era vaidoso. Quis sair da obscuridade. Hoje tenho orgulho. Não me pesaria reentrar na obscuridade. Pensei que se discutiriam minhas idéias (que nem são minhas): discutiram minhas intenções. Já agora não me calo. Tanto ridicularizariam meu silêncio como esta grita. Andarei a vida de braços no ar, como o "Indiferente" de Watteau.”

“Um pouco de teoria? Acredito que o lirismo, nascido no subconsciente, acrisolado num pensamento claro ou confuso, cria frases que são versos inteiros, sem prejuízo de medir tantas

sílabas, com acentuação determinada. Entroncamento é sueto para os condenados da prisão alexandrina. Há porém raro exemplo dele neste livro. Uso de cachimbo...”

“Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório — questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural — tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu Fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Onde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.”

“Quem leciona História do Brasil obedeceu a uma ordem que, certo, não consiste em estudar a guerra do Paraguai antes do ilustre acaso de Pedro Álvares. Quem canta seu subconsciente seguirá a ordem imprevista das comoções, das associações de imagens, dos contatos exteriores. Acontece que o tema às vezes descaminha.”

Referências:

ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

ANDRADE, Mário de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2016.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Antrofágica, 2022.

SANDRONI, Luciana. *O Mário não é de Andrade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

2.2.1.3 Dia 10 de junho de 2022 - 5ª aula, das 11h10min às 11h50min

Colégio de Aplicação (UFSC)

Professor da turma: George França

Estagiárias responsáveis pela aula: Bianca, Camila e Raquel

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio

Turma: 3º A

Turno: Matutino

Tema: Os poemas do livro *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade.

Objetivo Geral: Participação na discussão e leitura dos poemas selecionados.

Objetivos Específicos:

- Leitura prévia dos poemas selecionados;
- Participação e responderem as perguntas feitas por nós, professoras-estagiárias;
- Leitura, em sala, dos poemas, para a turma toda.

Conhecimentos abordados: Análise linguística e o livro *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade.

Metodologia:

O início da aula destina-se a uma breve retomada dos últimos momentos da aula anterior e da explicação do que será feito nesta aula: em conjunto e em voz alta, serão lidos 3 poemas selecionados do livro *Paulicéia Desvairada*.

A aula terá as seguintes ações:

1. Retomada dos últimos momentos da aula passada e lembrar os alunos que o livro *Paulicéia Desvairada* é um livro de poemas modernistas;
2. Projetar o primeiro poema selecionado e pedir que um aluno leia o poema em voz alta para a sala (os alunos poderão se voluntariar, mas caso nenhum se voluntarie, iremos selecionar um nome aleatoriamente na lista de chamada).
3. Após a leitura do poema em voz alta, perguntaremos aos alunos: “*O que o autor parece querer dizer com esse poema? Como vocês interpretariam esse poema?*”.
4. E, após alguns comentários e palpites dos alunos sobre o primeiro poema, seguiremos para o próximo, sempre pedindo que um leia, perguntando em seguida como eles

interpretariam esse poema e, depois de alguns comentários, seguiremos para o próximo poema, até que os 3 poemas tenham sido lidos e discutidos pela sala.

No decorrer da aula, iremos incentivar os alunos que não há interpretação certa: não há como saber exatamente o que um autor quer dizer com que escreveu, mas observando os elementos usados no texto (e a forma como foram usados) podemos ter interpretações mais consistentes, afinal, elas não são baseadas em achismo, mas sim baseadas nos próprios elementos do texto.

Recursos didáticos:

- Projetor (para projetar os textos a serem trabalhados e apresentados);
- Lousa (para anotar esquemas sobre o tema da aula);
- Material físico dos poemas selecionados

Avaliação: Participação em sala de aula.

Os poemas selecionados do livro *Paulicéia Desvairada* para serem lidos nessa aula são:

“Inspiração”

“Os Cortejos”

“Paisagem Nº 2”

Perguntas para direcionar a discussão com os alunos durante a aula:

Sobre o poema “Inspiração”:

1. Qual o tema do poema? A que ele se refere?
2. Esse é um poema que descreve a cidade de São Paulo de forma positiva ou negativa? Explique.
3. Qual a ideia que os três pontos passam para o poema?

Sobre o poema “Os Cortejos”:

1. O que é a “Paulicéia” no poema? Ao que esse termo se refere?
2. A cidade é descrita de uma forma parecida com a do poema anterior? Por quê?
3. Há metáforas* no poema? Quais?

**Explicar para os alunos, antes de fazer essa pergunta, o que são metáforas.*

Sobre o poema “Paisagem Nº 2”:

1. Qual o tema principal do poema? Se pudessem resumir ele em uma única palavra, qual usariam?
2. Há personificações* no poema? Quais?

** Explicar para os alunos, antes de fazer essa pergunta, o que são personificações.*

Referências:

ANDRADE, Mário de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2016.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

2.2.1.4 Dia 15 de junho de 2022 - 6ª e 7ª aulas, das 8h50min às 10h10min

Colégio de Aplicação (UFSC)

Professor da turma: George França

Estagiárias responsáveis pela aula: Bianca, Camila e Raquel

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio

Turma: 3º A

Turno: Matutino

Tema: Entrega e análise da primeira versão da atividade final.

Objetivo Geral: Entrega da primeira versão da atividade final.

Objetivos Específicos:

- Entrega da primeira versão da atividade final;
- Análise das produções textuais dos colegas;

Conhecimentos abordados: Análise linguística e revisão de texto.

Metodologia:

Nessa aula, iremos pedir que os alunos entreguem a primeira versão da atividade que foi pedida na primeira aula. Os alunos que tiverem entregado a primeira versão da atividade pelo e-mail, nós iremos trazer suas produções impressas.

Organizando a sala em duplas, iremos entregar aleatoriamente as produções dos colegas para cada grupo (ou seja, cada dupla terá em mãos uma produção textual de outra dupla).

Pediremos, então, que os alunos analisem a produção dos colegas, observando os seguintes pontos:

- As frases no texto fazem sentido ou estão confusas? Teve alguma frase que você não conseguiu entender com clareza o que queria dizer?
- A produção teve um começo, meio e fim? Ou os acontecimentos da história (ou argumentos da produção) são desconexos e não tem uma ordem progressiva, de evolução? Explique a sua resposta.

- A produção respeitou o tema proposto para a atividade? Teve relação com o livro *Paulicéia Desvairada*? Explique a sua resposta.

Entregaremos esse roteiro de perguntas, impresso, para os alunos preencherem durante a aula.

Depois que os alunos discutirem esses pontos, pediremos que os alunos escrevam a resposta para essas perguntas acima, em uma nova folha, que será anexada junto com a produção analisada. Assim, ao fim da aula, cada grupo receberá suas produções e os comentários dos colegas, para que eles possam realizar a reescrita da produção textual e entregarem na última aula da regência (e os alunos serão lembrados dessas instruções e do prazo de entrega da segunda versão dessa atividade).

Recursos didáticos:

- Projetor;
- Lousa.

Avaliação: Entrega da primeira versão da atividade final e análise das produções dos colegas.

Referências:

ANDRADE, Mário de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2016.

2.2.1.5 Dia 22 de junho de 2022 - 8ª e 9ª aulas, das 8h50min às 10h10min

Colégio de Aplicação (UFSC)

Professor da turma: George França

Estagiárias responsáveis pela aula: Bianca, Camila e Raquel

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio

Turma: 3º A

Turno: Matutino

Tema: *Paulicéia Desvairada* - nuances e poemas.

Objetivo Geral: Participação na discussão sobre o livro *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade.

Objetivo Específico: Participação e respostas às perguntas feitas sobre a *Paulicéia Desvairada*.

Conhecimentos abordados: Conhecimentos gerais sobre *Paulicéia Desvairada* e sobre Mário de Andrade.

Metodologia:

No início dessa aula, iremos relembrar os alunos sobre a produção textual e sobre a apresentação do dia seguinte. Iremos perguntar se os alunos têm alguma dúvida sobre a atividade, sobre a entrega ou sobre a apresentação do dia seguinte.

Depois disso, essa aula se destinará a uma discussão sobre o livro *Paulicéia Desvairada*, além de relembrarmos os alunos o que é (e sobre o que é) a *Paulicéia Desvairada*.

Para guiar a discussão, serão feitas as seguintes perguntas:

1. O que, aparentemente, significa *Paulicéia Desvairada*?
2. Existe relação do título com os poemas? Quais?

Recursos didáticos:

- Projetor;
- Lousa.

Avaliação: Participação em sala de aula.

Respostas para as perguntas que iremos fazer aos alunos:

1. No poema “Paisagem Nº 2”, Mário se refere aos cenários da *Paulicéia* no inverno. Ele também se refere a São Paulo em outros poemas. *Paulicéia* parece ser uma referência a São Paulo. Já *Desvairada* parece se referir ao aspecto incoerente dessa cidade: não é à toa que o “Prefácio Interessantíssimo” é cheio de incoerências intencionais (é só ver os trechos que selecionamos na aula 2 para perceber isso).
2. Sim, existe. Há alguns poemas que mencionam a cidade de São Paulo, descrevendo-a, seja chamando-a de São Paulo ou chamando-a de *Paulicéia*.

Referências:

ANDRADE, Mário de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2016.

2.2.1.6 Dia 23 de junho de 2022 - 10^a e 11^a aulas, das 8h50min às 10h10min

Colégio de Aplicação (UFSC)

Professor da turma: George França

Estagiárias responsáveis pela aula: Bianca, Camila e Raquel

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio

Turma: 3º A

Turno: Matutino

Tema: Apresentação e entrega da atividade final que os alunos produziram, que foi orientada na Aula 1.

Objetivo Geral: Apresentação da atividade final.

Objetivos Específicos:

- Entrega da segunda versão da atividade final;
- Apresentação, para a sala toda, da atividade final produzida por cada grupo;

Conhecimentos abordados: Mário de Andrade e o livro *Paulicéia Desvairada*.

Metodologia:

A última aula do período de regência das estagiárias será a apresentação das produções textuais dos alunos (versão final). Os alunos deverão entregar suas produções textuais nessa aula (ou, caso tenham feito a produção de forma digital, deverão ter enviado, antes da aula, por e-mail).

Os alunos terão um tempo limite para apresentar suas produções textuais (será pedido que eles leiam em voz alta, para a sala toda, suas produções). Assim, no decorrer da aula, todos os grupos deverão apresentar.

Somente ao final da aula e quando todos tiverem apresentado, os alunos poderão fazer perguntas e comentários aos colegas, caso acharem pertinente.

Recursos didáticos:

- Projetor;
- Materiais produzidos pelos alunos.

Avaliação: Apresentação das produções textuais e participação em sala de aula.

Referências:

ANDRADE, Mário de. Paulicéia Desvairada. São Paulo: Ciranda Cultural, 2016.

2.3 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

O refletir sobre o fazer docente, as performances dos regentes em sala de aula, o contato com os alunos, a solicitação e correção de atividade e demais aspectos relacionados a ser, de fato, um professor, é um momento de extrema importância para que haja uma evolução profissional, pois, segundo a experiência de Vera Bazzo (2007, p. 23), a reflexão sobre o que funcionava ou não dentro das salas de aula que lecionava e sobre a sua própria prática foi um dos fatores que colaborou para que ela aprendesse a ser uma professora.

No presente relatório concordamos também com a visão de Nunes (2001) que ressoa o que os pesquisadores estrangeiros e brasileiros chamam de “saberes docentes”. A autora considera “o professor como um profissional que adquire e desenvolve conhecimentos a partir da prática e no confronto com as condições da profissão” (NUNES, 2001, p. 32), e dessa forma o estágio é, portanto, uma experiência igualmente enriquecedora, assim como foi a experiência relatada neste documento.

Dois momentos distintos constituem este tópico de reflexão e análise, pois a docência se iniciou assim que nós três, como estagiárias, adentramos o espaço de sala de aula e tivemos contato com a turma enquanto a regência ainda era responsabilidade do professor titular, portanto separamos em duas partes: aprendizagens da observação e aprendizagens da regência.

De início, é importante deixar claro que, para nós, toda a experiência da sala de aula foi novidade, uma vez que em nenhum momento ao longo dos anos do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas alguma de nós regeu uma turma em qualquer tipo de atividade oficial e presencial. A vivência se iniciou, de fato, com a nossa entrada em sala de aula, e saímos da primeira aula da mesma maneira que entramos: em silêncio e processando o que tínhamos acabado de presenciar. Um destaque é válido nesse ponto, pois estar em uma sala de aula não foi, de maneira nenhuma, algum tipo de novidade, pois o ambiente escolar faz parte de nossa realidade desde crianças. Entretanto, estar em uma sala de aula na condição de estagiárias de docência, observando como se dá um fazer docente, com a consciência de que em algumas semanas as pessoas à frente da turma seríamos nós três, trouxe toda uma nova perspectiva das aulas assistidas.

Com o mencionado acima como base para todas nós, entramos, sentamos e observamos durante cerca de 12 (doze) encontros a forma como funcionava a dinâmica daquela sala de aula em particular. Em um primeiro momento permanecemos quietas, porém,

na medida em que o professor nos dava liberdade durante a mediação das discussões, passamos a participar ativamente das aulas, fazendo comentários pontuais ou complementando a fala dos alunos ou do professor. Os comentários eram feitos timidamente no início, mas, aos poucos, depois de observar atentamente, passamos a participar com uma maior liberdade e até mesmo a fazer comentários que eram respondidos e melhor elaborados pelos próprios alunos ou que originaram saudáveis discussões entre eles.

Quando começamos nosso período de observação, já havia uma atividade sendo desenvolvida há pouco tempo com os alunos (provavelmente iniciou-se um ou dois encontros antes da nossa entrada): um círculo de leitura, tal qual proposto e desenvolvido por Cosson (2014), com a obra *Ânsia Eterna* (de Júlia Lopes de Almeida), que, assim como *Paulicéia Desvairada* (de Mário de Andrade), foi indicada como um dos livros da lista do vestibular da UFSC.

O que nos moveu a trabalhar com a *Paulicéia Desvairada* foi bastante simples: o cronograma do professor George, que previa o trabalho com essa obra no período de tempo em que estaríamos regendo a sala (tal qual todos os outros grupos). O livro estava programado como leitura obrigatória para o vestibular, assim como *Ânsia Eterna* e demais livros que serão trabalhados com os alunos no decorrer do ano letivo, conforme o calendário padrão para os últimos anos do Ensino Médio.

Ânsia Eterna foi um livro de contos primeiramente publicado em 1903, e a dinâmica do círculo de leitura com a obra foi essencial para compreender a sala de aula em que estávamos inseridas e que muito em breve iríamos reger. Essa dinâmica, segundo proposto por Cosson (2014), era bastante simples e consistia em separar a turma em grupos (neste caso, cada grupo era responsável por determinada quantidade de contos). Conforme mencionado na Seção 2 deste relatório, cada participante do grupo desempenhava uma função diferente a cada conto e as discussões e explanações seguiam um roteiro disponibilizado pelo professor antes do início das atividades.

Durante a discussão da obra de Júlia Lopes de Almeida, os alunos foram regentes da maior parcela dos encontros, contando com o professor George como professor mediador (SILVA, 2007), que fazia apenas ao fim das falas dos alunos alguns comentários pontuais sobre o que foi dito ou chamava atenção para algum aspecto importante da obra que por ventura não tivesse sido pontuado pelos integrantes do grupo. Toda a relação feita pelos alunos e construída ao longo daqueles encontros deixou claro que o professor George os trata como construtores de conhecimento e valoriza justamente esse tipo de desenvolvimento de ensino-aprendizagem em suas aulas.

Silva (2007) afirma que ser um professor mediador e estabelecer a mediação e o dialogismo dentro da sala de aula é um processo que necessita de uma terceira pessoa (o professor), que funcionará como uma ponte entre as partes envolvidas (os alunos). Dessa forma foi possível compreender a participação pontual do professor George na relação com os alunos: para que a mediação acontecesse, ele precisava estabelecer relações e diálogos entre eles, estimular os debates e os comentários uns com os outros de modo que, ao invés do que postulavam os métodos de ensino tradicionalistas – em que o professor era o centro da sala de aula –, as discussões ficassem centradas nos alunos.

As chamadas metodologias ativas de aprendizagem, como conhecidas, são as metodologias que colocam o estudante como protagonista da construção de seu conhecimento, são “estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida” (MORAN, 2018, p. 4). O centro desse processo passa a ser os alunos e não mais o professor, diferentemente de metodologias de ensino tradicionalistas.

Os alunos contemporâneos nasceram dentro de uma geração imersa na tecnologia desde seus anos iniciais, e tal fato é algo nunca antes visto:

O contexto social em que nos encontramos, nunca antes presenciado na história humana, é o da era tecnológica: a informação está à disposição dos sujeitos em velocidades cada vez mais rápidas, vinculadas no momento dos fatos por meios cada vez mais avançados. Essa mudança exige das pessoas uma autonomia e um posicionamento que não eram exigidos há décadas atrás. (FREIBERGER & BERBEL *apud* LOVATO et al, 2018, p. 2)

A tecnologia, nesse caso, os fez, em grande maioria, estudantes que “hoje estão conectados a todo instante, são exigentes, críticos, assim, parece que o ensino tradicional vem aos poucos, perdendo seu espaço” (LOPES, RIBEIRO, 2018, p. 2).

Os alunos formados pelo CA (protagonistas do período de observação das aulas e, em grande maioria, alunos do Colégio Aplicação há vários anos que já tiveram aulas de português com o professor George em outros anos de sua trajetória na escola) são estudantes ativos e inseridos no processo de ensino-aprendizagem como agentes de seu conhecimento. Neste mesmo panorama, o professor atua como um auxiliador e mediador, alguns ainda atuando com um “mosaico” educacional, podendo este variar mesmo durante suas aulas, utilizando métodos tradicionais alternados com métodos inovadores. Esta estratégia é uma escolha específica de cada professor, de acordo com o que ele se propõe a trabalhar (ANTUNES *apud* LOVATO et al, 2018 p. 2).

Durante o período de observação, tivemos a oportunidade de compreender em primeira mão que o tempo de uma aula não pode se constituir apenas de conteúdo e que,

mesmo programando um número x de etapas a serem seguidas durante uma aula, o professor conseguirá realizar menos do que o programado a depender das demandas da turma. Perde-se tempo de aula até que os alunos se aquietem e perde-se tempo de aula para fazer a chamada. Conversas paralelas e discussões que vão além do desejado também enxugam este tempo, e é papel do professor regente saber (descobrir ou aprender) como melhor controlar a situação para que o máximo de tempo de aula seja utilizado conforme a sua programação.

O gerenciamento do tempo é uma preocupação comum do professor, que pode se estender da educação básica ao ensino superior, e é objeto de estudos por ser algo que faz parte, intrinsecamente, do fazer da escola. Segundo Puentes e Aquino (2008), um número considerável de teóricos demonstra preocupação com o assunto desde o final do século XX, fazendo estudos que tratavam tanto do tempo do fazer docente (que é mais do que conteudista, pois tem em seu bojo diversas atividades profissionais distintas) quanto da gestão de tempo dos alunos, definindo que existem cerca de três tipos diferentes de tempos que envolvem uma aula: “tempo da aula, tempo na tarefa e tempo de estudo extra-classe” (PUENTES, AQUINO, 2008, p. 5).

Tratamos aqui, neste momento, apenas dos tempos que concernem os minutos limitados que os professores passam em sala de aula, pois “o papel da aula eficaz é garantir a alta produtividade e o rendimento do trabalho do aluno e do professor, a fim de propiciar a obtenção de altos resultados, com as inversões de tempo e esforços indispensáveis” (PUENTES, AQUINO, 2008) e, segundo os teóricos Danilov e Skatkin (1978) a melhor maneira de obter bons resultados depende fatores como:

a) eliminação das possíveis perdas de tempo em aulas e b) correta interação dos fatores que determinam os resultados do ensino. Dentro da primeira, são indicadas: 1 – início e final das atividades e tarefas no momento oportuno; 2 – exclusão de questões e conversações supérfluas ou alheias ao tema da aula; 3 – desenvolvimento rigorosamente consecutivo e cuidadosamente reflexivo, tanto dos aspectos independentes da aula, como da aula no conjunto, ou seja, eliminação das perdas de tempo na transição de uma etapa a outra; 4 – máxima redução das perdas de tempo na organização, inclusive, nos denominados momentos organizativos; 5 – habilidade para manter ocupados todos os alunos da sala de aula (DANILOV, SKATKIN, 1978 *apud* PUENTES, AQUINO, 2008, p. 5).

É possível discernir claramente, portanto, que o fazer docente em sala de aula, cujo tempo é limitado e delimitado, depende de diversas variáveis, uma delas sendo o conteúdo de fato, e também de outros fatores dos quais dependem aulas bem sucedidas. É papel do professor saber gerir a combinação de todos esses elementos para que o aproveitamento do tempo dentro de sala de aula seja o melhor possível para a obtenção de seus objetivos.

Outro aprendizado resultante do período da observação foi que o gerenciamento de tempo bem realizado tem o potencial de fazer com que os conteúdos das aulas sejam, verdadeiramente, para as aulas presenciais, sempre priorizando o tempo do aluno dentro de sala de aula, possibilitando que ele tenha um maior tempo hábil fora de sala. Dessa maneira, o mínimo possível de atividades fica destinado para períodos extraclasse, possibilitando um maior tempo para seus demais estudos (sejam eles da matéria em questão ou de outras).

Ainda tratando do tempo em sala de aula e sua boa utilização, percebe-se que, infelizmente, nem tudo está sob o controle do professor ou do aluno (ainda que mais do primeiro que do segundo) e diversas falhas técnicas podem ocorrer e atrapalhar o tempo do professor dentro da sala de aula. Um exemplo material são as falhas técnicas, como um projetor estragado ou até falta de energia elétrica. Outro exemplo, desta vez um pouco mais complexo, como problemas com alunos dispersos ou ausentes na sala de aula mas que estão presentes em outras partes da escola, pode atrapalhar ou atrasar o cronograma que foi estabelecido dentro de uma quantidade de aulas e de dias letivos limitada. Por esse motivo é importante sempre manter em mente que o plano de ensino acaba sendo, por essência, um documento incompleto, que pode ser adaptado em todos os momentos a depender das diferentes necessidades das turmas. O plano de ensino consiste, portanto, em “um tipo de planejamento que busca a previsão mais global para as atividades de uma determinada disciplina durante o período do curso (período letivo ou semestral) e que pode sofrer mudanças ao longo do período letivo por diversos fatores internos e externos” (SPUDEIT, 2014, p. 2).

A constatação acima tem relação com as aulas do professor George que tivemos a oportunidade de assistir. O planejado por ele era discutir um total de 4 contos por encontro e a média de discussões ficava sempre entre 2 contos completos e um incompleto (geralmente era discutido superficialmente para depois ser melhor trabalhado). Isso fez com que a proposta do círculo de leitura levasse o dobro de tempo para ser finalizada.

Além de inúmeras estratégias e conhecimentos adquiridos durante o período de regência, aprendemos também que os professores têm sempre um plano. Fora o plano de aulas (documento obrigatório que guia todo o período de regência), que é o plano principal/ideal da maneira como aquela aula vai acontecer, existe – ou deveria existir – sempre uma segunda opção – que não necessariamente é usada, mas pode ser – para caso algo não funcione ou caso a aula não tenha o rendimento de discussões ou de pautas esperado.

Uma boa parte dos aprendizados acima mencionados tem um fato comum: o tempo. O tempo é a ferramenta oferecida ao professor que pode, com muita facilidade, se esvaír sem

o devido planejamento, o que nos levou a concluir que existem diferentes tipos de tempo, em que o mais importante de todos e que define as implicações dos seguintes é o tempo de programação, planejamento e estudo que vem antes das aulas. Todos os componentes de uma boa aula demandam um tempo de preparação prévio: o desenvolvimento de um plano de aula, o planejamento das atividades que serão desenvolvidas com os alunos ao longo do período letivo, o estudo do conteúdo para ministrar a aula, a programação do que falar e quando falar, do que mostrar e quando mostrar e a correção de atividades são fatores que tomam um tempo extraclasse exorbitante dos professores. É interessante ressaltar, nesse momento da reflexão, que os professores têm sim um tempo para desenvolver tais tarefas, denominado de hora-atividade, porém, esse tempo raramente é suficiente para a realização plena de todas elas e, portanto, é comum que esses momentos invadam o tempo do professor que deveria ser desfrutado na vida fora da profissão.

Percebemos também durante a observação que a manutenção de um bom relacionamento professor-aluno, com respeito, reciprocidade e afeto, pode render bons frutos, segundo também constatado por Morales (1999):

Todos os professores podem ser modelos de identificação; porém, quando se trata de professores de prestígio e, além disso, queridos e aceitos por seus alunos, estes podem aprender com esses professores muito mais do que o professor conscientemente pretende ensinar. [...] As duas características normalmente necessárias para que um professor seja modelo de identificação são essas: (1) Em primeiro lugar deve ser um *bom professor* e ser considerado como tal por seus alunos (é competente, sabe a matéria, dá boas aulas etc.) e (2) além disso, deve ser *bem aceito* (querido, estimado... há muitas maneiras de *querer*) por seus alunos. Essa *aceitação afetiva* (ao menos a não recusa) será sempre importante se quisermos que as mensagens que consideramos valiosas cheguem aos alunos. Muitas boas mensagens (e bons conselhos etc.) se perdem simplesmente porque se recusa o mensageiro. (MORALES, 1999, p. 22)

No período de observação percebeu-se claramente que a maioria dos alunos (se não todos) cultivava uma relação de carinho e afeto ou, ao menos, respeito para com o professor George. Dentro de sala de aula, o professor falava horizontalmente, democratizando os conteúdos e usando uma linguagem sempre acessível e, fora de aula, estava sempre inserido nas brincadeiras dos alunos, participando dos chamados “Dias D” (dias em que estudantes do 3º ano estabeleciam uma temática para ir caracterizados para a escola, de acordo com o tema de cada dia), saía em fotos e vídeos para as redes sociais dos alunos e interagia com eles de forma leve, informal e despretensiosa.

Outro ponto interessante de se mencionar sobre isso é que o trabalho do professor é um trabalho que tem grande potencial para chegar muito além do pretendido. Em sala de aula há sempre os resultados intencionais e os resultados não intencionais, porém “o que se ensina

sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, *o mais importante e o mais permanente* do processo de ensino-aprendizado, e isso por sua vez depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos”. (MORALES, 1999, p. 15)

Não foi difícil concluir, também, quão bem funciona uma aula que conta com a participação dos alunos. A interação tornava a aula mais fluida e leve, o tempo parecia passar mais rapidamente e colaborava, além de tudo, com a fixação dos conteúdos ensinados. O professor George sempre incentivava a participação de todos, e uma das maneiras que ele encontrou e que funcionou de maneira satisfatória foi a delegação de tarefas segundo o preceito do círculo de leitura proposto por Cosson (2014).

Estes fatores observados influenciaram diretamente nos resultados do nosso período de regência, mas não se pode deixar de ressaltar um dos mais importantes deles: o relacionamento do professor George com os alunos do 3A. Por meio de uma aula participativa e que proporcionava aos alunos a liberdade de expressar suas opiniões, observamos, durante os encontros, a eficácia da aplicação dos círculos de leitura de Cosson (2014) pelo professor, que geravam a promoção de interação e, conseqüentemente, a aproximação entre alunos e o texto literário, o que tornava o ato de ler menos solitário e mais dinâmico.

Após o período de observação, tivemos uma das estratégias acima mencionadas como nossa companheira ao longo de todos os encontros que regemos: o tempo de programação pré-aulas. O planejamento das aulas, a elaboração de *slides*, de perguntas e respostas que seriam feitas, o estudo, a revisão de conteúdos, a divisão do que seria dito em cada aula e por quem, a programação das atividades propostas e tudo o que envolve a elaboração prévia do período de uma aula serviu de alicerce para a aplicação de tudo o que nos propusemos a desenvolver. Sem essa programação, seria exponencialmente mais desafiador dar conta de todo o conteúdo.

Além da preparação, uma das muitas intempéries que enfrentamos nas aulas regidas foi aprender a trabalhar em grupo. Como vem sendo pontuado desde o início deste relatório, o projeto de docência aqui retratado foi elaborado por um trio. Trabalhar em grupo implica provações e desafios inesperados para os quais nenhuma de nós estava preparada, independentemente de quantos anos de graduação foram percorridos até aqui e de quantos trabalhos em grupo já tinham sido feitos. Criar uma sintonia de grupo – ainda mais quando tínhamos acabado de nos conhecer –, saber respeitar opiniões e diferenças, não desrespeitar ou contrariar uma colega em frente à turma, saber se expressar para o grupo e para a turma, delegar tarefas entre nós, foram questões que tomaram tempo, que exigiram de nós muita

maturidade e empatia, e essas habilidades foram bem trabalhadas e exercidas durante os últimos meses, de modo que desenvolvemos uma conexão única durante a elaboração do projeto.

No trabalho em equipe surgiram questões inesperadas que nós, como grupo, fomos aprendendo a lidar e a nos adaptar; porém, ao mesmo tempo, o peso da função era dividido em três. Fora as questões que poderiam aparecer internamente no grupo – aprender a dialogar, falar uma mesma língua e nos unirmos em nossas diferenças –, fatores externos nos exigiam a habilidade de resolução de problemas conforme ocorriam. Como um trio, tudo dizia respeito a nós três e, assim como o desenvolvimento de todo o projeto era um trabalho conjunto, pensar em soluções fazia parte de nossas demandas.

A escolha da obra a ser lida durante o período de regência já foi previamente justificada e, sobre ela, não tínhamos grande voz de decisão por diversos motivos, porém, a maneira como iríamos trabalhar a *Paulicéia Desvairada* (1922) com os alunos era uma tarefa a ser desenvolvida completamente por nós e nosso aporte teórico. A obra que, majoritariamente, guiou a sequência programada foi *Letramento literário* (2006) de Rildo Cosson e o seu conceito de sequência didática desenvolvida com objetivo final de levar o aluno ao letramento literário.

A sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97) e tem uma grande utilidade para o professor, pois “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Para ir na direção do letramento literário, Cosson (2006) sugere uma sequência didática a ser seguida, podendo ser básica ou estendida a depender das possibilidades, objetivos e necessidades do professor. A sequência básica é composta por quatro passos e a expandida é composta por sete passos, que serão explicitados e explicados a seguir (COSSON, 2006).

Antes da explicação propriamente dita de cada passo, vale ressaltar que a sequência básica é composta de (1) Motivação, (2) Introdução, (3) Leitura e (4) Interpretação enquanto a sequência expandida é composta pelos passos (1) Motivação, (2) Introdução, (3) Leitura, (4) Primeira Interpretação, (5) Contextualização, (6) Segunda Interpretação e (7) Expansão.

Apesar de todos os passos da sequência básica se encontrarem também na sequência expandida, tratemos nesse momento apenas da sequência básica proposta por Cosson (2006) para uma compreensão mais completa de como implementar o letramento literário nas escolas, pois foi a que nos guiou durante esse processo:

1. A *Motivação* é o primeiro passo da sequência didática, em que o professor é responsável por preparar a entrada do aluno no universo da obra que será lida. O ideal é que a motivação seja programada para que os caminhos pelos quais a obra deve ser compreendida não sejam ditados, mas que possibilitem que os alunos estabeleçam laços com o universo presente na obra e com as suas características mais gerais, como, nesse caso, o contexto histórico do país e do mundo naquela época, como forma de instigar a curiosidade dos alunos. Diversas abordagens podem ser tomadas, por ser um passo mais abstrato aos alunos, como procurar ter contato com uma obra semelhante em formatos diversos ou se posicionar sobre um determinado tema, oralmente ou pela escrita.

2. A *Introdução* é o passo que, tradicionalmente, consiste em apresentar aos alunos características gerais da obra a ser lida e sobre seu autor. Outras estratégias de introdução podem ser colocadas em prática, porém este é o caminho mais comum. Cosson faz um alerta neste passo da sequência didática, que é sobre importância de não haver um número muito grande de informações (tanto autorais quanto bibliográficas ou contextualizadoras) pois tais informações têm o potencial de encaminhar a leitura individual do aluno sem que ele tenha a oportunidade de tirar conclusões próprias (risco este semelhante ao potencial do passo anterior de induzir as interpretações dos alunos).

3. *Leitura*: Após os passos anteriores terem sido realizados com cuidado e em um curto espaço de tempo, chega o momento da leitura propriamente dita, em que os alunos vão efetivamente ler a obra que será trabalhada (ou trechos da mesma). Esse passo envolve também o professor, pois ele deve criar estratégias de acompanhamento da leitura para que os alunos sejam auxiliados em suas dificuldades. Cosson (2006) chama atenção ao fato que, quando uma leitura é solicitada em sala de aula, por vezes os alunos apenas decifram os códigos escritos, mas, não se detém da leitura. O autor aponta que “quando o texto é extenso, o ideal é que a leitura seja feita fora da sala de aula [...]. Durante esse tempo, cabe ao professor convidar os alunos a apresentar os resultados da sua leitura no que chamamos de intervalos” (COSSON, 2006, p. 62). Esses intervalos colaboram para a compreensão da obra, pois ajudam o professor a identificar problemas e resolvê-los.

4. *Interpretação*: É o passo que deve ser realizado logo após a leitura da obra integral e é o momento em que o aluno externaliza suas ideias da obra de maneira mais abrangente. É o momento em que tudo que o aluno leu até então se junta e ele sente a necessidade de falar sobre o lido e sentido, e isso colabora na construção da compreensão, pois externalizar esses sentimentos tem grande influência na compreensão da obra. A participação do professor nesse passo não deve passar de provocações e questionamentos que

levem o aluno a pensar ainda mais longe, sempre tomando o devido cuidado de não deslegitimar a leitura feita por ele.

Há uma marca da presença de Cosson (2006) em toda a nossa programação, pois a sequência didática foi seguida quase que completamente como o previsto, como pode ser visto com clareza acima, no tópico 2.2. No passo (1) motivação, tratamos com os alunos sobre o contexto histórico, tanto nacional como mundial, que envolveu a publicação de *Paulicéia Desvairada*, primeiramente expondo brevemente os movimentos das principais vanguardas europeias e suas influências nos movimentos artísticos do restante do mundo.

Ainda no passo (1) motivação, ocorrido na primeira aula, ministramos aos alunos o movimento modernista e seus principais participantes, seus apoiadores, seus críticos e suas motivações. Cada um dos pontos acima citados foram trazidos aos alunos de maneira superficial, pois neste momento não era interessante se deter em informações demasiado complexas, que poderiam causar confusão quanto ao foco da regência. Sempre deixamos claro em sala de aula as relações do contexto histórico com a obra a ser trabalhada e seu autor.

No passo (2) introdução, desenvolvido na segunda aula da proposta, foram apresentados dados gerais de *Paulicéia Desvairada* e de seu autor. Trabalhamos com os alunos sobre quem foi Mário de Andrade, algumas de suas obras anteriores (e algumas posteriores) à publicação de *Paulicéia*, sua formação, seu círculo social e a sobre a Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, da qual o autor foi participante. Tudo isso foi discutido para que os alunos tivessem uma experiência de leitura fundamentada em fatos que lhes podiam ser desconhecidos e que impactaram diretamente na produção da obra.

O passo (3) leitura foi consolidado na terceira e na quarta aula e se iniciou, de fato, com a leitura de trechos selecionados do “Prefácio Interessantíssimo”. Após a leitura dos trechos, iniciamos a leitura e interpretação conjunta com os alunos dos poemas “Inspiração” e, em seguida, “Paisagem Nº 2”.

O passo (4) interpretação se iniciou na quarta aula (que foi dividida em dois momentos) e se estendeu até a quinta aula, e na sexta e última houve a apresentação dos trabalhos dos alunos. Este foi o passo mais abstrato e complexo até esse momento da sequência didática, pois a interpretação é, normalmente, feita apenas após a leitura integral da obra. Nesse caso, tínhamos duas questões: um livro de poemas não necessariamente tem um começo e um fim, pois cada poema tem começo e fim em si mesmo e podem ser lidos em qualquer ordem, o que, por si só, já capacitaria os alunos a interpretar e elaborar um produto final dessa interpretação, e foi o que propusemos.

Além da adaptação aos desafios que ocorriam na nossa sala de aula, foi interessante analisar como os outros grupos da nossa turma de Estágio Obrigatório lidavam com suas turmas de alunos do CA que foram a eles designadas. Depois da observação, nos reunimos em uma reunião de orientação e todos os grupos já tinham uma ideia mais fixa do que fazer e do que iria ou não funcionar em cada turma. Levando em consideração as individualidades de cada grupo, foi observado se existia um caráter mais participativo ou não nas discussões, quais alunos entregavam atividades, quem prestava atenção na aula ou não, e outros comportamentos que compõem as particularidades de uma sala de aula do ensino médio. Essa troca de experiências entre os alunos do estágio obrigatório foi fundamental para que pensássemos, de acordo com o que foi absorvido no período destinado à observação das turmas, qual método de avaliação seria mais bem sucedido para as atividades que seriam propostas na regência.

A avaliação dos alunos foi pensada qualitativamente, de maneira que levasse em consideração a participação em sala de aula, a entrega das atividades (e pontualidade) e a apresentação que estava programada. Desde o primeiro dia de regência avisamos aos alunos que iríamos trabalhar com uma atividade que teria duas entregas e uma apresentação final. Contudo, fizemos algumas alterações no que dizia respeito à abrangência da atividade.

Num primeiro momento, pensamos em disponibilizar algumas ideias de produção para que os alunos pudessem se inspirar, que iam desde a produção de um conto, uma crônica, uma *fanfic* ou até uma produção audiovisual. Percebemos, com isso, que quando não delimitamos o tipo de resultado que esperamos e deixamos as possibilidades muito amplas, os próprios alunos ficam confusos e acabam sem saber o que produzir. Com isso, logo na reelaboração dos planos de aula, restringimos o tipo de produção somente à dimensão textual e, nesses moldes, informamos aos alunos que eles eram livres para explorar sua criatividade desde que a produção textual tivesse como inspiração a obra *Paulicéia Desvairada* – compreendendo, aqui, paródia de um dos poemas, releitura do “Prefácio Interessantíssimo” ou até uma ode a Florianópolis – ou que tivesse relação com o autor, Mário de Andrade – e aqui tivemos resultados impressionantes que podem ser vistos na Seção 6.6 deste relatório.

Com o passar de algumas aulas, logo que recebemos a notícia e assim que tivemos a oportunidade, informamos aos alunos que haveria uma exposição no CA das atividades de todos os alunos do 3º Ano que foram desenvolvidas ao longo das breves semanas de regência. As propostas foram, é claro, diferentes para cada turma, pois foram pensadas dentro das individualidades de cada uma, mas todas elas tinham em comum a relação com *Paulicéia Desvairada* ou com Mário de Andrade.

Nesse momento é importante comentar sobre as motivações dos alunos para o desenvolvimento de atividades. Considera-se imprescindível oferecer aos alunos uma finalidade para aquilo que estão produzindo, pois:

os alunos agem tendo em vista diferentes metas [...]. Em alguns casos, o mais importante é aprender algo que faça sentido [...]. Em outros casos busca-se, sobretudo, evitar sair-se mal diante dos outros [...]. Em outros casos, o que parece prioritário é que as tarefas a realizar e as matérias a estudar tenham alguma utilidade prática, como conseguir a aprovação ou determinada nota (FITA, TAPIA, 2006, p. 19).

Acreditamos que todas as situações acima descritas são fatores que (parcial ou integralmente) interferem no processo de ensino-aprendizagem, pois trabalhar uma atividade que cumpra cada uma das metas citadas aumenta a possibilidade de participação dos alunos e, conseqüentemente, seu potencial de aprendizagem.

Colocando a nossa proposta em evidência, desenvolveu-se uma atividade que teria, portanto, (1) a entrega de uma primeira versão, (2) a oportunidade de reescrita que levava em consideração as anotações dos colegas e as nossas e (3) a apresentação para a turma do resultado final e, por fim, (4) a participação na exposição, momento adicional ao período de regência que foi proposto pelo professor George como forma de veicular os trabalhos dos alunos para além da sala de aula. Cada uma dessas etapas qualificava e exigia o envolvimento dos demais colegas em todo o processo de elaboração escrita, na apresentação e na exposição, e ofereceu um resultado prático aos alunos, como a apresentação em uma primeira instância e a exposição em uma segunda instância – esta em patamar bastante elevado em relação à primeira, pois seus trabalhos foram expostos para toda a escola. A questão da avaliação em si é interessante, pois, por mais que os alunos não percebam:

o professor ao assumir o papel de avaliador passa a agir como um pesquisador da aprendizagem do aluno, necessitando ter compreensão de seu objeto de avaliação. Deve intervir quando necessário para que o aluno aprenda e tenha consciência de que o conhecimento mediado dependerá das abordagens teóricas, metodologias e dos instrumentos utilizados para coletar dados (BRANDALISE, LARA, 2014, p. 4).

Nossa visão de avaliação concorda com o ponto de vista de que todos os jovens, crianças e adultos podem aprender, e que a avaliação auxilia na melhora desse processo, com “ênfase [...] na avaliação formativa, destinada a melhorar e a regular sistemática e deliberadamente o ensino e a aprendizagem” (FERNANDES, 2009, p. 29). A avaliação, portanto, não deve ser um instrumento apenas somativo, fechado em si, mas deve ser “um meio e não um fim em si mesma, delimitada pela teoria e pela prática que a caracteriza, portanto não se dá num vazio conceitual, mas dentro de uma dimensão de modelo teórico de mundo e educação, traduzido em prática pedagógica” (LUCKESI, 2003, p.28).

É claro que a nossa curta participação não poderia ter um impacto tão significativo na aprendizagem dos alunos, mas acreditamos que, como o processo de ensino-aprendizagem é um ato contínuo, as produções desenvolvidas no período de docência terão um grande potencial de colaborar com o professor George e seus objetivos a serem alcançados, pois a “função central do ato de avaliar é subsidiar soluções para os impasses diagnosticados, a fim de chegar de modo satisfatório aos resultados desejados” (LUCKESI, 2011, p. 186).

Não se pode deixar de mencionar uma importante estratégia de nossos dias de regência, que foi oferecer aos alunos a oportunidade de reescrever o texto produzido. Consideramos a reescrita de enorme relevância no processo de ensino-aprendizagem, e percebeu-se uma clara evolução entre a entrega da primeira versão e da versão do final dos trabalhos, mediadas pela heteroavaliação e por nossos próprios *feedbacks*, como cujos contrastes podem ser detectados entre os anexos 6.3 e 6.4 deste relatório. A prática da reescrita, mesmo que em um espaço de tempo tão curto, foi primordial para claras melhorias nas produções desenvolvidas e foi importante deixar claro aos alunos que a “relevância da reescrita contribui para que não se tenha a perspectiva de que o texto é um produto ‘pronto’, mas permite que novos conteúdos e ideias sejam a ele agregado em uma nova versão, em um processo que desencadeia o conhecimento” (RAMOS, 2021, p. 3).

Outra importante apreensão relacionada com a entrega de atividades propostas e com a questão da participação foi a adaptação da proposta para os alunos de educação especial presentes na turma do 3A, e foi nosso papel como professoras regentes fazer o possível para alcançá-los e inseri-los no espaço e nas atividades.

Essa é uma questão delicada e complexa, pois, a esse respeito:

a inclusão, portanto, requer uma revolução de paradigmas. Não significa apenas colocar pessoas “diferentes” num lugar em que não costumavam estar, a classe regular. Significa não mais conceber as necessidades especiais como imutáveis ou incapacitantes. Significa, ademais, rever o papel da escola e conscientizá-la de que sua responsabilidade é educar a todos, sem discriminação. Logicamente, isso exige uma reviravolta estrutural na sociedade, como um todo (KAFROUNI; PAN, 2001, p. 3).

Felizmente, o Colégio de Aplicação tem uma ótima estrutura para dar suporte a alunos com necessidades especiais e a seus professores. Ao longo do nosso período no CA, tivemos a oportunidade de participar de uma reunião com o professor George e a psicóloga encarregada dos alunos do Ensino Médio que tem contato direto com esses alunos para discutir uma boa abordagem que levasse à inclusão dos dois alunos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Finalmente, outro ponto de inclusão foi a democratização do conteúdo por meio de diferentes itens da cultura popular (cultura *pop*), pois compreendemos “a importância da cultura pop e sua multiplicidade de recursos para didatizar conteúdos programáticos de qualquer componente curricular” (BARRETO; SANTANA; SILVA, 2021, p. 5), inclusive e principalmente os da língua portuguesa justamente por ser muito fácil encontrar elementos correlatos em um mundo globalizado onde os alunos têm acesso a um número ilimitado de conteúdos apenas ao desbloquear os celulares ou abrirem seus computadores.

Consideramos, portanto, que, assim como todos os fatores analisados nesta Seção, foi de fundamental importância fazer esse resgate de relações com diferentes tipos de mídias, como filmes, séries e livros que pudessem colaborar com o entendimento do exposto por parte do aluno.

Nesta seção foram relatados apenas tópicos que consideramos mais importantes e marcantes do período de observação e regência desde que começaram, mas não podemos deixar de enfatizar que, apesar da extensão, aprendemos muito mais sobre a vida fora da sala de aula do que jamais poderíamos colocar em palavras.

3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

A disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas II foi uma nova experiência para nós em vários aspectos, mas o principal deles foi a mudança brusca do ensino remoto para o presencial. A pandemia de COVID-19, decretada em 2020, deixou marcas permanentes e irreparáveis na realidade de muitos de nós e afetou todas as áreas de nossas vidas e, no que diz respeito a educação, nos privou do ensino presencial de qualidade, da segurança de estar em qualquer ambiente que não fosse as nossas casas e, conseqüentemente, de experiências essenciais para a formação docente.

Quando iniciamos a disciplina de Estágio de Ensino I, em 2021, as aulas na UFSC e no CA ainda estavam sendo ministradas integralmente de forma remota e o contato com os alunos do Ensino Fundamental era ínfimo e limitado. Uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental é composta majoritariamente por crianças ou pré-adolescentes, e muitos deles não tinham o interesse ou a disposição de participar ativamente das aulas virtuais, portanto a comunicação entre professor e alunos era escassa e, por vezes, unilateral, ficando o professor praticamente sozinho nas salas virtuais, obtendo pouquíssima – ou nenhuma – resposta e falando para câmeras fechadas.

A realidade instituída pelo caos pandêmico sofreu mudanças somente no final de 2021, no último trimestre dos alunos do CA e, paralelamente, ao fim do semestre dos alunos de graduação da UFSC, o que fez com que o calendário da disciplina de Estágio I fosse fragmentado e, assim, os alunos-estagiários da disciplina de Estágio I ficaram encarregados de observar as aulas e elaborar materiais didáticos para as turmas do 6º ano em 2021 que viriam a ser do 7º ano em 2022. Neste período, estivemos presentes nas aulas remotas e participamos ativamente – dentro do possível – das aulas ministradas, das reuniões do corpo docente e do Conselho de Classe que ocorreu no final do ano para avaliar a aprovação ou não dos alunos em situação de risco de reprovação, que se deram também inteiramente de forma remota.

Apesar de ter sido um semestre turbulento e cheio de especificidades que a pandemia exigiu, acreditamos que foi feito o melhor que podíamos com os recursos que tínhamos à disposição, mas pode-se imaginar o choque de realidade que tivemos ao retomar o ensino presencial na disciplina de Estágio II em 2022 e, conseqüentemente, a liberdade que esta modalidade oferece – ainda por cima lidando com alunos do último ano do Ensino Médio que têm, em média, entre 17 e 18 anos.

Dentre as novas experiências que tivemos na segunda etapa do Estágio Obrigatório, uma delas foi a presença no Conselho de Classe Participativo do 3A, que ocorreu durante o período de observação e, enquanto estagiárias, fomos convidadas a participar. Este Conselho de Classe consistia em uma reunião avaliativa a respeito do desempenho da turma e era um momento reservado para discutir sobre o andamento das aulas de cada disciplina, sobre a relação entre os professores e os alunos e sobre possíveis sugestões para melhorar o aproveitamento em sala de aula.

Estavam presentes no Conselho alunos, professores, membros da coordenação e da área da saúde do CA, e todos eram incentivados a fazer apontamentos e questionamentos e a levantar discussões para chegarem a um denominador comum. Um dos apontamentos feitos foi a respeito da pontualidade dos alunos, discussão necessária devido ao fato de muitos professores reclamarem da chegada atrasada destes em suas aulas. Sobre esse ponto, um dos alunos justificou que a maioria da turma mora em bairros distantes do colégio, em partes mais afastadas da cidade e, mesmo se organizando para sair de casa com tempo hábil para chegar no horário, é recorrente que aconteçam imprevistos no trajeto devido ao trânsito da cidade.

A segunda observação dos alunos dizia respeito ao momento extraclasse reservado para tirar dúvidas de conteúdo com os professores, chamado de Recuperação de Estudos (RE). Eles afirmavam que muitos professores estavam se recusando a disponibilizar esse momento com e para os alunos justificando que poucos deles compareciam nas REs e que, assim, os professores perdiam tempo se deslocando de suas casas para o CA apenas para ficar alguns minutos no colégio sem a presença dos alunos. Esta foi uma reclamação importante, já que muitos alunos tinham dúvidas sobre as matérias trabalhadas em aula e muitos professores não estavam disponíveis (nas palavras dos alunos, muitos dos professores se afastavam ou evitavam contato com a turma após as aulas, impedindo que os alunos pudessem, de fato, esclarecer suas dúvidas).

E, por fim, uma última reclamação apresentada pelos alunos no Conselho de Classe Participativo dizia respeito ao uso excessivo de *slides* durante as aulas: de acordo com eles, muitas aulas pareciam ser dadas mais pela projeção do que pelo próprio professor. Um deles contrapôs as aulas desses professores com as aulas do professor George, que se valia de *slides* como material de apoio, e não como material central nas aulas. O argumento foi pertinente e acrescido da observação de que os alunos não estão mais em ensino remoto, portanto não há motivo que justifique as aulas serem dadas apenas com projeção audiovisual.

Apesar de todas as reclamações dos alunos terem sido ouvidas pela coordenação do colégio, ainda assim muitos professores a quem elas foram direcionadas não estavam

presentes no Conselho de Classe Participativo. Sabe-se que as atribuições de um professor se estendem muito além do exercício em sala de aula e por isso muitas ausências se justificam de inúmeras formas, mas a falta injustificada é, de certa forma, prejudicial para o bom andamento do semestre letivo, já que o objetivo central do Conselho de Classe é promover a troca entre alunos e professores para que ambos possam melhorar sua postura e seu desempenho. Na condição de estagiárias docentes, a participação no Conselho de Classe Participativo serviu de norteador para o caminho que deveríamos percorrer no período de regência, foi de grande relevância para o andamento do projeto de docência e, por meio das anotações de tudo o que ouvimos e depreendemos dos alunos e do corpo docente, estabelecemos estratégias para a eficácia de nossa atuação em sala de aula.

Assim, finalizado o período de observação e após a elaboração do relatório individual de observação, iniciou-se a jornada na regência de classe. Um dia antes da nossa primeira aula, solicitamos pelo fórum que os alunos lessem os materiais que disponibilizamos na plataforma *Moodle* (ambiente virtual de apoio aos cursos presenciais), aos quais os alunos têm acesso e recebem notificações das mensagens enviadas por e-mail. Tais materiais diziam respeito aos pontos que trabalharíamos na aula do dia seguinte, reservada para a discussão sobre as vanguardas europeias, movimentos histórico-culturais que precederam e ensejaram o Modernismo brasileiro.

Apesar da solicitação prévia, observamos que poucos alunos haviam lido o material, fato que já se deve prever quando é pedido que estudantes leiam materiais em atividades extraclasse. Contudo, isso não impediu a participação na primeira aula (Seção 2.2.1.1), pois o conteúdo foi ministrado e muitos pontos geraram discussões pertinentes e despertaram o interesse genuíno dos alunos. Durante a aula, fizemos perguntas aos alunos sobre cada uma das principais vanguardas selecionadas e foi perceptível a contribuição de muitos para as discussões e os debates.

No segundo dia de regência (Seção 2.2.1.2), discutimos sobre o Modernismo brasileiro e sobre o *Prefácio Interessantíssimo*, primeiro “capítulo” de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade. Não foi possível, contudo, cumprir totalmente o planejamento para essa aula, visto que a discussão sobre o Modernismo se estendeu muito mais do que havíamos previsto, ocupando dois terços da aula (sendo que tínhamos planejado dedicar apenas metade da aula para este tópico). Foi possível trabalhar parte do Modernismo, introduzir a Semana de 22 e o autor Mário de Andrade, assim como o livro *Paulicéia Desvairada*. O final da aula foi dedicado à orientação para o trabalho que os alunos deveriam desenvolver e a explicação de como ele se daria – que seria entregue uma primeira versão e uma versão final, que seria

apresentada para a turma na última aula de regência das estagiárias. A análise de trechos selecionados do “Prefácio Interessantíssimo” precisou ser adiada para a aula seguinte, já que havíamos separado seis fragmentos para trabalhar em aula e só conseguimos discutir dois deles.

O planejamento para a terceira aula (Seção 2.2.1.3), que teve duração de apenas quarenta minutos, era de analisar e discutir três poemas selecionados de *Paulicéia Desvairada*: “Inspiração”, “Os Cortejos” e “Paisagem Nº 2”. Por conta do conteúdo remanescente da aula anterior, só foi possível analisar o poema “Inspiração”, cuja discussão se estendeu quase a aula toda e gerou muitos apontamentos pertinentes feitos pelos alunos. Foi, inclusive, durante a discussão deste poema que os alunos chegaram à conclusão que o livro todo é uma ode à cidade de São Paulo (Paulicéia Desvairada = São Paulo, a cidade caótica, desordenada). Dessa maneira, concluímos que seria necessário iniciar a discussão dos próximos poemas na aula seguinte e que, talvez, teríamos que escolher entre somente um deles para manter a organização das atividades.

Para a quarta aula do período de regência (Seção 2.2.1.4) foi necessário fazer uma alteração no planejamento prévio. Esta aula estava marcada para a entrega da primeira versão da produção do trabalho sobre a *Paulicéia Desvairada* e a análise pelos alunos das primeiras versões uns dos outros. Porém, para dar continuidade ao conteúdo e para que os alunos tivessem mais recursos e subsídios para continuar a elaboração de seus textos, ao invés de dedicar todo o período de aula à análise por pares dividimos a aula em dois momentos: a primeira destinada à leitura, análise e discussão do poema “Paisagem Nº 2”, e a segunda metade da aula, finalmente, à análise por pares.

Como esperado, a turma 3A levantou várias questões e indagações a respeito do poema e trouxeram apontamentos de muita relevância para a discussão. Aproveitamos, neste momento, para direcionar os alunos em suas produções, dando dicas de como poderiam utilizar os recursos de que Mário de Andrade lançou mão ao escrever “Paisagem Nº 2” para escrever seus próprios textos. Finalizada a discussão sobre o poema, orientamos os alunos que se reunissem com seus grupos para o segundo momento da aula. Assim que todos se organizaram, anunciamos que naquele momento eles analisariam os trabalhos uns dos outros por meio de um questionário elaborado por nós, com 4 (quatro) perguntas que deveriam ser respondidas de forma clara e objetiva. As perguntas do questionário, bem como as respostas das duplas, estão disponíveis na Seção 6.4 deste relatório.

Em seguida, distribuímos aleatoriamente os trabalhos de uma dupla a outra para que fizesse a análise e deixamos os alunos livres para fazer suas interpretações e seus

apontamentos sobre os trabalhos dos colegas. Durante todo o momento, ficamos de prontidão para esclarecer qualquer possível dúvida e orientá-los da melhor maneira possível. Alguns trabalhos apresentaram vários problemas e os alunos que ficaram incumbidos de analisá-los recorreram a nós receosos de escrever avaliações negativas sobre seus colegas de turma, então explicamos a estes que não era necessário ter essa preocupação porque somente as estagiárias teriam acesso às análises que foram feitas e que nós mesmas faríamos os nossos comentários sobre os trabalhos de todos. As análises por pares fizeram parte da nota final dos grupos e, por meio de muitos apontamentos feitos nelas, elaboramos os comentários que podem ser lidos na Seção 6.5 deste relatório.

É importante assinalar, ainda, que alguns grupos não entregaram a primeira versão de suas produções. Para que estes alunos não ficassem ociosos durante a análise por pares, eles foram orientados a começar suas produções naquele momento da aula, podendo, inclusive, tirar suas dúvidas com as professoras-estagiárias e superar qualquer dificuldade que os impediu de elaborar um esboço. Assim, todos os alunos foram incentivados a trabalhar em prol da atividade durante esta aula do período de regência.

No intervalo de dias entre a quarta e a quinta aulas, que foram separadas por um feriado prolongado, nós mesmas analisamos os trabalhos produzidos pelos alunos e fizemos nossos comentários sobre as produções das duplas, que serviriam de guia para ajuste e aperfeiçoamento da versão final de seus trabalhos.

Na quinta aula (Seção 2.2.1.5), decidimos por bem que seria interessante também fazer alterações no que tínhamos planejado. Ao invés de continuar a discussão de fragmentos do livro *Paulicéia Desvairada*, optamos por dedicar essa aula para esclarecer as dúvidas dos alunos sobre a reescrita do trabalho, auxiliá-los nesse processo com ajustes finos que poderiam ser feitos e que talvez não tivessem sido mencionados até então e prepará-los para a apresentação que seria no dia seguinte. Logo no início da aula, ressaltamos a importância de ensaiarem a leitura de suas produções e informamos que não era necessário que todos os membros do grupo fossem à frente da sala para apresentar, mas que, ainda assim, a apresentação era imprescindível e que fazia parte da avaliação da atividade. Além disso, auxiliamos dois grupos que ainda não tinham elaborado uma primeira versão até essa aula.

A última aula de regência (Seção 2.2.1.6) foi no dia seguinte. Este último e memorável dia caiu justamente em uma quinta-feira, coincidentemente o dia reservado para o “Dia D”. Assim, a versão final das produções se deu de forma leve e descontraída e muitos alunos apresentaram seus trabalhos caracterizados com o tema daquele dia. Foi um momento marcante, único, cheio de risadas, aplausos, de muito significado e orgulho para nós, que

tivemos, pela primeira vez, uma experiência em sala de aula na condição de professoras. Agradecemos os alunos pela colaboração durante esses seis dias, parabenizando-os pelos trabalhos maravilhosos que desenvolveram, ao professor George pela confiança no nosso trabalho, pela parceria e por nos amparar em todos os momentos que foram necessários e nos despedimos do 3A com os corações já saudosistas e cheios de gratidão.

Além do Conselho de Classe Participativo, organizamos, neste caso após o período de regência, a Exposição “*Paulicéia Desvairada no CA*” de forma conjunta com os outros grupos de estagiários do semestre e com os professores Isabela e George. Este evento consistiu na reunião das produções textuais de todos os alunos do 3º ano do Ensino Médio do CA – cada uma delas elaborada de acordo com o que cada grupo de estagiários propôs à sua turma – e das produções artísticas que os alunos criaram conforme a orientação do professor George. A Exposição ocorreu no Espaço Estético do CA, que conta com oito grandes painéis que ficaram distribuídos de dois em dois para cada turma, um exibindo os resultados do período de regência das estagiárias e outro com as produções artísticas. A montagem dos painéis ocorreu em 4 de julho de 2022 e a abertura da Exposição em 5 de julho de 2022, durante o intervalo das aulas, e foi um momento precioso em que vimos a alegria e o orgulho dos alunos ao verem suas obras expostas para a escola inteira ver. Alguns registros fotográficos deste dia estão documentados na Seção 6.8 deste relatório.

3.1 EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA - ESTAGIÁRIA BIANCA MAIA MELLO DA SILVA

Como já mencionado acima, nós (nem como grupo e nem individualmente) nunca tínhamos regido uma sala de aula. Acredito que esse fator foi um dos mais determinantes para o constante sentimento de vazio no estômago que eu sentia toda vez que me pegava ponderando sobre, de fato, dar aulas.

Passei os últimos cinco anos da graduação indo e vindo, com a universidade ocupando um grande lugar em minha rotina, comparecendo nas aulas, lendo os textos, participando de discussões, entregando meus afazeres e, de maneira geral, cumprindo com meu papel de estudante, sem nunca nem me imaginar ministrando aulas.

Chega a ser engraçado pensar nisso agora pois, durante todo esse tempo, fui sempre muito interessada em [quase] todas as matérias, porém, sem nunca pensar na finalidade de estar ali, tendo aquelas aulas e refletindo aquelas questões, mas, como não costuma tardar, o tão [não] esperado momento chegou e, com ele, todas essas questões ignoradas vieram à tona.

Seria justo dizer que cheguei à primeira reunião do Estágio obrigatório II com as pernas tremendo, porém tive o privilégio de me ver em uma sala rodeada de colegas com quem (majoritariamente) já havia tido algum contato anterior.

Ao longo das orientações eu ia ficando cada vez mais receosa, constantemente me fazendo perguntas como “será que isso é pra mim mesmo?”; “será que não sou muito nova?”; e, em momentos mais desesperados, “será que eu não devia trancar o curso?” E essas eram preocupações genuínas que só se aquietaram, de fato, ali pela metade do momento de observação das aulas do professor George.

Quanto mais passavam os dias vendo como ele conduzia os alunos (como participantes de uma dança muito bem coreografada) dentro das discussões, deixando que os alunos falassem livremente e eles, de fato, participavam, comentavam e discutiam os contos, sempre de maneira muito respeitosa, tanto entre si quanto com o professor, o medo foi passando e dando espaço para um novo sentimento: a curiosidade.

Durante as aulas eu imaginava como o professor se sentia quando os alunos participavam e faziam observações pertinentes à discussão, aquele orgulho de brilhar os olhos, e imaginava também o sentimento de quando um aluno não participava (fato de rara ocorrência).

O objetivo da vez era, então, me esforçar para dar boas aulas, interessantes e didáticas que fomentassem ao máximo a participação dos estudantes. O medo de fazer uma pergunta e ninguém responder era gigante.

Os dias foram passando e, enfim, chegou a nossa vez de ser, pela primeira vez, professoras. Acho que nunca vou esquecer o sentimento da primeira aula. Como tudo que se faz pela primeira vez, dificilmente poderia ser chamada de um grande sucesso, porém apenas o fato de não ter sido um tremendo desastre já foi suficiente para me animar.

É perceptível durante toda a graduação que ter um amigo ou conhecido que se encontra nas mesmas condições que você deixa tudo melhor [ou menos pior] e, como não poderia ser diferente, ali eu tinha a Camila e a Raquel, era só olhar pro lado e isso fez toda a diferença durante todos os encontros que regemos.

Tenho também a compreensão de que fomos, de maneira geral, felizardas com nosso campo de estágio e com a turma que nos foi designada aleatoriamente. Ao longo dos encontros eu fui nutrindo um sentimento de carinho por cada um dos estudantes do 3A e saí da nossa última aula triste por não poder prosseguir com a regência. Tanto ainda poderia ser feito (e acredito que esse seja um sentimento que perdura).

Durante as nossas aulas foi tudo uma descoberta: até o volume da voz e o tom ao falar com os alunos foi pensado e ensaiado previamente. Para isso a universidade não tinha me preparado, porém, novamente, todo o apoio das minhas colegas foi um grande ponto de paz em meio ao turbilhão de sentimentos que vinham. Outro grande apoio, de indescritível importância, foram os professores George e Isabela. Raramente faziam grandes contribuições às aulas, deixando o palco para nós, mas as suas presenças eram tranquilizantes.

Nada absurdo aconteceu, nenhum tipo de acontecimento marcante ou preocupante teve lugar em nossas aulas. Foram tranquilas e, em grande parte, seguiram como as havíamos pensado, fora uma.

Todas as aulas seguiram o plano e conversamos sobre vanguardas, modernismo, semana de arte moderna de 22 e Mário de Andrade, foi tudo muito lindo e ver como tudo seguia o cronograma era extremamente satisfatório, até que um desencontro de informações aconteceu na aula cinco: havíamos programado discutir com os alunos questões pertinentes à *Paulicéia Desvairada* mas todos os pontos chave daquela aula já haviam sido discutidos com durante as aulas de interpretação de poemas. Novamente o conforto da atividade em trio aparecia: aquilo era um problema nosso. Antes dessa aula concordamos que seria mais interessante que usássemos aquela aula para ajudar os alunos com o desenvolvimento de suas produções escritas. Foi a melhor aula que demos.

Ver as produções dos alunos sendo apresentadas no encontro seis e, posteriormente, colocadas na singela exposição que montamos foi sim emocionante, mas a aula cinco foi especial. Estar em contato direto com os alunos, sendo chamada de *prof* foi algo que eu nunca

tinha vivenciado até o momento. Poder colaborar com as suas produções e ideias e ver a diferença que esse momento teve, tanto para mim quanto para os alunos, foi único.

Saí da regência saudosa dos alunos, sabendo seus nomes e seus jeitinhos e, apesar de não me sentir completamente pronta para o próximo passo, me vejo mais capacitada. Não ter toda essa ajuda e apoio vai ter um impacto grande, porém não vai mais ser algo tão assustador, e sim algo a esperar ansiosamente [de uma maneira positiva].

3.2 EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA - ESTAGIÁRIA CAMILA DE ANDRADE

Assim como acredito que seja o caso de muitos de meus colegas, minha história com as letras começou muito antes da graduação. Meu lugar sempre foi entre as páginas dos livros. (bom, pelo menos até onde eu me lembro) e meu prazer estava naquilo que hoje aprendi a chamar de “literatura de massa”. Comecei a ler freneticamente mais ou menos aos 10 anos, assim que o *Crepúsculo* de Stephenie Meyer virou febre entre as crianças da minha idade. Devorei os livros e descobri ali uma paixão que eu nem sabia que tinha. Ainda bem.

A literatura de massa me salvou. Foi nos livros que me perdi e encontrei meu refúgio, que me senti acolhida, contemplada e, finalmente, em casa. Foi pela literatura que escolhi estudar Letras, porque ela me escolheu.

Entre na universidade convicta de que a docência era a minha vocação e certa de que estava trilhando o caminho que me faria ser ainda mais apaixonada pela ideia de ser professora, então dá pra imaginar o desespero que tomou conta do meu ser quando percebi que o curso era muito diferente do que idealizei. De forma alguma tomo isso como um fator negativo, mas, sem dúvida, é um fato. O caminho trilhado na licenciatura foi árduo, cheio de obstáculos – ora, um vírus entre eles – e, principalmente, cheio de inseguranças. Quanto mais aprendia no decorrer dos semestres, mais percebia que seria exigido de mim muito além do que eu imaginava para me tornar uma profissional competente. A adaptação foi difícil, foram noites em claro, doses cavalares de cafeína e muitas dores de cabeça, mas valeu a pena.

As disciplinas de Didática e Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa consolidaram todo o conhecimento adquirido em todas as outras disciplinas do curso e me prepararam para aplicá-lo na etapa da docência. Aprender sobre as competências docentes, ainda que no âmbito da teoria, foi essencial para que eu pudesse chegar na etapa do estágio de ensino com o aporte necessário para transicionar para a parte prática, para a consolidação de todos os anos de graduação.

No final de 2021 iniciou-se o período de docência no Estágio I, semestre em que foram restabelecidas as aulas no Colégio de Aplicação e em que eu e minha turma ficamos encarregadas de acompanhar as aulas do 6º Ano do Ensino Fundamental da escola. A dinâmica do primeiro estágio foi totalmente diferente do segundo pelo fato de o ensino ter sido integralmente de maneira remota, então, por motivos de força maior, elaboramos o material didático que a professora supervisora de estágio ministraria aos alunos, que compreendia planos de aula e propostas de atividades com leitura. Pessoalmente, considero que a experiência de docência neste primeiro estágio não foi bem aproveitada em sua

totalidade por fatores que se estendiam para além do ensino não-presencial (e que acredito que relatá-los não cabe aqui) e isso fez com que sentimentos como insegurança e medo entrassem em ação quando fomos informados de que, no Estágio II, faríamos um salto dos Anos Finais do Ensino Fundamental para o último ano do Ensino Médio e, ainda por cima, de forma totalmente presencial.

Entramos no Colégio de Aplicação em abril de 2022 e a única coisa que eu conseguia pensar era no quanto me sentia incapacitada para gerir uma turma. A insegurança aumentava a cada passo e a vontade de sair correndo era cada vez maior, mas aos poucos percebi que não havia motivo para pânico. Decidi silenciar as vozes limitantes, foquei no trabalho que me esperava e despertei a professora adormecida dentro de mim. O conhecimento e o suporte estavam ali, era só dar um passo de cada vez.

Trabalhar em um trio, apesar de ter sido desafiador em alguns momentos, foi um fator extremamente atenuante para a minha experiência na regência. Somente o fato de existir duas pessoas firmadas ao meu lado à frente de uma turma já me tranquilizava e me transmitia a sensação de que eu jamais estaria sozinha, que tínhamos uma à outra para recorrer sempre que necessário. A dinâmica entre nós três se tornou cada vez mais fluida na medida em que as aulas passavam e, além disso, a presença do professor George foi fundamental em todo o processo, pois estava sempre pronto para fazer os apontamentos certos quando fosse pertinente, sempre dizia palavras de afirmação a respeito do nosso desempenho e por vezes nos alertava sobre o que funcionaria ou não com a turma.

Trabalhar com o 3A foi uma honra e um privilégio imensuráveis e qualquer hesitação em trabalhar com alunos prestes a entrar na fase adulta da vida ficou do lado de fora da sala de aula, pois o ambiente era descontraído, leve e muito envolvente. Os alunos faziam questão de nos receber, estavam atentos às nossas propostas e, acima de tudo, respeitavam nossas orientações e nossos encaminhamentos. Posso dizer, sem qualquer margem para dúvidas, que o processo de ensino-aprendizagem foi totalmente aproveitado, e a maior prova disso foi a satisfação demonstrada pelos alunos ao ver seus trabalhos expostos para a escola inteira ver na Exposição “*Paulicéia Desvairada no CA*”.

Mesmo depois de seis anos, já nas últimas horas-aula do curso, continuo sentindo que vale a pena. Depois do estágio de docência, a ideia de ser professora no chão da sala de aula já não me aterroriza mais, mas sei que a insegurança e a intimidação são sabotadores internos contra os quais precisamos lutar constantemente, e por toda a vida. Para além do conhecimento teórico e da preparação para o meu futuro, a experiência de docência – e a graduação como um todo – me ensinou a importância da constância, da determinação e da

dedicação. E foi essa determinação, que vem sendo plantada desde 2016, que foi criando raízes, floresceu e tem moldado a profissional e o ser humano que desejo ser.

3.3 EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA - ESTAGIÁRIA RAQUEL FERREIRA DA ROSA OLIVEIRA

Observei, durante quatro semanas, as aulas do professor George França com a turma 3A. Nessas aulas, os alunos trabalharam com o livro *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida, apresentando, em cada uma delas, os contos desse livro. O professor George organizou a turma em grupos de forma que cada um deles iria analisar um número X de contos, porém, dentro dos grupos, cada aluno tinha a sua própria função, de forma que, na prática, os trabalhos com os contos se tornaram individuais.

Não ficou claro para mim se cada aluno do grupo podia escolher qual a sua própria função ou se foi o professor George quem designou cada uma delas, inclusive porque havia grupos que não tinham todas essas funções. Conector, Diretor de Indagações e Diretor de Viagens e Ilustrações foram os que menos apareceram durante as aulas.

Mas eu gostei bastante da forma com os alunos foram incentivados a trabalhar os contos por meio das diferentes funções que eles poderiam desempenhar – isso fez com que as aulas se tornassem bastante participativas por parte deles, não apenas daqueles que iriam apresentar o conto, mas também dos demais alunos. Acredito que a presença do Diretor de Resumo facilitou uma interação maior durante a apresentação dos contos, pois mesmo aqueles que talvez não tenham lido o conto eram apresentados a ele por causa dessa função, que em todos os grupos aparecia.

O professor George foi perspicaz também ao planejar como os trabalhos seriam entregues/apresentados: os alunos deveriam não apenas apresentar em sala a sua própria função no grupo, mas também deveriam entregar o trabalho feito, seja em uma folha escrita ou para o e-mail do professor. Isso foi muito bem planejado, pois, quando um aluno do grupo faltava, o professor George apresentava o trabalho que o aluno tinha enviado antes daquela aula. Tiveram duas ou três ocasiões em que o Diretor de Resumo não estava presente na aula, mas o professor leu o resumo escrito para a turma, de forma a garantir que todos tivessem um mínimo de entendimento sobre o conto durante a aula.

Um aspecto da aula do professor George que me chamou bastante atenção (de uma forma positiva) foi que parecia que mais os alunos falavam durante a aula do que o professor. Eles eram bastante participativos, e não apenas os alunos que apresentavam suas funções nos contos, mas os demais também faziam comentários sobre as apresentações dos alunos, e esse movimento gerava muitas discussões durante a aula. O professor estava ali como um guia das discussões, fazia alguns questionamentos aos alunos, comentava sobre alguns apontamentos e

apresentações, mas na maior parte da aula, eram os alunos que tinham o foco e não o professor.

A forma como os recursos tecnológicos foram utilizados nas aulas do professor George também foi muito bem planejada: um dos alunos, inclusive, elogiou durante o Conselho de Classe Participativo a forma como o professor utilizava o projetor em sala, dizendo que dessa forma a aula não ficava cansativa e o foco não era o texto no projetor, mas sim as discussões na aula e os próprios alunos. O professor George também utilizou, em algumas aulas, a lousa, para anotar as palavras que o Diretor de Riqueza de Vocabulário apresentava, para fazer esquemas para melhor entendimento do resumo do conto (como, por exemplo, no caso do conto “Três Irmãs”, em que ele fez um esquema para indicar quem eram as três irmãs do conto) e também para anotar nomes de livros que foram citados durante as discussões (como, por exemplo, em uma aula em que a estagiária Bianca indicou o livro *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, relacionando ele com um conto apresentado).

A turma 3A possui alunos bastante participativos, mas é claro que haviam alguns poucos estudantes que mexiam o celular durante a aula, outros que conversavam com o colega do lado, mas o professor George sabia lidar com eles quando necessário: quando eram poucos mexendo no celular, ele não chamava a atenção, mas em algumas vezes ele o fazia com um ou dois alunos que estava dormindo durante a aula, para acordá-los, por exemplo. A participação dos alunos também variava um pouco: havia dias em que apenas os alunos mais falantes participavam, e havia dias em que até os alunos mais quietinhos também participavam. Isso variava bastante por conta dos assuntos que os alunos estavam discutindo: percebi que quando eram assuntos mais voltados para o cotidiano dos alunos, eles costumavam participar mais, principalmente quando os assuntos eram muito intrigantes (como por exemplo no conto “In Extremis”, onde uma personagem casada deixa um homem moribundo beber o leite do seu peito, com o marido na sala, olhando em choque para a cena).

Impressionou-me também que, durante o Conselho de Classe Participativo, os alunos fizeram comentários e queixas bastante sólidas e marcantes sobre alguns professores, sobre o uso excessivo dos *slides*, sobre a reclamação dos professores por eles chegarem atrasados nas aulas, algo que estava fora do controle dos alunos, sobre a impaciência dos professores em ajudarem com as dúvidas e também sobre a preocupação excessiva com a Covid-19 (alguns disseram que alguns professores se afastavam dos estudantes quando eles tentavam tirar dúvidas particulares sobre as aulas). Foi impressionante a forma como a escola estava atenta às necessidades dos alunos (a coordenadora estava sempre anotando as queixas deles), mas

infelizmente os professores dos quais os alunos mais tinham queixas não compareceram ao Conselho, impedindo, assim, que essas queixas fossem solucionadas.

Durante o período de regência, fui capaz de ter uma experiência real do que é de fato ser uma professora: reorganizamos as aulas, lidamos com alunos dormindo ou desconcentrados durante as aulas e auxiliamos e avaliamos os alunos.

Sobre o fato de que nós reorganizamos as aulas, isso fez trabalhar a minha própria calma e paciência e entender que aquilo que planejamos no papel e nos planos de ensino nem sempre irá de fato se concretizar na sala de aula. Também aprendi muito sobre o ato de ensinar, assim como Paulo Freire afirma em sua *Carta aberta aos professores*:

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade (razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade) o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. (FREIRE, 1993, p. 27)

Dessa forma, aprendi que ser professor é explorar o aprendizado dos alunos enquanto você também está aprendendo com eles, como se o conhecimento estivesse sendo construído em uma relação conjunta aluno-professor.

Além do mais, para ser professor, é preciso saber se adaptar e também é preciso tomar decisões rápidas, como por exemplo, na nossa quinta aula do período de regência, em que nós decidimos, durante a aula em si, como iríamos dar aquela aula: continuaríamos a apresentação e discussão do livro *Paulicéia Desvairada*? Trabalharmos um dos poemas, como havíamos planejado no dia anterior? Ou auxiliaríamos os alunos em suas produções nesta aula? Optamos pela terceira opção, mas foi uma decisão que tivemos que tomar de forma rápida e em conjunto.

Sobre a desatenção dos alunos, o professor George nos ajudou chamando a atenção dos alunos, pedindo que eles se concentrassem na aula e no que nós estávamos apresentando. Em alguns momentos, fomos nós a chamar a atenção dos alunos, mas a maioria das vezes foi o professor George a desempenhar esse papel.

Por fim, sobre a avaliação dos alunos, acredito que esse foi o momento em que mais consegui entender e sentir de fato que éramos as professoras ali: durante a leitura do trabalho dos alunos, durante a escrita dos comentários e também no momento de atribuição das notas

dos alunos, tive que revisitar os conceitos trabalhados em algumas das disciplinas que explorei no curso (como por exemplo, as disciplinas de Didática e também de Sociolinguística, sempre me perguntando se iria avaliar os alunos pela perspectiva da gramática normativa, tirando pontos a cada erro gramatical, ou se iria avaliar os alunos de outra forma. Nós optamos por avaliá-los de outra forma: buscando avaliar o desempenho e a criatividade das produções, além do respeito ao tema proposto para o trabalho).

Acredito que essa reflexão e percepção tenham despertado mim por conta da consciência crítica que tive no momento da avaliação, uma vez que:

Consciência crítica, ou conscientização, refere-se ao alcance de uma compreensão profunda, significativa e realista de seu próprio mundo, que esteja baseada na realidade. Isto inclui a pessoa tornar-se consciente de como tem sido doutrinada e condicionada a pensar de determinada forma por aqueles que detêm o poder e a riqueza e controlam os canais tradicionais de difusão de educação, como escolas, agências governamentais, meios de comunicação e mundo corporativo. (PATTON; GUIMARÃES, 2018, p. 59)

Dessa forma, o momento de avaliar os alunos provavelmente me fez refletir sobre a maneira como eu mesma fui avaliada durante todo o meu percurso acadêmico (desde o ensino fundamental até o superior). Também refleti sobre como eu queria avaliar os nossos alunos, se queria continuar avaliando de uma forma tradicional e comum ou se queria avaliar de uma forma diferente. Escolhi, em conjunto com a Bianca e a Camila, que iríamos avaliar de uma forma diferente, buscando trazer, na avaliação, a construção de conhecimento que Paulo Freire (1993) defende.

Uma das leituras que fiz no decorrer do curso (mais especificamente na disciplina de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) e que revisei várias vezes durante o período de regência foi *O Texto na Sala de Aula* (GERALDI, 2011). Neste ensaio, o autor discute sobre como nós, professores, deveríamos trabalhar a leitura, análise linguística e a produção textual em sala de aula, e várias das soluções e alternativas propostas por Geraldi foram as que eu e minhas colegas escolhemos adotar em nossas aulas.

Geraldi afirma que devemos demonstrar aos alunos como realizar uma análise linguística pelo exemplo, ou seja, é nosso papel analisar linguisticamente alguns textos durante a aula, para que o aluno entenda na prática como ele pode dissecar e absorver um texto lido. Acredito que nós tivemos sucesso ao trazer trechos do “Prefácio Interessantíssimo” e também alguns poemas do livro, para analisar em conjunto com os alunos, mostrando a eles como fazer uma análise linguística com o nosso próprio exemplo.

As alternativas de como trabalhar uma produção textual em sala de aula, propostas por Geraldi, também foram adotadas por nós: principalmente a sugestão que ele fornece de que

sejam feitas mais de uma versão com os alunos, que eles escrevam duas ou três versões do mesmo texto, melhorando a produção textual a cada nova versão. Dessa forma, a minha vivência durante o projeto de docência me ensinou muito, tanto no período de observação quanto no período de regência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas II foi, sem qualquer dúvida, uma experiência de apropriação e desenvolvimento de conhecimento diferente de tudo o que já vivenciamos, essencialmente pelo fato de proporcionar a nós, estagiárias docentes da pandemia, o contato direto com os alunos e com o ambiente escolar, privilégio este que nos foi restringido no Estágio Obrigatório I por conta do ensino remoto.

A presença ativa de um professor supervisor em sala de aula (neste caso, na pessoa do professor George) foi de igual importância neste percurso. Observar suas aulas e sua metodologia para o ensino de Língua Portuguesa, sempre devidamente fundamentada e com amparo teórico consistente, nos inspirou na arquitetura das nossas próprias estratégias e na busca por imprimir qualidade e legitimidade em todo o processo pelo qual ficamos responsáveis.

Em muitas aulas, pode-se dizer que aprendemos tanto quanto os alunos – se não mais –, pois o repertório de conhecimentos do professor sobre a literatura e o mundo era impressionante, de modo que ele trazia o mundo para dentro da sala de aula e assim desenvolvia os conteúdos. Dentre vários exemplos que podemos citar desses momentos de aproximação do mundo com a sala de aula pode-se destacar a análise do conto “Júlia Cortines”, do livro *Ânsia Eterna*, em que o professor levantou a questão da invisibilidade da autora e das mulheres na literatura em um modo geral. Além disso, o professor era mestre em identificar intertextualidades e referências de obras dentro de outras, como a referência que o conto “E os cisnes?”, que também compõe *Ânsia Eterna*, fazia a “O Alienista”, de Machado de Assis.

Não se pode deixar de mencionar, ainda, dois aspectos que nos chamaram muita atenção durante o semestre de docência: o impacto da pandemia sobre o ensino presencial e o privilégio que tivemos ao lecionar em um colégio como o CA, que, diferentemente de muitas unidades educativas, possui infraestrutura e pessoal extremamente capacitados em todas as áreas para que a vivência escolar de todos os seus alunos seja de maior qualidade possível.

A pandemia afetou diversas áreas da sociedade e uma das mais afetadas foi, indiscutivelmente, a educação. Estudantes de todas as partes do mundo passaram quase dois anos tendo aulas de forma remota, em suas casas, com distrações o tempo todo, longe de um ambiente de promoção de interação, e vimos claramente os impactos dessa medida provisória no retorno ao ensino presencial. Se para o corpo docente os impactos foram de grande

relevância, para estudantes que tiveram seu processo de ensino gradual interrompido por um período significativo de tempo foi muito pior.

Além das claras dificuldades de interação, em que percebemos alguns alunos mais acanhados, tímidos e que perderam em parte a habilidade de viver em sociedade, um dos pontos que percebemos durante o convívio com os alunos do 3º Ano do Ensino Médio no CA foi que a privação de contato gerou nos alunos barreiras no domínio sobre alguns aspectos da língua, como, por exemplo, o uso de figuras de linguagem. Esta percepção foi algo para o qual os professores Isabela e George nos chamaram atenção durante o planejamento das aulas e que seguimos à risca, então optamos por ministrar os conteúdos sempre com uma linguagem o mais clara e objetiva possível, sem o uso excessivo de metáforas ou até sarcasmos e ironias, a fim de que os alunos compreendessem claramente o que estávamos dizendo sem qualquer empecilho ou margem para interpretações.

A experiência de lecionar em um ambiente como o Colégio de Aplicação foi um privilégio em muitos sentidos. Além dos muitos pontos positivos que a escola apresenta e que já foram mencionados ao longo deste relatório, o CA oferece uma rede de apoio completa a todos os alunos por meio de uma equipe capacitada formada por professores, psicólogos e coordenadores, com menção especial aos profissionais dedicados à inclusão dos alunos de educação especial em todo o âmbito escolar, sempre preocupados em ouvi-los e em atender suas demandas e necessidades, conforme observado no Conselho de Classe Participativo.

Durante todo o planejamento feito neste semestre, os professores Isabela e George nos orientaram de maneira muito assertiva e eficaz, e por muitas vezes a forma como conduziam as aulas de orientação partiam de reflexões sobre suas próprias experiências em sala de aula. Como muitos de nós estávamos adentrando um território novo no âmbito da graduação no que dizia respeito à prática de docência, os professores faziam questão de auxiliar e participar de todas as etapas do estágio e davam muitas dicas de como poderíamos ajustar nossas ideias para que funcionassem de acordo com o que esperávamos. Um dos inúmeros *feedbacks* dados foi sobre a quantidade de conteúdo que deve ser pensada e administrada para cada aula, pois nem sempre (na realidade, quase nunca) um professor dá conta de trabalhar todo o conteúdo planejado dentro do tempo de uma aula.

Apesar do cuidado que tomamos ao elaborar os planos de aula, percebemos esse fato na prática, pois tivemos – mais uma vez – o privilégio de reger as aulas da turma do 3A, recheada de alunos interessados, comprometidos e falantes que faziam com que cada aula fosse uma grande aventura e que nos surpreendiam diariamente com suas capacidades de dialogar e desenvolver discussões sobre as temáticas abordadas. Por conta disso, precisamos

enxugar ligeiramente as discussões em vários momentos para que fosse possível vencer o conteúdo proposto, algo que consideramos totalmente positivo levando em conta que a razão que nos levou a tomar essas decisões era o tamanho engajamento dos alunos.

Por fim, de todas as lições que foi possível depreender no Estágio Obrigatório de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas II, a maior delas é que professores são, definitivamente, super heróis, seres de força imensurável, de uma inteligência ímpar e que trabalham constantemente em prol da transformação do mundo. Mesmo diante das adversidades, das falhas no planejamento e no replanejamento, das mudanças externas à escola que interferem diretamente no fazer de sua profissão, professores permanecem firmes, resistindo e continuando a lutar para garantir que a educação chegue até nos lugares mais inóspitos. Nós, estagiárias de docência e futuras colegas de profissão, nos sentimos honradas de fazer parte dessa história e trabalharemos diariamente para fazer jus ao que ela representa.

5 REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia Eterna*. Brasília: Senado Federal, 2ª edição revisada, 2020. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580577/Ansia_Eterna_2ed.pdf?sequenc e=6&isAllowed=y>. Acesso em: 16 jul. 2022.

ANDRADE, Mário de. *Paulicéia Desvairada*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2016.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

ARENA, Dagoberto Buim. *Para ensinar a Ler: práticas e tendências*. Cultura acadêmica, Marília, 2015 (org. José Carlos Miguel e Martha dos Reis).

ARTE DO SÉCULO 20: EXPRESSIONISMO. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/expressionismo/>>. Acesso em 01 de jun, 2022.

BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Da Subjetividade na Linguagem*. PLG I, 1958.

BARRETO, Denise Aparecida Brito; SANTANA, Ian Lima; SILVA, Alice Vasconcelos. *CULTURA POP EM UMA PERSPECTIVA DE ENSINO-APRENDIZAGEM: PROPOSTAS DE ATIVIDADES LÚDICAS PARA A SALA DE AULA*. Gepraxis. Vitória da Conquista: 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ian-Lima-Santana/publication/354935716_CULTURA_POP_EM_UMA_PERSPECTIVA_DE_ENSINO-APRENDIZAGEM_PROPOSTAS_DE_ATIVIDADES_LUDICAS_PARA_A_SALA_DE_AULA/links/6154fbf4fd7b3d12156327e9/CULTURA-POP-EM-UMA-PERSPECTIVA-DE-ENSINO-APRENDIZAGEM-PROPOSTA-S-DE-ATIVIDADES-LUDICAS-PARA-A-SALA-DE-AULA.pdf. Acesso em: 27 jul. 2022.

BRANDALISE, Mary Angela Teixeira; LARA, Viridiana Alves de. *Concepções e práticas de avaliação da aprendizagem na escola em ciclos: desafios e perspectivas*. X ANPED SUL. Florianópolis, 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1102-0.pdf. Acesso em: 24 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 mai. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC, 200. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2022.

CARVALHO, Leticia Queiroz de; GOMES, Antônio Carlos. *As contribuições de Mikhail Bakhtin para o ensino da língua portuguesa na educação profissional*. Espírito Santo: Revista Ifes Ciência, nº 2, V.1, 2015 – Instituto Federal do Espírito Santo.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2021.

CUBISMO. Disponível em:

<<https://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/cubismo/>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

DALLA-BONA, Elisa Maria; VALCANOVER, Camila Augusta. *A terra dos meninos pelados: caminhos para ler e escrever literatura no 6º ano*. Textura, Curitiba, v. 22, n. 49, p. 82-98, jan. 2020. Trimestral. Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1OVmlfUoW5XScY-scw417Lkm1vDPLsyb4>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. [Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro] Campinas, SP : Mercado de letras, 2004, p. 95 – 128.

EXPRESSIONISMO. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/expressionismo/>>. Acesso em 1 jun. 2022.

FERNANDES, Domingos. *Avaliar para aprender: Fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: UNESP, 2009.

FITA, Enrique Caturla; TAPIA, Jesús Alonso. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 18ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2011.

KAFROUNI, Roberta; PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. *A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e os impasses frente à capacitação dos profissionais da educação básica: um estudo de caso*. Curitiba: Interação, 2001. Disponível em:

<file:///C:/Users/biame/Downloads/3316-6464-1-PB.pdf> Acesso em 27 jul 2022.

KUZNIEWSKI, Felipe Torres Brasil. *Avaliação no ensino de Biologia: Novas propostas de práticas avaliativas e seus instrumentos*. Brasília: monografia, 2021.

LOPES, Livia Mara Menezes; RIBEIRO, Viviane Salvador. *O ESTUDANTE COMO PROTAGONISTA DA APRENDIZAGEM EM AMBIENTES INOVADORES DE ENSINO*. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS*, 1., 2018, São Paulo. Artigo. São Paulo: Ciet, 2018. p. 1-7. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/286/358>. Acesso em: 15 jul. 2022.

LOVATO, Fabricio Luís *et al.* *Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma breve revisão*. Acta Scientiae, Canoas, v. 20, n. 2, p. 154-171, mar. 2018. Bimestral. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fabricio-Lovato/publication/327924688_Metodologias_Ativas_de_Aprendizagem_Uma_Breve_Revisao/links/5cc8e75e92851c8d221035e7/Metodologias-Ativas-de-Aprendizagem-Uma-Breve-Revisao.pdf. Acesso em: 13 jul. 2022.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. Cortez editora, 2014.

MANIFESTO ANTROPOFÁGICO. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em 1 jun. 2022.

MANIFESTO DADÁ. Disponível em: <https://www.uel.br/projetos/artetextos/textos/dada.htm>. Acesso em 1 jun. 2022.

MANIFESTO DA MULHER FEMINISTA. Disponível em: <http://universosdesfeitos-insonia.blogspot.com/2009/07/manifesto-da-mulher-futurista.html>. Acesso em 1 jun. 2022.

MANIFESTO SURREALISTA: Disponível em: https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/manifesto_surrealista.pdf. Acesso em 1 jun. 2022.

MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno*. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=9JEwPS0CDUcC&oi=fnd&pg=PA15&dq=bom+relacionamento+professor+aluno&ots=Z-HIULkcnv&sig=Lb2-Lw73rBDH3MScJbpbqqeDGOA#v=onepage&q=bom%20relacionamento%20professor%20aluno&f=false>. Acesso em 18 jul. 2022.

NUNES, C. M. F. *Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira*. In: *Educação & Sociedade – Dossiê: Os saberes dos docentes e sua formação*. Campinas, SP: Cedes, n.º 74, Ano XXII, Abril/2001. p. 27-42.

OBRAS E BIOGRAFIA DE ANITA MALFATTI. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/anita-malfatti-obras-biografia/>. Acesso em 1 jun. 2022.

PABLO PICASSO. Disponível em: https://www.ebiografia.com/pablo_picasso/. Acesso em 1 jun. 2022.

PATTON, Michael Quinn; GUIMARÃES, Vilma. *Pedagogia da avaliação e Paulo Freire: incluir para transformar*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2018.

PETIT, Michèle. *Os Jovens e a leitura: uma nova Perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP). Colégio de Aplicação, Florianópolis, 2019.
Disponível em:

<https://capl.paginas.ufsc.br/files/2020/09/Projeto-Pol%C3%ADtico-Pedag%C3%B3gico-do-Col%C3%A9gio-de-Aplica%C3%A7%C3%A3o-CED-UFSC-2019-1.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2022.

RAMOS, Rita de Cássia Antonia Nespoli. *Produções textuais: a reescrita a partir das orientações de professores*. Teresina, Linguagens, educação e sociedade: 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1031/879>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SANDRONI, Luciana. *O Mário que não é de Andrade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2011.

SCHÖN, Donald. *The reflective practitioner*. New York: Basic Books, 1993.

SILVA, Isa Monteiro. *O professor como mediador*. Cadernos De Pedagogia Social, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2007.1918>> Acesso em: 16 jul. 2022.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. *Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula*. Conteúdo e Didática de Alfabetização, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 101-107, jan. 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2022.

SPUDEIT, Daniela. ELABORAÇÃO DO PLANO DE ENSINO E DO PLANO DE AULA. Rio de Janeiro: Unirio, 2014. 8 p. Disponível em: <https://planejamento.ifro.edu.br/redmine/attachments/download/1401/ELABORACAO%20DO%20PLANO%20DE%20ENSINO%20E%20DO%20PLANO%20DE%20AULA.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*. 21. ed. [S. l.]: José Olympio, 2022. 658 p. ISBN 978-6558470694.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

6 ANEXOS

6.1 TERMOS DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

6.1.1 ANEXO A - TCE Bianca Maia Mello da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2050023

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof.(a) Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Nubia Saraiva Ferreira, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Bianca Maia Mello da Silva, CPF 092.935.179-73, telefone (47) 3045-1710, e-mail bia.mello12@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 18103678 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e vinculado à disciplina **MEN7002 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (252h/a)**
- Art. 2º:** O(A) Prof.(a) **Isabela Melim Borges**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de **14.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias)**, a ser desenvolvida na **UFSC**, no(a) **Colégio de Aplicação**, de **11/04/2022 a 03/08/2022**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **George Luiz Franca**.
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº **01820001901** da seguradora **Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02)**.
- Art. 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
- Art. 7º:** O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
- Art. 8º:** O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) tem direito a **9 dias de recesso**, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
- Art. 10º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a **UFSC**, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 11º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da **UFSC**, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 12º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2050023

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Realização de pesquisa e estudo acerca das temáticas a serem desenvolvidas nas atividades relativas à docência em; língua portuguesa e literatura; Acompanhamento de aulas; Planejamento didático; Análise de materiais didáticos; Execução de atividades de ensino; Orientação de trabalhos acadêmicos; Assessoria; Elaboração e entrega do trabalho escrito final; Socialização da experiência de estágio.

Local e Data:

Documento assinado digitalmente
Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira
Data: 20/04/2022 11:20:32-0300
CPF: 635.916.850-20
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira - Diretor(a) do DIP -

Documento assinado digitalmente
Isabela Melim Borges
Data: 19/04/2022 20:59:06-0300
CPF: 902.848.609-72
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Isa



Documento assinado digitalmente

BIANCA MAIA MELLO DA SILVA

Data: 19/04/2022 20:51:21-0300

CPF: 092.935.179-73

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente

Nubia Saraiva Ferreira Rech

Data: 25/04/2022 12:30:05-0300

CPF: 632.630.330-34

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Nubia Saraiva Ferreira - Coord. Estágios do Curso - UFSC



Documento assinado digitalmente

George Luiz Franca

Data: 19/04/2022 21:23:46-0300

CPF: 009.593.659-90

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

George

6.1.2 ANEXO B - TCE Camila de Andrade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2049990

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof. (a) Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof. (a) Nubia Saraiva Ferreira, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Camila de Andrade, CPF 065.472.199-84, telefone (48) 99655-7807, e-mail camsandrade@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 16201457 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e vinculado à disciplina MEN7002 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (252h/a)
- Art. 2º:** O(A) Prof. (a) Isabela Melim Borges, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de 14.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 11/04/2022 a 03/08/2022, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) George Luiz Franca.
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820001901 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).
- Art. 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
- Art. 7º:** O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
- Art. 8º:** O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) tem direito a 9 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
- Art. 10º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 11º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 12º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2049990

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Realização de pesquisa e estudo acerca das temáticas a serem desenvolvidas nas atividades relativas à docência em; língua portuguesa e literatura; Acompanhamento de aulas; Planejamento didático; Análise de materiais didáticos; Execução do planejamento por meio da regência de classe; Elaboração e entrega do trabalho escrito final; Socialização da experiência de estágio.

Local e Data:

Documento assinado digitalmente
Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira
Data: 20/04/2022 15:36:54-0300
CPF: 635.916.850-20
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira - Diretor(a) do DIP -
PROGRAD - UFSC

Isabela Melim Borges - Prof. (a) Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
Isabela Melim Borges
Data: 20/04/2022 17:38:34-0300
CPF: 902.848.609-72
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Documento assinado digitalmente
Camila de Andrade
Data: 20/04/2022 12:55:35-0300
CPF: 065.472.199-84
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Camila de Andrade - Estagiário(a)

Documento assinado digitalmente
Nubia Saraiva Ferreira Rech
Data: 20/04/2022 12:59:17-0300
CPF: 632.630.330-34
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Nubia Saraiva Ferreira Rech - Supervisor(a)

Documento assinado digitalmente
George Luiz Franca
Data: 20/04/2022 14:47:50-0300
CPF: 009.593.659-90
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

George Luiz Franca - Supervisor(a)

6.1.3 ANEXO C - Raquel Ferreira da Rosa Oliveira

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9448 / (48) 3271-9298 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br**TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2049980**

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof.(a) Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Nubia Saraiva Ferreira, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Raquel Ferreira da Rosa Oliveira, CPF 464.116.608-08, telefone (16) 3972-3921, e-mail raquelrosaoliveira22@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 18104028 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e vinculado à disciplina MEN7002 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (252h/a)
- Art. 2º:** O(A) Prof.(a) Isabela Melim Borges, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de 14.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 11/04/2022 a 03/08/2022, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) George Luiz Franca.
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820001901 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).
- Art. 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
- Art. 7º:** O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
- Art. 8º:** O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) tem direito a 9 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
- Art. 10º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 11º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 12º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2049980

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

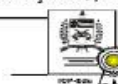
Realização de pesquisa e estudo acerca das temáticas a serem desenvolvidas nas atividades relativas à docência em: língua portuguesa e literatura; Acompanhamento de aulas; Planejamento didático; Análise de matérias didáticas; Execução do; planejamento por meio da regência de classe; Elaboração e entrega do trabalho escrito final; Socialização da experiência de estágio.

Local e Data:



Documento assinado digitalmente
Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira
Data: 20/04/2022 12:35:44-0300
CPF: 635.916.850-20
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira - Diretor(a) do DIP -
PROGRAD - UFSC



Documento assinado digitalmente
Raquel Ferreira da Rosa Oliveira
Data: 20/04/2022 11:24:34-0300
CPF: 464.116.608-08
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente
Nubia Saraiva Ferreira Rech
Data: 20/04/2022 17:57:31-0300
CPF: 632.630.330-34
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

JFSC

Isabela Melim Borges - Prof.(a) Orientador(a)



Documento assinado digitalmente
Isabela Melim Borges
Data: 20/04/2022 12:31:06-0300
CPF: 902.848.609-72
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

George Luiz Franca - Supervisor(a) no local de Estágio



Documento assinado digitalmente
George Luiz Franca
Data: 20/04/2022 14:51:23-0300
CPF: 009.593.659-90
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

6.2 REGISTROS DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

6.2.1 ANEXO A - Registro de observação de Bianca Maia Mello da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA
DISCIPLINA MEN7002
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
TURMAS 09428A

PROFESSORA ORIENTADORA: ISABELA MELIM BORGES
PROFESSORA SUPERVISORA: GEORGE FRANÇA
CAMPO DE ESTÁGIO: COLÉGIO DE APLICAÇÃO
ESTAGIÁRIO/A: Bianca Maia Mello da Silva

FREQUÊNCIA DO/A ESTAGIÁRIO/A ÀS AULAS

ETAPA DE OBSERVAÇÃO
2022/1

DATA	NÚMERO DE AULAS	RUBRICA DO/A PROFESSOR/A DA TURMA
27/04/22	2	
28/04/22	2	
29/04/22	1	
04/05/22	2	
5/5/22	2	
6/5/22	1	
11/5/22	2	
12/5/22	2	
13/5/22	1	
18/5/22	2	
20/5/22	1	

Observações (caso necessário):

6.2.1.1 - ANEXO A1 - Diário de observação de Bianca Maia Mello da Silva

ENCONTRO DIA 27/04/2022 8:50 – 10:10

O professor está falando sobre os contos que eles leram durante as aulas anteriores e deu uma puxada na orelha dos alunos sobre atrasos, faltas e entrega de atividades. Ele pede ajuda dos alunos para lembrar detalhes sobre o enredo do conto. Os alunos se ajudam. A sala está disposta em um círculo.

O professor faz uma recuperação dos ditos nas últimas aulas, veio preparado e imprimiu todos os e-mails que recebeu sobre as atividades dos alunos e agora dá oportunidade de falar aos grupos do círculo de leitura. A turma, de maneira geral, parece bem atenta ao que os colegas falam. O professor chama atenção para alguns pontos que aos quais os alunos não se atentaram: quem é o narrador desse conto? Uma narradora personagem.

Ele vai chamando pessoas do grupo conforme as funções pré definidas do círculo de leitura. Uma aluna fala sobre o que ela desenvolveu em sua função no círculo e lê o trecho que ela selecionou. Ele chama a próxima aluna e ela chama atenção para o que significa a palavra amaurose, fala sobre a doença que a personagem tinha e o professor democratiza essa informação perguntando quem já conhece essa doença e quem nunca ouviu falar. Ela lê um outro trecho selecionado.

Tem uma aluna que é bem participativa e ela está falando sobre o que aconteceu no conto. O professor fala sobre um contexto de idade dos personagens com relação a expectativa de vida da época do conto, ele retoma um texto lido anterior aquela aula que uma aluna lembra o título.

O professor chama outra aluna para tratar desse conto que se chama *O Último Raio de Luz*, que é dedicado a Júlia Cortines. Ele vai convocando os alunos conforme as suas funções dentro do círculo de leitura tal qual fez com o anterior. O professor chama atenção das invisibilidades sofridas pelas mulheres e finaliza com esse grupo.

A aluna está fazendo um resumo do conto *E os cisnes*. Ela falou bastante e depois falou sobre a experiência dela lendo o conto. ela relacionou com *o alienista* de Machado de Assis e *cemitério dos vivos* do Lima Barreto e tratou sobre o porquê era parecido. O professor chama outro aluno para falar sobre outras coisas. Não tenho certeza sobre as funções de cada um

dentro do grupo. O professor faz uma alusão a serafina e anjos e trata sobre a etimologia da palavra. Algumas vezes passa um dicionário para os alunos verem a palavra em discussão.

Um aluno faz uma boa conexão e o professor aponta essa conexão, salientando-a. Ele chama outra aluna e ela não fez a sua parte nesse conto. Ele traz uma questão de afrancesamento por ter diversas palavras em francês ao longo desse conto. O professor fala sobre títulos e os alunos lembram de *Sítio do picapau amarelo* de Monteiro Lobato.

Eles falam de palavras desconhecidas. Serafina -> anjos.

O conto menciona o Hospital nacional dos alienados, que internava crianças e adultos (mulheres e homens) todos juntos. O professor mostra fotos do lugar na internet para que a informação se torne mais palpável.

O professor chama atenção para a questão de neuro atipicidade presente no conto e discute brevemente com os alunos.

A discussão daquele conto se finaliza e eles começam a tratar do conto *A morte da velha*: O aluno 1 começa o resumo contando aos seus colegas quem foi a pessoa da dedicatória. Logo depois ele resume o enredo. O professor chama uma aluna que faltou e chama a próxima aluna que selecionou trechos do conto. A aluna lê os trechos e fala das suas impressões com os trechos que selecionou.

ENCONTRO DIA 28/04/22

Hoje o encontro começou relativamente atrasado já que o professor e os alunos chegaram atrasados (pouco) em 10 minutos já que tinha um dia D acontecendo e os alunos ficaram bem mais agitados nesses dias.

O professor chama atenção aos contos que já foram tratados na última aula: O último raio de luz, dos cisnes e a morte da velha. Faz uma breve retomada com os alunos sobre os contos anteriores (no final da aula ele menciona a importância das retomadas). Durante a retomada ele pede ajuda aos alunos e eles se ajudam a lembrar.

Ao final da retomada (que o professor tenta fazer brevemente) ele continua a atividade dos círculos de leitura. Chama o primeiro aluno, que resume o conto e os demais vão se ajudando com detalhes. Isso durou cerca de 5 – 10 minutos.

O professor raramente interrompe os alunos quando eles falam, mas agora ele interrompeu para lembrar sobre uma pesquisa que eles fizeram com jornais antigos e relaciona ao conto que recém começaram a discutir. Ele chama atenção a palavra tísica, que é um sinônimo de tuberculose;

Professor usou o termo “passação de pano” durante a retomada da apresentação da aula anterior do grupo 3. Ambiente bem informal. Ele chama o próximo aluno e ele fala sobre algo que não entendi. Alguma coisa de mulheres. Aluna fez uma ótima ligação entre a adoração da causa do nosso próprio mal entre o conto dos cisnes e esse.

Outro aluno fala. Le um trecho que pensa sobre a falta de interesse da parte da família em salvar a velha. Uma menina fez uma produção de um gif de olhos se movendo: “Quem se lembra de mim?”. Maravilhoso demais.

PROXIMO

O PERFIL DE PRETA.

Um aluno fica responsável pela síntese; Um pro refletir sobre trechos; Um para procurar palavras. Questões políticas e sociais foram levantadas e a aluna pegou uma frase que levou de novo a discussão para questões sobre racismo. Mas o conto é sobre isso.

Professor pega o ponto de que a autora não conseguiu fugir do racismo da sua época, apesar de ser mulher e ser escritora. Uma aluna selecionou um trecho que colaborou pouco, acredito. Um aluno falou sobre o racismo de novo e o professor perguntou se eles achavam que isso era época dos escravos libertos ou escravos que ainda eram escravos.

ENCONTRO DIA 29/04/22

O professor faz observações sobre “o perfil de preta” e a relação com a questão de um perfil geral e um imaginário de raça e negritude ali do final do século. A autora faz uso de termos racistas e vale observar (professor ainda está falando) sobre como os personagens foram construídos, provocando uma distração para que ele sofra um acidente pq ela acredita que ele a tinha traído. As próprias descrições dos personagens levavam associações de estereótipos. Ele finaliza a sua fala com a dedicatória, que é pro Machado de Assis.

A sala está atualmente beem vezia, será que é assim todas as sextas? Tem 13 pessoas.

O professor leu o resumo do conto O VOTO já que o aluno responsável por isso faltou. Um aluno comentou sobre como eles sempre colocam o pai da noiva contra o noivado e nesse caso ele é a favor. Bastante gente do grupo dele faltou.

O menino que esta falando pensou bastante sobre a questão da palavra e o valor que ela pode ter. As diferenças entre a visão que os personagens tem e a atual. Um aluno está lendo sobre as ambientações do conto. Rio de janeiro. Novidades.

Rio de janeiro como estado, não necessariamente a cidade rio de janeiro mas sim o estado. Esse se ambienta no interior, em um sitio longe de tudo. Uma brincadeira com o ARCADISMO.

ENCONTRO DIA 04/05/2022

Deu um pequeno atraso nas apresentações dos grupos. Ta cerca de uma aula inteira atrasado mais ou menos. Uma aluna vai retomar o conto *o voto* e resume-o. Um aluno separou quatro trechos do conto. Ele faltou a aula de sexta feira. Na verdade quase todos eles faltaram. Ele chama atenção para o quanto a família era religiosa.

Até a marcação da hora faz referencia a religião, que faz muito sentido com a temática central do conto. Um aluno fala sobre como marido dela pegou febre amarela e o Rio de Janeiro. Foi quase certo.

A NECROSE DA COR ?

NEVROSE

Uma aluna resume o conto. É um conto diferente dos demais já que se passa no Egito. Foi uma das primeiras coisas que ela comenta. Ela sofre dessa doença que se chama nevrose da cor, especificamente o vermelho.

É um conto bem diferente dos vistos até então e o George sempre frisa isso. Uma aluna lê os trechos selecionados sobre um ataque a um escravo e um sobre um momento que ela morde ela mesma e ela teoricamente morreu disso. Mais um aluno do grupo faltou. Uma aluna separou trechos interessantes.

A pureza da mulher é como o aroma na flor. E quanto mais ela tem uma posição elevada, mais ela deve se comportar. Ela selecionou poucos trechos bem próximos, mas se esforçou.

Procurou o egito e o deserto, rio Nilo, esfinge, pirâmides, cidade de tebas etc.

Um aluno selecionou as palavras que não conhecia e o professor interrompeu a aula para ler o dicionário. Depois disso o menino continua falando sobre as palavras.

Tem um fascínio da época com as questões do Egito já que a pedra para decifrar os hieróglifos tinha sido recém descoberta.

Foi abordada a questão do vampirismo com a energia vital e a sexualidade. Ela trata das questões dos escravos, da função da mulher dentro da família e de o que acontece com a mulher sexual.

Nefrose = neurose

CONTO A PRIMEIRA BEBEDEIRA

Uma aluna lê o resumo que ela fez e uma outra leu um diálogo. Vários alunos desse grupo não participaram pois disseram que não fizeram..

SOB AS ESTRELAS

Esse é pro Olavo Bilac, o professor questiona o porquê?

Um aluno fala sobre o conto e O George falou que ele não ouviu direito e pediu pra ele repetir e ele ta fazendo um trabalho bem melhor na segunda vez.

ENCONTRO DIA 05/05/2022

CONTINUAÇÃO CONTO SOB AS ESTRELAS

O conto tem de novo essa atmosfera macabra e sombria bem presente nos contos desse livro. Vieram hoje poucos alunos. 15.

O professor fez uma programação boa, de maneira que todos os contos fossem trabalhados.

A questão da mãe solteira e sua demonização aos olhos da sociedade. Alguns alunos concordam e entram em uma discussão que leva uns 5 minutos Um aluno fez bem a sua parte e participou da discussão, e logo depois um aluno fez uma ótima reflexão.

Todos eles que tão falando fizeram reflexões sobre amor. Muitas mesmo. Foi mesmo um tema tão marcante ou os alunos que levaram mais pra esse lado?

As demais do grupo não prepararam nada.

George toma a dianteira e começa a falar sobre algumas assimetrias sociais que estão presentes no conto, que é ainda confrontado ainda por uma moral sagrada religiosa e as instituições que tratam como proibido mesmo o amor entre padres e mulheres.

CONTO AS TRES IRMÃS

Uma aluna fez o resumo e é sobre Três irmãs, Teresa, Lucinha e Violeta. Teresa sente que está morrendo e divide as coisas delas. Morre e as irmãs não se importam. Uma aluna fala sobre a relação de teresa com as irmãs e o ser conhecido e desconhecido ao mesmo tempo.

PARENTES, NÃO FAMÍLIA.

O george permite que os alunos falem um pouco sobre velórios e morte e família e como tem diferenças entre si. Uma aluna faz uma reflexão sobre como o texto usava muito o pretérito mais que perfeito e palavras mais antigas. Uma outra aluna fez um desenho legal.

CONTO AS HISTÓRIAS DO CONSELHEIRO

Uma aluna fez o resumo e outra não fez a sua parte. Um aluno fala sobre as palavras que selecionou e sobre pilhéria que significa fazer piada. Begonias – um tipo de flor. Incredulidade.

CONTO O VÉU

Uma aluna fez o resumo. Ela faltou, mas deixou o resumo feito. Outra aluna selecionou passagens para destacar para os alunos. Outro aluno fala das expectativas das pessoas e outro aluno não fez.

O conto em si fala sobre os pré-conceitos de um homem frustrado que foi reprovado no quinto ano de medicina que, em um momento de surto, vai embora para sua cidade natal e na viagem ele encontra duas mulheres bem distintas. Uma usava um véu e a outra não e uma era branca e a outra parda, respectivamente. Ele (kinda of racist) automaticamente acredita que a do véu era pura, linda, branca, pequena, frágil, feminina e não trabalhava, etc. enquanto que a que não usava véu não era nada disso, tinha as mãos endurecidas pelos calos e etc e depois ele segue a mulher que ele já acredita que ama e na vida era feia e velha.

NARRADOR PERSONAGEM HOMEM

O George faz uma pesquisa em sala já que muitos alunos não fizeram a sua parte e mostra aos alunos fotos da universidade paulista.

Um aluno deixou algumas palavras que ele selecionou com significados.

Ele pegou Garr (estação em francês) para falar sobre um fenômeno em ascensão que tinha relação com o fenômeno que acontecia muito nos textos do Mário de Andrade.

Um conto mais divertido, sem um ar gótico. Lembraram da novela Sinhá Moça e a Moça do Véu.

6.2.2 ANEXO B - Registro de observação de Camila de Andrade

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
DISCIPLINA MEN7002
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
TURMAS 09428A

PROFESSORA ORIENTADORA: ISABELA MELIM BORGES
PROFESSORA SUPERVISORA: GEORGE FRANÇA
CAMPO DE ESTÁGIO: COLÉGIO DE APLICAÇÃO
ESTAGIÁRIO/A: Camila de Andrade

FREQUÊNCIA DO/A ESTAGIÁRIO/A ÀS AULAS

ETAPA DE OBSERVAÇÃO
2022/1

Ano: 2022

DATA	NÚMERO DE AULAS	RUBRICA DO/A PROFESSOR/A DA TURMA	
27/04	2		
28/04	2		
29/04	1		
04/05	2		
05/05	2		
06/05	1		
11/05	2		
12/05	2		
13/05	1		
18/05	2		
20/05	1		

Observações (caso necessário):

6.2.2.1 - ANEXO B1 - Diário de observação de Camila de Andrade

27.04.22

OBSERVAÇÃO: DIA 1

* As estações foram opostas à terra.

* O professor George fez alguns comentários com a turma a respeito de artigos de estudos.

JULIA LOPES DE ALMEIDA

* O foco da aula foi no livro "ÂNSIA ETERNA"
↳ LIVRO DE
CONTOS.

DINÂMICA DA AULA:

- SEMICÍRCULO
- PROJEÇÃO DO LIVRO NO DATA-SHOW
- ALUNOS PRESENTES: 20

* O primeiro conto discutido foi "O ÚLTIMO RAIO DE WZ".

↳ P: Qual é o tipo de narrador?

R: Narrador-personagem (mulher solteira falando das suas amigas)

↳ O professor escolhe alunos aleatoriamente para comentar sobre partes do conto que considerarem importantes.

27.04.22

↳ A protagonista, no início de ix preocupa-se com a própria doença, parecia muito mais preocupada com a obsessão que nutria pelo seu médico.

* Sempre tem a problematizadora da sala.

↳

↳ A protagonista tinha 15 anos e era apaixonada por um homem de 30.

↳ Comparação com o conto ÂNSIA ETERNA, conto que deu nome à coletânea, um que a protagonista se apaixonou por uma moça que nunca viu antes e que descobre que ela é cega no final.

* O professor queria a discussão do conto tirando dúvidas e respeito de vocabulário e palavras diferentes que aparecem no conto.

* Autora: JULIA LOPES DE ALMEIDA.

* A turma está dividida em grupos para trabalhar os contos.

27.04.22

* O segundo conto discutido em classe foi "E OS CIGOS?" AID : OADAVREASO

↳ ALIENADO: aquele que é AUHEIO à normalidade, por isso que "O ALIENISTA" é uma pessoa que trata as pessoas numa condição.

↳ Os alunos percebem a presença de muitos termos utroquid, mais especificamente palavras do francês.

↳ PARQUET

↳ TRICOT

↳ Narra a história da viscondessa em um manicômio.

* O terceiro conto discutido em classe foi "A MORTE DA VELHA".

↳ Narra a história de uma senhora muito idosa e preocupada com todos, e muito colada pelo irmão. Ela já estava muito debilitada e um dia, no meio da noite, a casa começa a pegar fogo e todos a abandonam lá, e ela morre sozinha.

↳ Os alunos começam a discutir se é pior morrer queimado ou afogado.

28.04.22

OBSERVAÇÃO : DIA 2

- O professor fez alguns esclarecimentos aos alunos sobre algumas situações ocorrendo na UFSC.

- DIA D: começa de time.

DINÂMICA DA AULA:

- SEMICÍRCULO
- PROJEÇÃO DO LIVRO NO DATAFLOW
- ALUNOS PRESENTES: 22
- A aula inicia com uma retomada do último conto trabalhado na aula passada, "A MORTE DA VELHA."
- O professor pede que o mesmo aluno que estava responsável por resumir a história na última aula (Lorenzo), lembrasse a turma da história do conto.
- Em seguida, o prof. pede que outro aluno responsável por analisar o conto fale so-

28 04 22

bre pontos observados por ela e que ela considera
muito importante no conto.

- O professor Tia dúvidas de vocabulário com as
alunas a respeito de palavras que são desconhe-
cidas a elas (Ex: TÍPICA, que é um dos nomes da
doença a TUBERCULOSE)

- Uma das alunas consegue associar este conto
com "E OS CISNES?", conto que abordado anterior-
mente, que fala sobre o fato de as pessoas
valorarem a causa de seu próprio mal, pois a
mulher no conto do cisne é atacada com a
ideia de imitar um cisne porque perdeu os fe-
lizes em um acidente com a rocha e a vertebra
deste conto tem muito a ver pelo motivo, que um
peixe a despreza.

- O segundo conto abordado em classe foi "PERFIL
DE PRETA".

Obs: este conto é dedicado a MACHADO DE ASSIS.

- Uma das alunas (Isabela) fez a leitura do
conto para a turma

- Em seguida, outra aluna se voluntariou para
descobrir sobre uma frase que considerou
importante e as alunas comentaram sobre isso.

29 04 22

OBSERVAÇÃO : DIÁ 3

- O início da aula é dedicado à continuação da discussão do conto "PERFIL DE PRETA".
- O professor fez oportunamente sobre o título do conto, e sobre todas as questões sociais que são levantadas na obra.
- A aula é interrompida por uma funcionária da escola que dá a notícia de casos de suspeita e confirmados na sala (COVID-19).
- O professor fez oportunamente sobre as informações do conto que eram consideradas práticas de saúde negra, muito associada a práticas da cultura afro-brasileira (roda de samba, capoeira, etc.), e que eram consideradas ruins.
- O próximo conto a ser trabalhado em sala de aula é "O VOTO"

OBS: um trabalho com os contos foi feito em forma de sorteio, ou seja, o professor sorteará um trio para trabalhar com cada conto.

29.04.22

DINÂMICA DA AULA:

- AULA EM FILEIRAS (POUCO TEMPO)
- ALUNOS PRESENTES: 13

• No conto "O VOTO", percebe-se claramente uma descrição romantizada e estereotipada da realidade, e os alunos se autotonomizam para isso.

~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~

OBSERVAÇÃO: DIA 4 (04/05/21)

- A aula inicia com uma pergunta pelo professor das notas das atividades anteriores e mais alguns comentários.
- O cronograma das aulas está um pouco atrasado (1 aula atrasado) porque as últimas aulas ainda não foram discutidas.
- A aula inicia com a retomada do último conto discutido na aula passada, "O VOTO".
- O conto fala sobre um casamento marcado entre dois primos que se amam, mas o pai do noivo exige

04.05.22

o a rainha, desesperada, pede a Deus para trocar a promessa de casamento pela vida do reino.

- A discussão continua com um dos alunos levantando trechos do conto que considera relevantes e com outro aluno trazendo uma reflexão a respeito do tema do conto ou de algo abordado nele que pode ser relevante.

↳ esse aluno falou sobre o contexto histórico do conto.


- O segundo conto trabalhado em classe é "A NEVROSE DA COR".

↳ A história se passa no Egito e conta a história de uma princesa que era obcecada pela cor vermelha, mais especificamente o sangue. Aos poucos, sua obsessão chega ao ponto de querer beber o sangue de humanos (escravos), e, desesperada, ela conta uma história e bebe seu próprio sangue até morrer.

- Uma aluna levanta trechos relevantes do conto e faz algumas interpretações e percebe a presença de EUFEMISMOS no conto, como "deixar o sono eterno", que significa morrer.

04.05.22

DINÂMICA DA AULA:

- SEMICÍRCULO
- ALUNOS PRESENTES : 18
- Um aluno faz algumas observações interessantes e de muito comum sobre o Egito (deuses, pirâmides, esfinges, etc.)
- Outro aluno aponta sobre palavras diferentes que identifica no texto.
- O professor faz uma observação sobre a palavra "ALCATIFA", muito presente em todo o livro e que se refere a todo tipo de tapetaria que cobre o chão. Além disso, o professor aponta que quando uma palavra em português começa com "AL", muito provavelmente ela tem origem ÁRABE.
- Esse é o primeiro conto do livro trabalhado em sala que se passa num lugar de frente a um tema diferente do que tem sido escrito, até uma literatura fantástica.
- Depois de falar sobre a palavra "ALCATIFA", 

04.08.22

o professor busca a palavra no dicionário HOAÏSS, e passa o dicionário pelos alunos.

- O próximo conto a ser trabalhado em classe é "A PRIMEIRA BEBEDEIRA".
- A menina Jodeusa é a encarregada do reunião.
- Outra aluna é responsável por apontar pontos importantes do conto e levantar uma discussão de reflexão a respeito delas.

Obs: O professor George utiliza muito o projetor da sala, vários podemos pensar em trabalhar com esse recurso porque é possível contar com ele na sala. Os alunos parecem responder bem a ele.

- Uma das tarefas que um dos membros do grupo responsável por coala conto tem que fazer é trazer INDAGAÇÕES a respeito do texto, algum tipo de reflexão que um conto nos leva a ter, alguma questão vinculada à sociedade, um filme.

04.05.22

- O próximo conto a ser trabalhado em classe foi "SUB AS ESTRELAS", dedicado a OLAVO BILAC.

- Um aluno é dedicado ao resumo do conto.
 - ↳ MACABRO DEMAPS

OBSERVAÇÃO: DIA 5

05/05/22

- O professor inicia a aula abordando um comentário sobre o trabalho final sobre o livro do conto. Os alunos poderão elaborar uma apresentação com o tema suscitado nos contos mas de forma livre. Eles podem pensar livremente, inclusive poderão fazer individualmente ou em grupos, sejam os mesmos grupos já formados ou novas formações.

- ↳ Basicamente, o professor deixa os alunos bem livres para explorarem sua criatividade.

DINÂMICA DA AULA:

- SEMICÍRCULO
- ALUNOS PRESENTES: 15

- Continuando o trabalho com os contos, a

05.05.22

A aula inicia com a retomada do último conto trabalhado em classe, "SOB AS ESTRELAS".

- Um aluno traz alguns trechos destacados por ele que considera relevantes.

OBS: A aula um dia, a discussão dos contos, começa às 9h10, ou seja, os primeiros 10min da aula foram dedicados aos incomentários sobre o trabalho de consolidação, a chamada e organização da turma.

- A aluna foloclea sempre levanta debates sobre feminismo e machismo, mas muitas vezes pela algumas informações um pé num coque, sem fundamento e sem saber o que está falando, muito baseada em senso-comum e opiniões de terceiros.

- Outro aluno traz analogias sobre temas que considerou relevante para discutir em classe.

↳ O grupo foi prejudicado porque não formado por 4 pessoas e 2 não pegaram sua parte nas atividades.

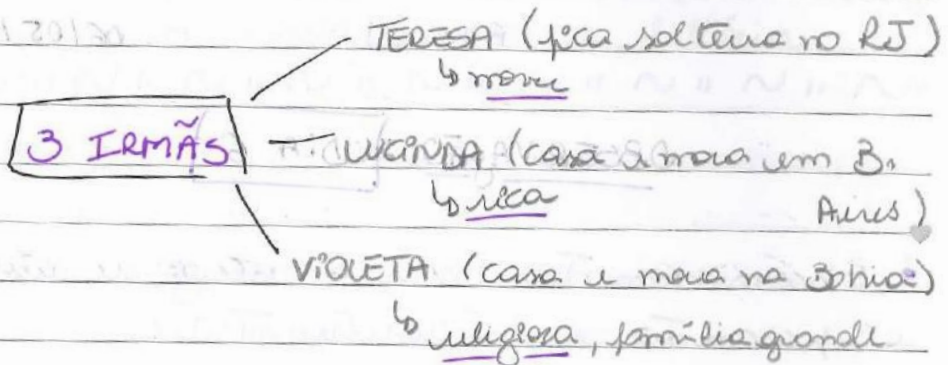
tilibra • O professor fez observações sobre o conto

05.05.22


que talvez nos alunos não tenham prestado atenção, como a diferença de classe e de etnia das protagonistas.

• O próximo conto discutido em classe é "AS TRÊS IRMÃS", dedicado a Zelina Rolim.

• Curiosamente, é um grupo só de meninas que é responsável pela apresentação do conto. No momento, uma das alunas apresenta o resumo do conto, e as outras trazem trechos importantes e análises.



• A aluna poderia associar este conto ao conto "A MORTE DA VELHA", pois, assim como a velha, Teresa não se pegada à sua família e viveu sua vida esperando que a família volte, enquanto todas as outras estão seguindo as suas vidas.

• O professor também discute a relação de 

05.05.22

code uma com o parado, pois cada uma guarda suas próprias lembranças e experiências.

- O próximo conto a ser discutido na aula é "As HISTÓRIAS DO CONSELHEIRO".

- Os alunos resumem a história e o professor ajudando-os com as reflexões.

- Outro aluno traz uma lista de palavras diferentes que aparecem no conto.

~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ || ~ ||

06/05/22

OBSERVAÇÃO: DIÁ 6 FINAL

- Encomendamentos sobre a entrega de atividades e fechamento de médias trimestrais.

- O primeiro conto a ser trabalhado na aula é "O VEU".

- A aluna responsável por apresentar o resumo não esteve na aula, mas encomendou o resumo por e-mail e o professor lê o resumo para a turma.

06.05.22

- Uma aluna fez reportagens sobre patos importantes da história (consolidadas por ela).

- Outra aluna ficou responsável pela busca por pala mas desistiu, mas também não compareceu na aula e deixou uma pesquisa para o professor ler para a turma.

- Outra costo atrabalhada em classe fez "PELA PÁTRIA".

- Uma aluna é responsável pelo sumo do costo já fez algumas interpreções sobre a história.

N || N || N || N || N || N || N || N || N || N || N

11 05 22

OBSERVAÇÃO: DIA 7

- O professor dá alguns comentários a respeito do andamento das aulas, da avaliação e das próximas atividades.
- A aula inicia de fato com uma retomada do conto "PELA PÁTRIA", que começou a ser discutido na semana passada. A aluna responsável pelo texto fez novamente uma leitura de destaque para que as outras passas que trouxeram comentários sobre o conto pudessem se manifestar.

CATARINA

PEDRO (marinha)

JOÃO (do exército)

↳ A mãe Catarina descobre que João matou Pedro na guerra, e diz que fez isso pela Pátria.

- Dá pra perceber que os alunos não compreenderam muito bem o final do conto, um que a mãe dos gados diz "A PÁTRIA SOU EU", e eles não entenderam muito bem o que isso significa.
- O conto retrata a dor de uma mãe que produziu seus filhos para a guerra.

11.05.22

- Uma aluna fez comentários sobre o conto utilizando palavras, imagens e temas do conto.
- Outra aluna usou uma lista de palavras de funções presentes no texto para discutir um relato.
- O professor fez alguns comentários sobre o fato de um irmão em motocicleta o outro, associando-os a Caim e Abel, que o primeiro mata o segundo.
- O professor fez anotações da história do conto com a Revolta da Armada, e é por isso que existe um conflito interno entre os militares que motivou a luta entre os irmãos.
- "A PÁTRIA ÉU EU" = o mãe que dizer que a verdadeira denúncia deve vir de ela, que os leões do amor e culchado.
- O próximo conto a ser trabalhado foi "A CASA DOS MORTOS", bem macabro, e tudo acontece no santo de uma moça. O conto foi dedicado a Francisca Júlia da Selva.
- Bem que uma discussão sobre o conteúdo do conto e uma obra de seus comentários. Após isso, outro aluno usou palavras diferentes para discuti-las.

12.05.22

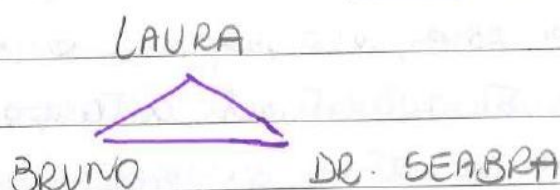
OBSERVAÇÃO : DIÁ 8

- Os acontecimentos da aula de hoje foram bem bons.
- O primeiro conto va ser trabalhado nessa aula foi "A CAOLHA", considerado o conto mais importante da obra, e a professora recomenda que todos tenham juntamente este conto pois seria uma possibilidade de tema de uma das questões do vestibular.
- Muitas pessoas do grupo responsáveis pela análise do conto não vieram ou não fizeram as suas atividades, então apesar um aluno fazer os apontamentos e a professora entende a discussão do conto com todos os alunos presentes.
- O mesmo aluno aponta palavras diferentes que aparecem no texto.
- Ao final do conto discute-se que o culpado pelo fato de o mãe ser caolha é culpa dele, pois quando ele pequeno, empinou um garfo no dedo da mãe sem querer.

12.08.22

- O próximo conto a ser discutido é "IN EXTREMIS", título um latim, que significa "nos últimos instantes de vida, no derradeiro momento".
- Uma aluna é responsável por resumir a história e já associa o plot da história com a trama de "Dom Quixote".

TRIÂNGULO
AMOROSO



- Outros alunos trazem analogias sobre aspectos interessantes para ele no conto.
- A aula finaliza com o início do trabalho com o último conto: "O DR. BERMUDEZ", dedicado a Raimundo Correia.
- Uma aluna faz o resumo do conto e já faz várias comentários sobre o tema.

13.05.22

OBSERVAÇÃO : DIÁ 9

- O professor fez comentários a respeito da presença dos alunos na aula, quando há os espaços entre uma aula e outra.
- A aula inicia com uma retomada da discussão com o conto "O DE. BERMUDEZ", e um dos alunos fez uma verificação do conto.
- Em seguida, outros alunos fez comentários de partes relevantes do conto.
- O professor complementa a fala do aluno por meio de outros exemplos de textos.
- Outros alunos fez analogias sobre temáticas abordadas no conto, como por exemplo a população que vive em situação de rua.
- Uma aluna fez composição do tema do conto com imagens e atualidades.
- Por último, outro aluno aponta palavras diferentes que aparecem no conto.

♡ 18/05/22

- A aula se inicia com o início da discussão do conto "A VALSA DA FOME".

~ ~ ~ ~ ~

18/05/22 •

OBSERVAÇÃO: DIA 10

- A aula inicia com breves comentários sobre atividades e uma delas delas já sendo lido o conto que começou a ser discutido na última aula: "A VALSA DA FOME".
- Como se se esperar, os debates sobre cada conto se estendem e aprofundam muito, por isso o cronograma pré-estabelecido pelo professor não foi observado alguns dias.
- Esse conto gerou MUITA discussão sobre a valsa (ou a falta) dos artistas, sobre artistas que não são reconhecidos, que vivem morrendo na miséria ou que são extremamente reconhecidos por uma única obra. Também discutiu-se a discussão sobre o propósito de se fazer arte.
- O professor se vê obrigado a encerrar a discussão para pontuar o próximo conto, que é "A BOA LUZ", sendo lido por um dos alunos.

18.05.22

- Basicamente, este conto fala sobre uma casa um que o caos nela e sobre um velho que não move nunca.
- Mais uma vez a discussão prende bastante e o professor precisa contar para seguir adiante.
- Uma aluna muito hábil polêmica e atendeu diferentes que aparecem no texto, e num caso são muitas.
- O professor encontra atencioso para a situação do conto com seu título.

6.2.3 ANEXO C - Registro de observação de Raquel Ferreira da Rosa Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
 DISCIPLINA MEN7002
 ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
 TURMAS 09428A

PROFESSORA ORIENTADORA: ISABELA MELIM BORGES

PROFESSORA SUPERVISORA: GEORGE FRANÇA





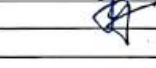
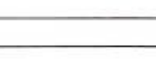




CAMPO DE ESTÁGIO: COLÉGIO DE APLICAÇÃO

ESTAGIÁRIO/A: Raquel F. de R. Oliveira

FREQUÊNCIA DO/A ESTAGIÁRIO/A ÀS AULAS

ETAPA DE OBSERVAÇÃO

2022/1

DATA	NÚMERO DE AULAS	RUBRICA DO/A PROFESSOR/A DA TURMA
27/4/22	2	
28/4/22	2	
29/4/22	1	
4/5/22	2	
5/5/22	2	
6/5/22	1	
11/5/22	2	
12/5/22	2	
13/5/22	1	
18/5/22	2	

Observações (caso necessário):

6.2.3.1 - ANEXO C1 - Diário de observação de Raquel Ferreira da Rosa Oliveira

OBSERVAÇÃO -

Dia 27/04

- O professor fez a chamada e organizou a sala em U.
- Os alunos apresentaram um trabalho.
- O professor retomou o que foi trabalhado na aula passada.
- O prof. fez um resumo sobre as faltas dos alunos, dando instruções de como solucionar esse problema.
- O prof. fez um resumo do conto trabalhado na aula passada.
 - ↳ mas ele pergunta quem de sabe se lembra do final do conto.
 - ↳ e os alunos, de fato, lembram.
- Um aluno fez um resumo do conto "O último raio de luz"
 - ↳ O prof. pergunta quem narra o conto, após destacar no data-show e no PDF o último trecho do conto.
 - ↳ mais outros alunos são chamados a fazer comentários sobre o

conto e, diante disso, o prof. faz alguns comentários utilizando o texto em sala.

↳ Uma aluna fez uma apresentação utilizando trechos do conto e utilizando de imagens.

↳ "Alguém tem alguma questão?"
- professor

↳ E algumas alunas comentam sobre o conto e a moral dele.



• O professor usa os comentários para continuar discutindo o conto.

• O próximo conto a ser apresentado é: Júlia Cortines

↳ O professor comenta sobre a invisibilidade do autor.

9#30

• Uma aluna apresenta o conto "E os cusmes?" de Batista Celso.

• O professor discute sobre a origem da palavra "alienado" (se que o

livro "O Alienista" é mencionado.

- Um aluno continua a apresentar o conto.

- Uma aluna apresenta sobre o conto e, diante disso, o professor discute sobre uma palavra francesa presente no conto.

- O professor discute sobre as títulas presentes no conto (visconde, marquês) e sobre a presença deles na monarquia.

- ↳ Discute suas origens e o que são/significam.

- O prof. usa o conto como gatilho para discutir a situação em manicômios e sobre a loucura e essas pessoas eram tratadas.

- O próximo conto a ser trabalhado é: "A Noite de Velho", de Prisciliana Duarte de Almeida.

- ↳ Dois alunos ~~apresentam~~ apresentam sobre o conto.

28/04 -

• O professor pede que um aluno re tome o ^{último} conto trabalhado na última aula: "A Morte da Velha"

• Uma próxima aluna continua a apresentação (não mais o que foi retomado na aula passada).

↳ O prof. pergunta sobre a palavra "tísico": e a aluna responsável pelo vocabulário responde o que é essa palavra.

↳ Depois pergunta da palavra "pombos"

• O professor questiona aos alunos sobre um fato presente no conto: a presença de mulheres afirmarem em anúncios que não têm filhos e os homens não terem que fazer isso.

↳ Os alunos respondem e uma delas relaciona a questão com um conto anteriormente trabalhado.

• O prof. usa uma palavra do texto e questiona: que palavras pedem

formar com a raiz desse problema?

- O próximo conto a ser apresentado é: "Perfil de Preto", de Gil de Figueiredo, dedicado para Machado de Assis

Dia 29/04

- O professor inicia a aula retomando o conto da aula passada, mas acrescentando uma nova informação: sobre o título do conto.

↳ uma discussão sobre racismo presente no conto.

↳ o conto é dedicado a Machado de Assis (um homem negro).

- Com a falta de uma aluna, o professor lê em voz alta o resumo de uma aluna sobre o próximo conto:

"O voto"

- As tarefas dos alunos são:

- ① resumo
- ① faz indagações sobre o conto
- ① pesquisa o significado de palavras difíceis
- ① faz ilustrações sobre trechos do conto

- Uma aluna costuma fazer comentários sempre, diante das explicações do prof. ou dos colegas e o prof. costuma "não dar bola" para alguns dos comentários dele.

Dia 04/05 -

- O prof. fez a chamada e retomou o conto trabalhado na aula passada: duas } alunas não apresentaram o voto

↳ Um aluno apresenta os trechos que selecionou do conto: 3 que os explicam e 1 que gostou.

- O próximo conto a ser apresentado é o conto "A Nervose da Cor".

↳ Uma aluna faz uma síntese bem completa, e outra diz os trechos que selecionou do conto.

↳ Outra aluna também seleciona alguns trechos.

• Um aluno tinha mandado seu trabalho, mas o email não tinha enviado. Ele então apresenta os trechos que selecionou.

↳ Um último aluno do grupo apresenta as palavras que selecionou do texto.

↳ O prof. indica uma palavra selecionada em seu dicionário, que ele deixa passar entre os alunos.

↳ "Alcatifa"
↳ origem árabe

• O próximo conto é o conto:

"A Primeira Bebedeira"

↳ Uma aluna resume o conto e outra apresenta os trechos do conto que selecionou.

↳ O próximo aluno a apresentar não fez o trabalho. A próxima também não.

• O próximo conto é "Sob as estrelas" ~~de~~ dedicado a Clara Bibe

↳ as alunas dizem estar confusas com as apresentações, sobre

qual devem apresentar, já que estão os contos atrasados.

• Um aluno faz a síntese do conto "Sob as estrelas".

Dia 05/05 -

• O prof. explica o trabalho que os alunos farão, dando explicação das possibilidades.

↳ Depois disso o prof. faz a chamada.

• O conto trabalhado na aula passada é retomado ("Sob as estrelas").

• Um aluno apresenta sobre o conto (falando um pouco baixo, inclusive).

↳ As duas outras alunas do grupo não fizeram o trabalho.

↳ O prof. então fala sobre a simetria social e racial do conto.

↳ Depois ele discute sobre a dedicatória e sobre o poema "Queria estrelas" do autor.

• O próximo conto a ser trabalhado é "Três irmãs" (dedicado a Zalina Polkin)

↳ Uma aluna faz o resumo do conto

↳ O prof. faz um esquema na lousa para ficar mais claro quem é quem das irmãs.

↳ Uma outra aluna apresenta sua parte sobre o conto.

• O próximo conto a ser trabalhado é: "As histórias do conselheiro"

↳ Os demais alunos do grupo também não fizeram o trabalho

↳ E, por fim, um aluno apresenta as palavras e seus significados que selecionou

Dia 06/05 -

• O prof. dá alguns recados coloquiais sobre as metas e a prova que os alunos terão de reposição.

- O prof. faz a chamada depois disso.
- O conto a ser trabalhado / apresentado é o conto "O Vêú".
 - ↳ O prof. lê o resumo que a aluna fez do conto.
 - ↳ A próxima aluna apresenta as trechos que selecionou.
 - ↳ E um próximo aluno apresenta as conexões / críticas que fez sobre o conto.
 - ↳ O próximo aluno não fez o trabalho
 - ↳ E, por fim, uma outra aluna apresenta as imagens que fez sobre o conto.
- O professor destaca algumas palavras específicas do conto.
- O próximo conto chama-se: "Pela pátria".
 - ↳ A aluna apresenta a síntese.

Dia 11/05 -

• O professor faz a chamada e depois dá alguns recados:

- Sobre as nossas regências
- Sobre a avaliação
- Entrega das metas

• Uma aluna que apresentou o conto me aula passado o retorno:

"A Pátria"

• A próxima aluna a apresentar (afirmar qual o ano em que passe o conto) não conseguiu encontrar esse resumo.

• A próxima apresenta trechos do conto com imagens.

• E a próxima aluna apresenta as palavras que selecionou do texto.

• O prof. pede que o próximo conto seja apresentado: "A Casa dos Mortos" (dedicada a Francisca Júlia de Silva)

• Uma aluna resume, em seguida uma aluna conta o que procurou do conto e um aluno acabou não fazendo.

↳ E um último aluno apresenta as palavras que selecionou do conto.

Dia 12/05-

• A turma é organizada em U e o professor faz a chamada.

• O conto a ser apresentado é "A coelha" (dedicado a Eva Camel)

↳ Apenas um aluno do grupo fez e ele apresenta a síntese do conto e as palavras que selecionou.

• O próximo conto a ser discutido tem o nome em latim:

"In Extremis"

↳ "no extremo, momento de quase morte, quando está para morrer."

- Duas alunas resumem o conto
 - ↳ E uma aluna faz algumas considerações sobre o conto.
 - ↳ E uma outra aluna apresenta as palavras que selecionou.
- Um aluno apresenta as trechos que selecionou.
- O próximo conto a ser trabalhado é o "O Dr. Bermudes"
 - ↳ uma aluna faz a síntese do conto.

Dia 13/05 -

- Um aluno retorna o conto que foi apresentado na aula passada.
 - ↳ O prof. dá continuidade, relembrando e fazendo comentários sobre o conto.
 - ↳ Um aluno apresenta suas considerações sobre alguns trechos que selecionou.
- Outro aluno apresenta os trechos e imagens que selecionou.

- Uma aluna selecionou as palavras que do conto. → O professor lê o seu trabalho.
- O próximo conto a ser trabalhado é "A Valsa da Fome"
 - ↳ Uma aluna o resumo para a sala

Dia 18/05 -

- O prof. dá alguns recados sobre as metas das alunas.
 - ↳ Ele retoma depois o conto trabalhado na aula passada "A Valsa da Fome"
- Uma menina apresenta os trechos que selecionou do conto.
- Uma outra aluna faz uma imagem sobre um trecho do conto.
- O próximo conto a ser trabalhado é "A Boa Lua"
 - ↳ um aluno o resumo e apresenta um trecho do conto que selecionou.

• Outro aluno faz comentários /
os apresenta, que fez sobre o
conto.

• Uma aluna selecionou. do conto.
apresenta as palavras que

3 semanas = 21 dias
= Estudo ⊕ E-book ⊕
Livro ⊕ Es. ~~com~~ /
Magia do V.

12 dias = 12 aulas
x 2 = E-book
e estudo
3 + 12 = 15 (0 livros)
(fábula 7)

Sobre o Conselho de Classes:

→ representante de turma
 • Ana discute sobre todos falarem no conselho e não apenas ela. A coordenadora do conselho é quem está guiando o conselho
 Juliana

• Matthews = psicólogo da escola
 → Ele diz que a escola está aberta para ajudá-los em qualquer problema ou confusão/dúvida que estejam passando.

• Os alunos não fizeram um texto para o conselho.

• Ana discute sobre uma discussão que surgiu no grupo de sala dos terceiros anos.

• Os alunos dizem suas queixas sobre o tratamento de alguns professores.

~~Os alunos~~ • Ana discute sobre a pontualidade dos alunos, mas também discute sobre a imprevisibilidade dos horários de ônibus

• Eles discutem sobre os sermões dos professores com quem está na sala e não com quem ~~está~~ saiu a sala toda.

• Os alunos disseram que a RI online não está funcionando e que querem uma presencial.

↳ Estão se sentindo como se estivessem sozinho, trabalhando sozinho e tudo mais.

⊗ Eles falam sobre o excesso de slides, com muita escrita e que estão cansados deles por causa da pandemia.

• Os alunos discutem sobre a falta de tempo para comer e comprar comida.

• Eles falam sobre a polarização do terceiro com os demais anos do ensino médio.

• O prof. George elogia a evolução da participação do turma e faz outras considerações sobre o que foi discutido.

• Os alunos estão cansados de fazer muitos trabalhos em grupos

é importante que eles façam grupos com outras pessoas

• Outro aluno faz comentários /
os apresenta, que fez sobre o
conto.

• Uma aluna selecionou. do conto.
apresenta as palavras que

3 semanas = 21 dias
= Estudo ⊕ E-book ⊕
Livro ⊕ Ex. oral /
Magia do V.

12 dias = 12 aulas
x 2 = E-book
e estudo
3 + 12 = 15 (0 livros)
(fábula 7)

Sobre o Conselho de Classes:

- ~~representante de turma~~ discute sobre todas falarem no conselho e não apenas de. A coordenadora do conselho é quem está guiando o conselho
Suliana

- Matthews = psicólogo da escola
↳ Ele diz que a escola está aberta para ajudá-los em qualquer problema ou confusão/dúvida que estejam passando.

- Os alunos não fizeram um texto para o conselho.

- ~~discute~~ discute sobre uma discussão que surgiu no grupo de sob das terceiras anos.

- Os alunos dizem suas queixas sobre o tratamento de alguns professores.

- ~~discute~~ discute sobre a pontualidade dos alunos, mas também discute sobre a imprevisibilidade dos horários de ônibus

• Eles discutem sobre os sermões dos professores com quem está na sala e não com quem ~~está~~ saiu a sala toda.

• Os alunos disseram que a RI online não está funcionando e que querem uma presencial.

↳ Estão se sentindo como se estivessem sozinho, trabalhando sozinho e tudo mais.

⊗ Eles falam sobre o excesso de slides, com muita escrita e que estão cansados deles por causa da pandemia.

• Os alunos discutem sobre a falta de tempo para comer e comprar comida.

• Eles falam sobre a polarização do terceiro com os demais anos do ensino médio.

• O prof. George elogia a evolução da participação do turma e faz outras considerações sobre o que foi discutido.

• Os alunos estão cansados de fazer muitos trabalhos em grupos

é importante que eles façam grupos com outras pessoas

6.3 PRIMEIRA VERSÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO 3A

6.3.1 ANEXO A - Primeira versão do trabalho de J e M

Mário Andrade, que nasceu em 1985, era um trabalhador de classe média baixa, não tinha condições financeiras, com dificuldade em sustentar seus pais, sem ter terminado os estudos, para ir trabalhar, teve limitações para achar um emprego que o pagasse bem. Mas Mário tinha um dom, era um escritor incrível, suas histórias deveriam ser exibidas para todos. Havia com ele vários cadernos com suas histórias incríveis para serem expostas ao mundo, só que infelizmente nunca teve essa chance, todo santo dia, depois do trabalho cansativo, escrevia seus contos.

No ano de 2005, foi lançado o youtube, que era uma plataforma de compartilhamento de vídeos, onde as pessoas publicam conteúdo e o alcance de visualizações não tem limites e com isso recebiam dinheiro com seus views. Era tudo que o Andrade precisava, mostrar seu trabalho e com isso conseguir dinheiro para sua família. Portanto teve que economizar um dinheirinho para os equipamentos de filmagens, foi difícil, mas conseguiu, teve que manter tudo no sigilo, pois seus pais não iriam acreditar e fariam que seria perda de tempo.

Começou gravando vídeos falando das suas histórias, ele tinha um modo de explicar o que tinha escrito de uma maneira que fizesse com que as pessoas se divertissem em suas imaginações e que não quisessem sair. O bom é que ele era um escritor de mão cheia, pois tinha contos guardados de romance, aventura, ficção, ação, até mesmo histórias infantis e muito mais, com isso pode alcançar diferentes pessoas, com diferentes faixas etárias, diversos estilos de vida.

Depois de 1 ano trabalhando em seu antigo emprego e gravando vídeos em segredo de sua família, conseguiu alcançar muitas pessoas e guardou cada centavo que conquistou na plataforma e comprou uma casa para seus pais e explicou como arranjou todo esse dinheiro, eles ficaram em choque e agradeceram imensamente seu filho.

Quando passou chegou a três milhões de inscritos em seu canal e recordes de visualizações no youtube, várias marcas brigavam para tê-lo. Muitos fãs pediam para ele escrever livros e mais livros e publicar fisicamente para todos terem acesso, assim foi feito. Que foram publicados por grandes empresas

6.3.2 ANEXO B - Primeira versão do trabalho de M e G

Marionna e Gabriel.

Só mais um dia

Mais um dia comum de férias de verão, nada de diferente, meus pais saíram pra trabalhar antes que eu acordasse; o que só veio a acontecer depois do meio-dia.

Sai de casa sem comer, não porque estava com pressa, ou porque não tinha o que comer em casa, eu só simplesmente não estava com fome, assim como não estava com preocupação alguma, indo me encontrar com meus amigos no nosso lugar favorito.

Claro que eu digo nosso local favorito, mesmo que seja um local público e um para onde vão todas as pessoas que estão com problemas (principalmente adolescentes; como eu; com problemas familiares; como eu).

Estando a duas ou três quadras de distância eu já ouvia risadas histéricas e alegres, de bêbados, não daquele tipo que incomoda e sim do tipo que você não consegue evitar de sorrir também. Ao me avistarem, gritaram por mim que em contrapartida saí em disparada me jogando em cima de meus melhores amigos (que eu conheço fazem... Duas semanas?)

Não sei o que os levou a vir para cá, e eles também não sabem o que me trouxe aqui.

Eles estão ali.

Eu estou aqui.

Então a eles me junto.

* * *

O sol estava começando a se pôr quando decidi que era hora de ir embora antes que eu bebesse mais e não soubesse como voltar pra casa, ou ainda que meus pais chegassem e exigissem uma explicação sobre eu estar fora de casa.

As típicas perguntas de pais intrometidos.

“Com quem você estava?”, “onde você estava”, “estavam fazendo o quê?” e etc..

Tentando colocar meus pensamentos em ordem, não prestei atenção no caminho, tropecei no meio fio e tudo escureceu.

* * *

Não sei quanto tempo se passou, mas definitivamente foi muito tempo, já que o céu começava a clarear. Levei minha mão à nuca para sentir o tamanho do galo que se formou na minha cabeça. Mas não havia nada, nem mesmo a dor que deveria estar presente.

Não estranhei, talvez eu só tenha caído sem me machucar, essas coisas acontecem.

Levanto do meio fio batendo nas minhas roupas para tirar a poeira, já com um pouco de sobriedade, olhei à minha volta, e não reconheci onde estava, e tenho certeza que não é por conta do álcool ou por causa da pouca luminosidade.

Ok.

Nada fora do normal.

Chorar não iria me adiantar de nada. Decidi, por fim, agir e perguntar aos transeuntes da madrugada alguma informação que pudesse me ser útil.

– Boa noite, moço, com licença, em que rua estamos? – perguntei a um homem que não devia ter mais que 30 anos, mas aparentava ter conhecimento mais que suficiente para uma vida toda.

– Boa noite, jovem, não precisa ser gentil em me chamar de “moço” tenho noção de minha idade. – dizia o senhor simpático com um ar e tom amigável – Oh! Permita-me. Sou Mário de Andrade, e você seria...?

Respondo o meu nome tentando acompanhar a empolgação do Sr. Mário, quando ele volta para seus amigos, e só então acabo notando seus outros quatro companheiros; encarando até o fundo da minha alma; provavelmente eu interrompi algum assunto sério e importante.

Talvez eles não estivessem me encarando por causa disso, olhei para minhas roupas e olhei para as roupas deles. Com certeza me confundiram com algum tipo de mendigo por causa do estilo de roupa *destroyed*.

Eu até me afastaria deles se não fosse o fato que eu ainda não tenho informação alguma. No entanto, quando Mário disse meu nome para seus amigos, as coisas começaram a ficar interessantes.

Basicamente eu estou em um processo de adoção agora, já que o Sr. de Andrade questionou se seus amigos se importavam ou não comigo os seguindo pelo resto do dia (deixando bem claro que se se sentissem desconfortáveis comigo, iríamos os dois embora).

Os quatro amigos restantes concordaram, mas não sorriram.

E assim se deram as apresentações

Imprimir o que estiver pronto e terminar de escrever depois :D

6.3.3 ANEXO C - Primeira versão do trabalho de C e H

Poetas Talk Show

Boa noite, está começando mais um programa do “Poetas Talk Show”, apresentado por C e H. Nosso convidado de hoje foi poeta, contista, romancista, musicólogo, folclorista, historiador de arte, crítico e fotógrafo. Então vem para cá, Mário de Andrade!

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, no dia 9 de outubro de 1893. Filho de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luísa ingressou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde concluiu em 1917 um curso de piano.

- Diante disso, Mário. Como surgiu essa sua paixão pela música, mais especificamente pelo piano?

- ”Minha carreira musical começou de maneira inusitada. Tudo se iniciou após uma discussão com meu antigo professor de Língua Portuguesa e a partir de então comecei a realizar minha vontade: estudar piano. Sempre fui incentivado por parte da minha família e com isso me matriculei no Conservatório. Em 1911, recebi o prêmio de “aluno praticante” por conta dos meus desempenhos e ele me possibilitava a ensinar solfejo, teoria musical e piano para outras pessoas. Mas, dois anos depois meu irmão, Renato de 14 anos, faleceu de maneira brusca num acidente em uma partida de futebol. A partir daí, fiquei muito abalado e tive um sério problema nas mãos, no qual não conseguia mais tocar piano por conta dos tremores e pouco a pouco passei a me dedicar à literatura e ao exercício da crítica cultural.”

Como todos nós sabemos, Mário de Andrade, é um personagem histórico, pois evidenciou pelos padrões de renovação estética, influenciando e integrando diversos compositores ao Nacionalismo Musical Brasileiro.

- Então, Mário, explica um pouco mais para a gente sobre esse movimento.
- “O movimento surgiu em função de uma realidade peculiar, ainda nos primeiros anos do período republicano brasileiro. Com o advento da industrialização, houve uma tentativa governamental de erradicação da cultura popular. Então, eu e outros modernistas decidimos promover estudos acerca das referidas manifestações, onde

vislumbravam que os compositores brasileiros falassem a língua nacional e que conhecessem a língua rural. Apesar de estar quase sempre ocupado, tirava um tempo para repassar conhecimentos a jovens intelectuais, muitos deles, aspirantes a músicos, que com o passar dos anos tornaram-se grandes compositores brasileiros.”

As obras de Mário de Andrade foram capazes de atravessar o tempo e as fronteiras. Hoje, em pleno século XXI, compositores das décadas de 30 e 40 têm suas obras executadas e utilizadas didaticamente em conservatórios musicais de todo o mundo. Apesar disso, assumindo a tarefa de orquestrar uma nova “música nacional”, Mário de Andrade escreveu obras para o desenvolvimento da musicologia brasileira. Sendo considerado o primeiro grande pesquisador atuante nessa área, escreveu obras como: Ensaio Sobre a Música Brasileira; Compêndio Da História Da Música; As Melodias do Boi e outras peças; Modinhas Imperiais; Música de Feitiçaria no Brasil; Danças Dramáticas Do Brasil; Os Cocos; Pequena História da Música; Dicionário Musical Brasileiro; Música doce Música, etc. Grande parte delas são frutos de suas anotações e estudos desenvolvidos ao longo das duas viagens etnográficas, que realizou na década de 1920; e da Missão de Pesquisas

Folclóricas (1936-1938) que organizou junto à Discoteca Pública, quando exerceu o cargo de chefe do Departamento de Cultura do município de São Paulo.

- Quais eram suas principais ideias modernistas, Mário?
- “Sempre tive muitas ideias quando se pensava no modernismo, mas acredito que a valorização do cotidiano, o resgate das raízes culturais brasileiras, a renovação da linguagem, experimentações estéticas, uso de versos livres e caráter anárquico são fundamentais.”

Assim encerramos o nosso bate papo com o poeta Mário Raul de Moraes Andrade, um dos principais nomes do movimento modernista brasileiro.

6.3.4 ANEXO D - Primeira versão do trabalho de C e J

Mário de Andrade e o lado que ninguém conhece

Mário de Andrade nasceu em 1588 e cresceu tendo uma infância tranquila. Com o passar do tempo as coisas foram mudando, principalmente no ensino médio, que foi onde tudo começou; os sonhos, as dores de cabeça, alucinações por sangue e imaginações, etc... sua família acabou tendo que lhe ajudar a evoluir e a se controlar no dia a dia.

Ele teve sua certa popularidade na adolescência, o seu lado vampiro para a população não era assustador, as pessoas queriam ficar perto dele, não só pelo seu "poder" e sim pela segurança que ele passava. Por querer continuar com sua vida normal, e também por gostar de ter pessoas ao seu redor, ele parou de tomar sangue humano, pois sentia que estava fazendo a coisa errada e não queria ver todos se afastarem. Sua única solução era começar a tomar sangue de animais.

Muita gente que via o que estava acontecendo de fora ficava assustado, pelas pessoas acharem isso normal, mas acabaram percebendo que não precisavam ficar assustados.

Aos 24 anos, Mário lança seu primeiro livro, assim se tornando famoso e muito conhecido. Já era muito normal para qualquer pessoa aquele homem com "condições diferentes". Porém ele começou a enfraquecer, e seu lado sombrio pedindo mais energia para poder continuar, poder viver eternamente e com saúde, era preciso fazer algo que não queria. Depois de tanto pensar, achou um jeito de parar de usar sangue de animais, e para ficar mais forte necessitava de pessoas.

Com a sua fama como escritor, ia apenas atrás dos seus maiores fãs. Não seriam muitas pessoas, ninguém iria suspeitar de suas mudanças. Afinal, seu plano deu certo, ninguém nunca desconfiou dele, e sua carreira só foi ficando melhor.

6.3.5 ANEXO E - Primeira versão do trabalho de I e N

Ovelhas de chapéu

Mário desceu as escadas correndo, não conseguiu ter tempo para tomar um café da manhã, e muito menos para ajustar sua gravata do jeito adequado. Quase tropeçando nos próprios pés, ele pegou sua pasta, segurou com toda sua força e saiu de casa.

Havia alguns papéis saindo do fecho da bolsa achatada, mas nada de se preocupar, apenas mais um dia normal para o homem mais que atrapalhado.

- Responde por favor... - resmungou.

Ele passou os olhos pelo telão que marcava o clima na rua, viu que o mesmo registrava o horário exato que deveria estar sentado naquela mesa de reunião, e para piorar, sua amiga Tarsila não respondia nenhuma de suas mensagens. Precisava que enrolasse o grupo de críticos por pelo menos uns dez minutos e estava implorando para todos os deuses que conhecia (mesmo não acreditando em nenhum deles) para ela fazer tal ação.

Estendeu seu braço. O ônibus o ignorou. Ele não acreditava. Riu, frustrado, só o que faltava era um carro passar sobre a poça que estava na sua frente e ele ficar encharcado com o restolho da água acumulada no asfalto. Aconteceu.

- Ótimo, encharcado e atrasado para a reunião mais importante da sua vida, Mário.

Se culpou internamente pela bebedeira da noite anterior, se não tivesse a feito, não conseguiria terminar sua apresentação mas pelo menos ia chegar a tempo no Congresso. Bloqueios criativos de Mário eram marcados por vinhos e cigarros sempre, e assim aconteceu. Sua cabeça doía um pouco ao ver a claridade, mas não havia mais tempo para se lamentar. A

sorte era que morava relativamente perto do Congresso, ou seja, o que de ônibus ele faria em cinco minutos, a pé com corridinhas, ele levaria vinte minutos.

Assim o fez, colocou para dentro do pulmão todo o ar que conseguiu pegar naquele momento e começou a correr, tentou estender o braço algumas vezes para receber uma carona, mas todos o ignoravam. Ele não entendia, já seria a quarta vez que estava sendo recebido assim, primeiro seu alarme, segundo Tarsila, terceiro o ônibus e agora os carros.

Passaram-se vinte e cinco minutos. Mário chegou esbaforido no lugar. Ele não havia apenas corrido, senão seu pulmão mais acostumado a receber fumaça do que liberá-las ia acabar morrendo antes dele pisar naquela sala de reunião. De qualquer forma, ele conseguiu. Observou as pessoas passando ao seu lado, enquanto ele subia os degraus da escada de dois em dois, tentando ao menos fazer o tempo andar ao seu favor.

Seu paletó pingava e conseqüentemente sujava o tapete do hall principal do Congresso.

Mário parou em meio a grande sala principal, havia uma escadaria enorme e uma música ambiente (aquelas de elevador) tocando ao fundo, ficou buscando com os olhos de forma desesperada qual era a sala da bendita reunião. Não achava. E ninguém sequer decidiu perguntá-lo o porquê estava naquele estado. Até ver Anita Malfatti, com um longo vestido branco, ir em direção ao cômodo número cinco. Ela percebeu sua presença de uma forma inesperada, como se fosse um sexto sentido, e por conta disso esboçou um sorriso curto para Mário. Seu coração palpitou intensamente, achou que iria ter seu infarto naquele mesmo segundo. Ele a seguiu, a alguns metros de distância.

Quando finalmente, depois de praticamente quarenta minutos de pura angústia e ansiedade, ele abriu a enorme porta de madeira escura, e a mesa estava com os rostos mais conhecidos por si: Tarsila, Anita, Di Cavalcanti, Oswaldo e Vicente.

Ele sorriu ao vê-los, mas ao lado dos chegados, estavam os jurados. A mesa era repleta de anotações, e desenhos que seriam avaliados.

- Perdão pelo atraso e pelo meu estado, senhores. Grandes imprevistos ocorreram. - pigarreou e se sentou na única poltrona livre, ao lado de Anita.

Todos os ignoraram. De novo. Ele não acreditava naquilo.

Mas então, Anita se esgueirou um pouco para perto de si, e cochichou baixinho, enquanto o isqueiro queimava o novo cigarro que estava preste a descansar entre seus lábios:

- *“Oh! Minhas alucinações!*

Vi os deputados, chapéus altos,

Sob o pátio vespéral, feito de manga-rosas,

Sáiram de mãos dadas do Congresso...

Como um possesso num acesso em meus aplausos

Aos salvadores do meu amado estado!...”

Ele ficou impressionado por ela recitar um de seus poemas assim, sem ler nada, olhou no fundo de seus olhos e subitamente se sentiu sem ar. Parecia que tudo estava derretendo, a cadeira começou a afundar no chão, ele não conseguia se expressar.

Rapidamente, ele não estava mais com Anita ao seu lado, sorrindo, naquela sala enorme com uma arquitetura antiga, repleta de oportunidades. E sim encarando o teto de sua casa.

Ele alucinou com tudo. Por longos minutos. Ficou imóvel e confuso, até cair na realidade de volta pelo fato de seu celular emitir um som de notificação:

“Mário? Do que você tá falando, maluco? O que um rebanho de ovelhas usando chapéu iria fazer no congresso?”

Pera, na realidade, muito obrigada. Irei pintar isso.”

6.3.6 ANEXO F - Primeira versão do trabalho de N e R

“PAULICÉIA DESVAIRADA”**Poema Escolhido:****“OS CORTEJOS”**

Monotonias das minhas retinas...
 Serpentinhas de entes frementes a se desenrolar...
 Todos os sempre das minhas visões! "Bon giorno, caro".
 Horríveis as cidades!
 Vaidades e mais vaidades...
 Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!
 Oh! os tumultuários das ausências!
 Paulicéia — a grande boca de mil dentes;
 e os jorros dentre a língua trissulca
 de pus e de mais pus de distinção...
 Giram homens fracos, baixos, magros...
 Serpentinhas de entes frementes a se desenrolar...
 Estes homens de São Paulo,
 todos iguais e desiguais,
 quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,
 parecem-me uns macacos, uns macacos.

Opção: Fanfic**Contexto:**

Um simples homem conhecido como Mário de Andrade nascido em São Paulo com tão poucas condições de ter algum tipo de sucesso na vida, tinha o desejo e a esperança de ser um grande escritor para colocar suas ideias em meio a sociedade. Sempre foi muito convicto com seus ideais e pensamentos, conhecido por muitos como “cabeça dura” ou para os visionários chamado de “alma livre”.

No ano em que se torna um homem e deseja conhecer todos os prazeres da vida, Mário se sente encurralado e atrasado por não conseguir acompanhar a modernidade que acompanha a sua época.

Em uma viagem até a Itália para se divertir, Mário conhece uma mulher, e isso é o que irá entreter nossa fanfic, esse final será como todos os outros romances, ou algo fará uma reviravolta?.

Meu (des)amor eterno

Em 13 de Dezembro de 1920, Mário estava estava entrando em um navio mas não com o intuito trabalhista mas sim para sair um pouco do cotidiano e se possível encontrar uma musa inspiradora para seus poemas se tornarem mais vividos e humanos.

No dia 15 de Dezembro de 1920, desembarquei às 18;57 do navio. Logo após larguei as malas no hotel e fui em busca de um restaurante para comer e no caminho aproveitei a paisagem, no entanto, cheguei a conclusão que o que eu mais temia era o que me cercava: modernidade. Senti que não importava onde ,a modernidade era o novo “mal da nação”.

Enquanto comia o meu ravioli, vi passar do outro lado da rua uma bela mulher de cabelos castanhos longos e ondulados. O que me fez perder o foco foi seu sorriso com seus lábios carnudos pintados de batom vermelho e seus olhos bem grandes e azuis da cor do céu.

Após aquela noite fui dormir pensando naqueles belos olhos. No outro dia fui conhecer pontos turísticos da cidade de Roma, no meio desses passeios passei a perceber que a moça dos olhos azuis estava em todos os lugares que ia, senti que não era uma mera coincidência.

Em frente a "Fontana di trevi", tomei coragem e fui falar com ela na esperança de entender a sua intenção.

Mário descobriu que o nome da mulher era Paola Venere, ela tinha 25 anos, solteira e estudava jornalismo na Universidade Sapienza de Roma, ele ficou muito pasmo com tamanha maturidade e coragem de uma mulher solteira e jovem na época em que viviam ter conquistado tantas coisas.

Já tinha desistido da sua volta ao Brasil, e estava a 3 meses em Roma morando com Paola. O relacionamento era movido a brigas e desentendimentos por causa do tradicionalismo que Mário carregava e o modernismo/feminismo que Paola tentava pregar.

O estopim foi quando Venere sugeriu abrir o relacionamento para três, Mário ficou revoltado pois era muito além do que acreditava e imaginava para um relacionamento monogâmico e feliz. Andrade se sujeitou a aceitar este trisal principalmente em nome do amor, mas o amor não foi suficiente. Causando a seguinte frase de paola:

Você está em um país diferente e precisa se adaptar a ele e a mim, eu sou uma mulher moderna, independente e bem resolvida . Entenda isso, caso contrário nosso relacionamento pode acabar por aqui e pode voltar para o Brasil!!

Neste momento Mário se deu conta que o relacionamento “caiu por terra”, seu amor por Venere não foi suficiente para vencer as diferenças existentes entre eles. E no fundo sabia que ela iria ser pra sempre o amor da sua vida, mas nunca o amor pra sua vida, prometendo sempre lembrar dela em seus poemas.

Na volta ao Brasil, ele ficou muito reflexivo sobre a maneira e o motivo de ter terminado com Paola. No fim das contas ele acha sua musa inspiradora mas percebeu que o amor não vence todas as barreiras.

Depois de refletir sobre o que tinha acontecido, ele entrou em uma fase inspiradora e fez uma onda de poemas e artes como forma de consolo. Como o prometido fez em homenagem a sua amada, a obra:

“Aceitarás o amor como eu o encaro?”

Aceitarás o amor como eu o encaro ?...
 ...Azul bem leve, um nimbo, suavemente
 Guarda-te a imagem, como um anteparo
 Contra estes móveis de banal presente.

Tudo o que há de melhor e de mais raro
 Vive em teu corpo nu de adolescente,
 A perna assim jogada e o braço, o claro
 Olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada. Não desejo
 Também mais nada, só te olhar, enquanto
 A realidade é simples, e isto apenas.

Que grandeza... a evasão total do pejo
 Que nasce das imperfeições. O encanto
 Que nasce das adorações serenas.

Mário de Andrade

Vocabulário:

Venere: É a tradução de Vênus em italiano, “a deusa do amor” ou “afrodite”.

No contexto da história Venere era o apelido de Paola

Itálico: Quando é contado em primeira pessoa

6.3.7 ANEXO G - Primeira versão do trabalho de F e L

1º versão/esboço:

Profs, o principal motivo do envio do esboço incompleto é por causa que o grupo queria tirar a dúvida se teria como utilizar desta linguagem menos apegada a norma padrão do português, e ter liberdade de usar a linguagem com a qual nós convivemos

– Então Junin, queria falar contigo, sobre aquele livro que você tava lendo há um tempo atrás. Qual era o nome mesmo?

– Dboa Marco, como estão as coisas com a família feio?Tão bonzinho?

– Sim pô, tá tudo suave lá em casa, e tua vó irmão melhorou daquela gripe locona lá?

– Bah feio, nem te conto. Ela foi de berço mês passado, acredita?!

– Putz, meus pêsames guri irmão, mas sobre o que que tu queria conversar comigo?

– Ahh, sobre aquele livro que tu tava lendo tempão atrás fi. O Paunavéia Desvairada, não era esse o nome dele?

– KKK, claro que não né guri, viajão, é Paulicéia desvairada, mas porque djanho quex sabe o nome dele, tu não lê nem bula de remédio feio?

– Trabalho da aula guri nem sabex, a Fessora quer que nos inventa um poema, conto ou sei lá o que dele.

– Feio, querex uma ajuda melhor que a minha, tu vai no google e te vira né! O guri interesseiro só lembra do cara pra pedir coisa!

– Ah feio, não vem com essas trairagem aí, dá uma mão de ajuda pra mim.

– *Junin envia ft de um mamão papaia em baixa qualidade gráfica*

– Blz feio, más ó, caso é o seguinte, vou te passar um resumão que eu fix mas tu não copia e cola tudo igual.....

6.3.8 ANEXO H - Primeira versão do trabalho de A e I

/ /

Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Ciências da Educação
 Colégio de Aplicação
 Ensino Médio-3ª A
 Língua Portuguesa
 Alunas: Ana Luiza Batista e Jana Sáf de Cunha
 Florianópolis, 14 de junho de 2022

De: A eniação de Isela
 aos matos mais sós

Desde ontem que não durmo
 estive (_ _ _) pelas ruas... Anite era estrelada inclusive

Sempre os melhores devaneios me ocorrem
 Vamos Maria Isobel! O casamento começa às quatro
 Arrumada como um príncipe chique e
 irresistível - camisa estampada e calça à la personalidade

Reviradas de olhos... parecem jamais cessar
 a burguesia Careta não está preparada
 de onde vem tanta gente?
 A originalidade atrai holofotes. Obrigada Carrara Taxi.

6.3.9 ANEXO I - Primeira versão do trabalho de M e V

Vozes incessantes, condizentes com o

padrão

apenas decadentes, declinados à

escuridão.

Dores transcendentais;

transgressão

6.4 ANÁLISE POR PARES

6.4.1 ANEXO A - Análise de J e M sobre o trabalho de F e L

1. As frases no texto fazem sentido ou estão confusas? Teve alguma frase que você não conseguiu entender com clareza o que queria dizer?

R: As frases fazem sentido.

2. A produção teve um começo, meio e fim? Ou os acontecimentos da história (ou argumentos da produção) são desconexos e não tem uma ordem progressiva, de evolução? Explique a sua resposta.

R: Teve começo meio e fim, pois eles iniciaram apresentando e falando sobre o Mário, foi feito um talk show, portanto ele teve sua ordem progressiva.

3. A produção respeitou o tema proposto para a atividade? Teve relação com o livro "Paulicéia Desvairada" ou Mario de Andrade? Explique a sua resposta.

R: Sim, foi feito um programa de Tv, ao qual falava sobre a vida de Mario de Andrade.

4. Demais sugestões que podem ajudar seus colegas a melhorar a ideia apresentada.

R: Acho que eles poderiam escrever mais deles, ao invés de copiar tudo do google, mesmo botando as informações necessárias, poderiam ser mais descontraídas, não apenas o Mario falando aquele tanto.

6.4.2 ANEXO B - Análise de M e G sobre o trabalho de C e J

1. As frases no texto fazem sentido ou estão confusas? Teve alguma frase que você não conseguiu entender com clareza o que queria dizer?
2. A produção teve um começo, meio e fim? Ou os acontecimentos da história (ou argumentos da produção) são desconexos e não tem uma ordem progressiva, de evolução? Explique a sua resposta.
3. A produção respeitou o tema proposto para a atividade? Teve relação com o livro "Paulicéia Desvairada" ou Mario de Andrade? Explique a sua resposta.
4. Demais sugestões que podem ajudar seus colegas a melhorar a ideia apresentada.

- 1- As frases fazem sentido e são coerentes.
- 2- A produção é meio vaga, apesar de ter começo, meio e fim, se assemelha mais a uma sinopse de série/livro do que com um conto em si (talvez tenha sido esse o objetivo).
- 3- Teve sim respeito ao tema da atividade; por conta do protagonista, talvez tenha
- 4- Aprimorar um pouco os fatos, elaborar mais a história e um pouco mais de sentimentos.

email - marionalieutaud@gmail.com

6.4.3 ANEXO C - Análise de C e J sobre o trabalho de N e R

1. As frases no texto fazem sentido ou estão confusas? Teve alguma frase que você não conseguiu entender com clareza o que queria dizer?
2. A produção teve um começo, meio e fim? Ou os acontecimentos da história (ou argumentos da produção) são desconexos e não tem uma ordem progressiva, de evolução? Explique a sua resposta.
3. A produção respeitou o tema proposto para a atividade? Teve relação com o livro "Paulicéia Desvairada" ou Mario de Andrade? Explique a sua resposta.
4. Demais sugestões que podem ajudar seus colegas a melhorar a ideia apresentada.

1. O texto todo é possível de se compreender
2. A história tem uma boa estrutura. E pelas memórias terem aprofundado bem nessa primeira parte, deu super certo e a história ficou bem coerente
3. Teve relação com os dois. Foi usado poemas do autor e também uma mudança na história de sua vida.
4. Creio que não. Gostamos bastante da história e também por ser quase o mesmo tema que o nosso

6.4.4 ANEXO D - Análise de N e R sobre o trabalho de M e V

1. As frases no texto fazem sentido ou estão confusas? Teve alguma frase que você não conseguiu entender com clareza o que queria dizer?
2. A produção teve um começo, meio e fim? Ou os acontecimentos da história (ou argumentos da produção) são desconexos e não tem uma ordem progressiva, de evolução? Explique a sua resposta.
3. A produção respeitou o tema proposto para a atividade? Teve relação com o livro "Paulicéia Desvairada" ou Mario de Andrade? Explique a sua resposta.
4. Demais sugestões que podem ajudar seus colegas a melhorar a ideia apresentada.

① Fazem sentido, conseguimos entender com clareza. Parece-me que a forma de escrita é bem formal

② O poema não aparenta ter começo, meio e fim, podendo parecer um poema imperfeito. Possui um contexto para história mas o conteúdo do poema muito vago.

③ Na obra "Paulicéia Desvairada", Mário de Andrade cita as vezes igual repetição no poema. No entanto não foi possível identificar o poema de inspiração.

④ Nitidamente, os colegas não seguiram a instrução básica sobre a tarefa (o trabalho precisa conter pelo menos 1 página). Além de que, como citado acima, ficou algo muito vago, indicando a eles que coloquem ao menos o poema do livro que foi utilizado como inspiração, o que aumentem mais o poema.

6.4.5 ANEXO E - Análise de A e I sobre o trabalho de M e G

Análise: Só mais um dia

- ① Sim, todas as frases estão (elas) claras e com um sentido completo.
- ② A produção apresenta começo e meio bem desenvolvidos, mas sentimos falta de um desfecho para a história (a dupla não concluiu a tempo do prazo).
- ③ Sim, pois um dos personagens que é nos apresentada vai decorrer da narrativa e justamente o autor, irmão de André.
- ④ Sugeri uma melhor desenvoltura ao contexto da "adoção", no âmbito de tornar a narrativa mais conexa.

6.4.6 ANEXO F - Análise de M e V sobre o trabalho de A e I

1. As frases no texto fazem sentido ou estão confusas? Teve alguma frase que você não conseguiu entender com clareza o que queria dizer?
2. A produção teve um começo, meio e fim? Ou os acontecimentos da história (ou argumentos da produção) são desconexos e não tem uma ordem progressiva, de evolução? Explique a sua resposta.
3. A produção respeitou o tema proposto para a atividade? Teve relação com o livro "Paulicéia Desvairada" ou Mario de Andrade? Explique a sua resposta.
4. Demais sugestões que podem ajudar seus colegas a melhorar a ideia apresentada.

1. SEM CONFUSÃO, TUDO TRANQUILO DE ENTENDER.

2. O TEXTO NÃO É DESCONEXO, A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA CONTA DA É CLARA.

3. TEVE UMA LEVE RELAÇÃO A CERTOS PONTOS DE PAULICÉIA DESVAIRADA, NADA APROFUNDADO, MAS AINDA ASSIM PASSA UMA IDEIA.

4. FOI LEGAL O SEGREDO DAS PRIMEIRAS LETRAS.

ACHAMOS UM ÓTIMO TEXTO, MAS NÃO ABORDOU O QUE FOI PEDIDO, DA FORMA QUE FOI PEDIDO.

SÓ PRECISA COLOCAR MAIS MARIO DE ANDRADE OU PAULICÉIA, NADA MAIS

6.4.7 ANEXO G - Análise de Is e N sobre o trabalho de I e N

1. As frases no texto fazem sentido ou estão confusas? Teve alguma frase que você não conseguiu entender com clareza o que queria dizer?
2. A produção teve um começo, meio e fim? Ou os acontecimentos da história (ou argumentos da produção) são desconexos e não tem uma ordem progressiva, de evolução? Explique a sua resposta.
3. ^{ver referências} A produção respeitou o tema proposto para a atividade? Teve relação com o livro "Paulicéia Desvairada" ou Mario de Andrade? Explique a sua resposta.
4. Demais sugestões que podem ajudar seus colegas a melhorar a ideia apresentada.

1. As frases do texto fazem sentido dentro do texto.

2. O desenvolver da história ficou organizado e claro. O texto teve um bom progresso.

3. Sim, trouxe os personagens pedidos e várias referências do livro.

6.4.8 ANEXO H - Análise de I e N sobre o trabalho de N e R

Análise do conto: "Meu (des)amor eterno"

1. As frases fazem sentido sim, o vocabulário é utilizado com clareza e de forma acessível.
2. Teve uma contextualização inicial, como um prefácio, achamos importante. Os eventos tem conexões um com os outros mas a história parece que foi muito corrida para o que queria prometer. Tudo aconteceu muito rápido e com pouca explicação, como por exemplo, o relacionamento do Mário com a mulher.
3. Sim! Teve relação com o Mário. Foi uma fanfic, e de quebra ainda utilizaram um dos poemas no texto.

4. Achamos bem legal a ideia, ainda mais o fato de terem utilizado o prefácio que foi citado na aula. A contextualização, como uma sinopse, é algo bom para um texto mais curto.

Sentimos falta de um detalhamento maior dos eventos para a história ocorrer de forma mais fluída, só que tirando esse pequeno fator, ficou muito bom! Parabéns. :)

6.4.9 ANEXO I - Análise de F e L sobre o trabalho de J e M

1. Em relação a escrito e escolha de palavras tem clareza e não houve problemas no entendimento do texto e na compreensão da sua premissa.

2. Por ser um texto com características de uma biografia, o texto deveria possuir uma cronologia mais clara e organizada, porém não há erros que devam ser apontados pois a ordem como foi dita.

3. Não foi feito o que foi pedido, pois o texto fala sobre o Moisés e sobre a Pauline Desrois. Ao inserir do grupo cria uma nova história, elas apenas fizeram uma espécie de biografia do Moisés de Andrade.

4. Ser melhor o que foi proposto e evitar plágio da internet.

6.5 COMENTÁRIOS DAS ESTAGIÁRIAS SOBRE A PRIMEIRA VERSÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO 3A

6.5.1 ANEXO A - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de J e M

O texto de vocês está criativo! Trazer um Mário de Andrade para a atualidade é interessante, mas sugerimos algumas melhorias e para o desenvolvimento do texto.

No último parágrafo, a primeira frase está confusa. Vocês quiseram dizer “Quando **esse primeiro ano** passou [...]”? Ou outra coisa?

O texto de vocês tem um começo e um meio, mas no final, vocês começaram mas não finalizaram de fato o texto. Mário conseguiu o que queria, mas parece que há uma continuação da história no texto. Vocês podem descrever como o Mário se sentiu diante de tudo isso, para dar uma ideia de que ele está olhando para trás e lembrando o que passou.

Vocês descreveram que o Mário escrevia muitos tipos de histórias, mas poderiam descrever um pouco mais essas histórias: qual a diferença delas com as demais histórias que encontramos por aí? O que tornava as histórias do Mário únicas? É claro que ele escrevia bem, mas o que havia nas histórias para elas serem únicas? De que forma o Mário contava essas histórias? Quanto mais detalhes sobre isso, melhor!

Como ele era versátil (contista, cronista, poeta, etc.), uma opção interessante pode ser focar em um tipo só de produção dele (como estamos começando um trabalho com “Paulicéia Desvairada”, parece oportuno um foco aqui) com características únicas dos trabalhos, quem sabe até trazê-las para a atualidade de alguma maneira. Boa sorte e bom trabalho!

6.5.2 ANEXO B - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de M e G

O primeiro apontamento que fazemos para o trabalho de vocês é uma sugestão de alteração gramatical: no terceiro parágrafo, sugerimos que troquem os sinais de ponto e vírgula por apenas vírgula no trecho entre parênteses, ficando assim: “(principalmente adolescentes, como eu, com problemas familiares, como eu)”.

O texto de vocês dois está muito bom, mas vocês mudaram o tempo verbal em vários momentos do texto: há partes em que a história é contada no passado, em outras ela é contada no presente. É importante ter cuidado com essa mudança temporal em um texto curto, então sugerimos que vocês padronizem o texto escolhendo apenas um tempo verbal, ou seja, totalmente no presente, totalmente no passado ou totalmente no futuro. Independentemente da escolha de vocês, fiquem atentos a essa escolha para alterar o tempo de todos os verbos da história.

Seria bem interessante trazer mais da conversa do Mário de Andrade com os seus amigos. Enquanto o protagonista está se aproximando deles, vocês podem descrever (de forma direta, com travessões, ou de forma indireta, apenas discorrendo) a conversa dos amigos: sobre o que eles falam? Qual a opinião de cada um deles sobre o assunto da conversa? Como eles agem ao falar? E o que estão fazendo na sua rua, além de conversarem? Estão comendo, bebendo, ou estão apenas nos bancos de praça conversando? Seria muito interessante que vocês desenvolvessem esses aspectos da história de vocês.

Percebemos que a história ainda não tem um fim, e acreditamos que vocês saibam disso pois no final há uma nota sobre finalizar a história, mas a versão final precisa ter um fim: o que acontece depois que o protagonista segue Mário e os amigos? O que eles o ensinam? O que fazem? É importante que todas essas perguntas sejam respondidas até o final da narrativa. Boa sorte e bom trabalho!

6.5.3 ANEXO C - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de C e H

Ficou muito interessante a ideia de vocês de fazer uma entrevista com o Mário de Andrade, mas eu sugerimos, para que não fique confusa a leitura do texto, que vocês usem a estrutura da entrevista: então, no início da fala dos entrevistadores, usem as letras “C” e “H” ou apenas “E” de Entrevistadores. E, no início de todas as falas do Mário de Andrade, coloquem as letras “MA”, que são as iniciais do autor. Dessa forma, a leitura fica mais fluida e o leitor não se perde em quem está falando.

O texto de vocês está cheio de informações importantes e bem desenvolvidas, mas continua sendo uma entrevista: depois de toda fala do Mário, os entrevistadores (vocês) fazem uma nova pergunta sobre um tema diferente. Seria legal trazer uma ou duas perguntas ao final de cada assunto desenvolvendo o que foi falado: então, diante do que o Mário de Andrade disse, qual pergunta vocês podem fazer?

Por exemplo: o assunto final é o Modernismo, e o Mário diz suas principais ideias modernistas. Depois disso, os entrevistadores poderiam perguntar quais poemas do Mário ele trouxe uma maior presença dessas ideias ou quem sabe vocês podem perguntar porque o Mário valoriza tudo isso.

Não tem problema vocês fazerem perguntas pessoais (e não tão históricas e conteudistas, como as que vocês fazem). Para perguntas pessoais (como essa última que sugerimos), vocês podem inventar a resposta do Mário sobre o porquê de ele valorizar tudo isso. Isso trará um pouco mais de criatividade para o texto de vocês (mais do que já tem) e tornará o texto de vocês mais envolvente. Apesar de ser uma entrevista, ainda é uma história inventada e criada por vocês, então explorem sua criatividade e criem respostas divertidas que o Mário poderia dar a essas perguntas. Boa sorte e bom trabalho!

6.5.4 ANEXO D - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de C e J

O texto de vocês está muito criativo! A ideia de trazer o Mário de Andrade como um vampiro foi ótima, mas sugerimos algumas melhorias no texto.

A primeira delas é que perto do final do segundo parágrafo vocês escrevem: “Pelas pessoas acharem isso normal.” O que vocês querem dizer com isso? Não seria, talvez, “Pelas pessoas **não** acharem isso normal”?

Apesar do bom desenvolvimento dos dois primeiros parágrafos, o terceiro poderia ser melhor desenvolvido: como o Mário usava as pessoas que o acompanhavam e que eram fãs dele? Ele as matava e bebia seu sangue? Ou fazia outra coisa? Isso não fica muito claro e seria interessante esclarecer com o desenvolvimento desse terceiro parágrafo.

Talvez também fosse interessante acrescentar um final imaginado relacionado ao final real da vida de Mário de Andrade, dando essa noção de começo, meio e fim da vida de Mário vampiro. Boa sorte e bom trabalho!

6.5.5 ANEXO E - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de I e N

O trabalho de vocês está muito bem escrito e desenvolvido, mas os últimos dois parágrafos ficaram um pouco confusos. A história estava tomando um rumo, um desenvolvimento, e, de repente, há uma quebra de expectativa que não é desenvolvida ou explicada. Não ficou claro o que aconteceu com o Mário depois da sua própria alucinação: ele continua no Congresso? Tudo o que ele viveu até o momento do conto foi uma alucinação e ele de repente despertou com o som da notificação? Isso não fica muito claro e sugerimos que desenvolvam esses dois últimos parágrafos para que o desenrolar da história fique mais claro de entender. Boa sorte e bom trabalho!

6.5.6 ANEXO F - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de N e R

Foi interessante a opção de vocês de alternarem o itálico com a formatação comum, mas isso deixou a leitura do texto um pouco confusa. Então, sugerimos duas opções para resolver essa questão: a primeira seria mostrar, no começo do texto (e não no final), que as partes em itálico são do ponto de vista do Mário de Andrade e separar esses textos (ver um exemplo abaixo). A segunda opção é vocês escreverem o texto todo em primeira pessoa. Como vocês não mostram o que há na cabeça de nenhum personagem que não seja o Mário, então não mudaria muito se o texto estivesse inteiro em primeira pessoa. É interessante quando há alternância de pontos de vista na narrativa, mas caso não queiram seguir a primeira ideia, sugerimos que deixem o texto todo em primeira pessoa.

Um exemplo de como vocês podem deixar mais clara a diferença entre as partes em itálico e as em formatação comum:

Em 13 de Dezembro de 1920, Mário estava estava entrando em um navio mas não com o intuito trabalhista mas sim para sair um pouco do cotidiano e se possível encontrar uma musa inspiradora para seus poemas se tornarem mais vividos e humanos.

No dia 15 de Dezembro de 1920, desembarquei às 18:57 do navio. Logo após larguei as malas no hotel e fui em busca de um restaurante para comer e no caminho aproveitei a paisagem, no entanto, cheguei a conclusão que o que eu mais temia era o que me cercava: modernidade. Senti que não importava onde ,a modernidade era o novo “mal da nação”.

Dessa forma, fica mais marcante para o leitor que há uma mudança no texto e não apenas que a formatação mudou sem motivo, entendem? Boa sorte e bom trabalho!

6.5.7 ANEXO G - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de F e L

O texto de vocês está bom, mas ainda pode melhorar muito! Vocês trouxeram apenas diálogos para o texto, mas seria interessante, como forma de desenvolver o texto, fazer mais descrições entre cada fala, ou seja, descrever melhor os personagens, o lugar onde eles estão, a forma como falam, o que estão fazendo enquanto conversam, etc. Descrições são importantes e ajudam o leitor a entender melhor o que está se passando na cena, e talvez isso melhore a compreensão do texto de vocês.

Outra sugestão: depois da primeira fala, o segundo personagem diz algo que não parece ter nenhuma relação com a primeira. Por que isso acontece? O personagem não ouviu o primeiro? Ou há outro motivo para isso ter acontecido? Deixem claro, na hora de descrição, o que aconteceu, para que as duas primeiras falas não fiquem desconexas.

No penúltimo parágrafo, o travessão da frase é desnecessário porque ela não é uma fala, por isso não precisa ter um travessão no início.

O texto tem um começo e um meio, mas não tem um fim: o segundo personagem ajuda o primeiro? O primeiro consegue fazer o trabalho? O que acontece no final da história? Deixem isso claro na próxima versão.

O conceito da linguagem que vocês escolheram tem tudo a ver com uma proposta do Mário em “Paulicéia Desvairada”, então invistam nisso, mas desenvolvam melhor a história que a linguagem está contando, e lembrem-se que a história de vocês não possui somente falas, então as partes em que é o narrador que está contando a história devem ser escritas na norma padrão, certo? Um exemplo é o trecho “Junin envia ft de um mamão papaia em baixa qualidade gráfica”. Este trecho não é a fala de nenhum dos personagens da história, é a fala do narrador. Dessa maneira, ele deve ser escrito “Junin envia **foto** de um mamão papaia em baixa qualidade gráfica”. Fiquem atentos a esses trechos da história. Boa sorte e bom trabalho!

6.5.8 ANEXO H - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de A e I

O poema de vocês está bem legal, mas não ficou muito clara a relação dessa produção com o Mário de Andrade ou com o livro “Paulicéia Desvairada”. Uma pergunta interessante para saberem se há essa relação, de forma clara ou não, é a seguinte: Se alguém que conhece o Mário de Andrade ou o livro “Paulicéia Desvairada” lesse a produção de vocês, e não tivesse participado das aulas, essa pessoa entenderia a relação da produção de vocês com o livro “Paulicéia Desvairada” ou com Mário de Andrade? Sugerimos, então, que vocês trabalhem melhor a ideia da produção de forma que a resposta para essa pergunta seja claramente “sim”.

Percebemos que vocês trouxeram a burguesia como uma dessas relações e que as primeiras letras de cada estrofe, juntas, formam a palavra “desvairada”, mas a relação com o tema pode melhorar, é possível deixar ainda mais clara a relação com a “Paulicéia Desvairada” na próxima versão, tudo bem? Boa sorte e bom trabalho!

6.5.9 ANEXO I - Comentários sobre a primeira versão do trabalho de M e V

É interessante vocês terem escolhido escrever um poema para o trabalho, mas há algumas coisas que sugerimos que sejam melhoradas nesse poema para a versão final.

A primeira coisa é que o poema não tem relação com a Paulicéia Desvairada ou com o Mário de Andrade. Não é porque é um poema que necessariamente terá uma relação com essas duas coisas, mas vocês devem produzir algo que fique clara essa relação. Uma pergunta interessante para saberem se há essa relação, de forma clara ou não, é a seguinte: Se alguém que conhece o Mário de Andrade e o livro “Paulicéia Desvairada” lesse a produção de vocês, e não tivesse participado das aulas, essa pessoa entenderia a relação do poema produzido com o livro “Paulicéia Desvairada” ou com Mário de Andrade?. Sugerimos, então, caso vocês ainda queiram trabalhar com um poema, que produzam versos em que a resposta para essa pergunta seja claramente “sim”. Caso decidam mudar a produção para uma narrativa, mesmo que já esteja em cima da hora, a produção também deve estar claramente relacionada com o livro de Mário de Andrade ou com o próprio autor, conforme temos trabalhado e orientado nas últimas aulas.

O segundo ponto que percebemos é que o poema de vocês está muito curto, e a orientação que demos a vocês desde a primeira aula é que a produção deve ter >no mínimo< 1 página, e infelizmente o trabalho de vocês ainda não cumpriu essa exigência. Por isso, sugerimos que vocês elaborem melhor a ideia que tiveram e que entreguem uma produção mais extensa e melhor trabalhada. Boa sorte e bom trabalho!

6.6 VERSÃO FINAL DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DO 3A

6.6.1 ANEXO A - Versão final do trabalho de J e M

Mário de Andrade, nasceu em 1985, era um trabalhador de classe média baixa, não tinha condições financeiras, com dificuldade em sustentar seus pais, sem ter terminado os estudos, para ir trabalhar, teve limitações para achar um emprego que o pagasse bem. Mas Mário tinha um dom, era um escritor incrível, suas histórias deveriam ser exibidas para todos. Havia com ele vários cadernos com suas histórias incríveis para serem expostas ao mundo, só que infelizmente nunca teve essa chance, todo santo dia, depois do trabalho cansativo, escrevia seus contos.

No ano de 2005, foi lançado o Youtube, que era uma plataforma de compartilhamento de vídeos, onde as pessoas publicam conteúdo e o alcance de visualizações não tem limites e com isso recebiam dinheiro com suas views. Era tudo que o Andrade precisava, mostrar seu trabalho e com isso conseguir dinheiro para sua família. Portanto teve que economizar um dinheirinho para os equipamentos de filmagens, foi difícil, mas conseguiu, teve que manter tudo no sigilo, pois seus pais não iriam acreditar e falariam que seria perda de tempo.

Começou gravando vídeos falando das suas histórias, ele tinha um modo de explicar o que tinha escrito de uma maneira que fizesse com que as pessoas se divertissem em suas imaginações e que não quisessem sair dela. O bom é que ele era um escritor de mão cheia, pois tinha contos guardados de romance, aventura, ficção, ação, até mesmo histórias infantis e muito mais, com isso pode alcançar diferentes públicos de faixas etárias e estilos de vida diversos.

Depois de 1 ano trabalhando em seu antigo emprego e gravando vídeos em segredo de sua família, conseguiu dar uma boa audiência a seu canal e guardou cada centavo que conquistou na plataforma e comprou uma casa para seus pais e explicou como arranjou todo esse dinheiro, eles ficaram em choque e agradeceram imensamente. Mário se sentiu realizado, pois uma das principais razões que o fez começar, é dar uma condição melhor ao seus pais, era um sonho fazer com que sua família não precisasse trabalhar mais, eles deram o máximo para dar ao filho tudo o que precisasse, o sentimento de Mário foi como estivesse retribuindo uma parte de tudo feito por eles.

Ao passar esse tempo, ele conseguiu alcançar a marca de três milhões de inscritos em seu canal e recordes de visualizações no youtube, várias marcas brigavam para tê-lo. Muitos

fãs pediam para ele escrever livros e mais livros, publicar fisicamente para todos terem acesso, assim foi feito.

Mário de Andrade, virou um grande Youtuber e um escritor como nunca existiu, ele foi o primeiro a fazer esses estilos de vídeos, depois de um tempo, todos tentaram copiá-lo, mas ninguém entrava na cabeça dos telespectadores como Andrade, o cara explica detalhe por detalhe, um exemplo são as histórias infantis, era extrovertido, sem palavras ou textos complicados de se entender, histórias engraçadas, com vilões, heróis, contos de fadas, mitos... para atingir justamente as crianças e chamar a atenção delas, seus pais deixavam seus filhos horas e horas vendo seus vídeos.

Pelo simples fato de Mário morar no interior de São Paulo, ninguém acreditava em seu potencial, mas logo que ele começou a ficar mais famoso, ele acabou indo à São Paulo capital, o qual era muito mais moderno do que a cidade, com a qual ele morava, ele por si, acabou ficando todo encantado com isso, e pelo fato de ser um grande Youtuber, ele divulgava sobre as coisas, postando assim stories no Instagram, mostrando à seus seguidores, seu encantamento, e mostrando que na capital, teria muito mais pessoas, que havia trânsito toda hora nas ruas, e os locais estavam sempre cheios, o que era algo bem anormal para ele. Um ano depois de Mário voltar da Capital, ele resolveu escrever um conto sobre essa diferença que havia de sua cidade, e a capital do estado, escrevendo assim o conto “Paulicéia Desvaierada”, que era composto por 22 contos, e tem como seu principal contexto, uma cidade em processo de Modernização e Urbanização, um momento de Desvaieramento. Essa obra buscava mostrar sobre a identidade nacional, foi feito assim num tom de sarcasmo e afeto por São Paulo, mas ele fala que aquilo tudo seria algo muito surreal.

Mas qual foi o motivo de tanto sucesso de Mário, a resposta mais simples é, sua dedicação, quando não estava gravando, estava escrevendo, nunca parava, sabia que sempre teria alguém que não gostava de suas histórias, ou até mesmo não as entendesse, por isso tanto comprometimento para fazer algo que todos participassem e amasse. Algo que o diferenciava, era a constante vontade de aprender, queria estar um passo à frente das outras pessoas, nunca disse: “estou satisfeito com meu trabalho”, sempre buscou mais, mais conhecimento, mais histórias, mais pessoas, queria tirá-las de suas rotinas, normalmente cansativas e dar a elas, um sorriso, um sentimento, uma emoção, algo que mudaria seu dia para melhor.

6.6.2 ANEXO B - Versão final do trabalho de M e G

Só mais um dia

Mais um dia comum de férias de verão, nada de diferente, apenas silêncio, estava assim quando fui dormir e continua assim quando acordo.

Decidi sair de casa, não gosto da solidão que me cerca aqui e agora, o silêncio não é ruim mas... é solitário, nem a música mais alta conseguiria superar o silêncio ensurdecedor.

Fecho a porta do 308 e saio de bicicleta para nenhum lugar em específico ou especial, quem sabe dar uma volta para contemplar a pouca beleza que tem na minha cidade me fizesse ter vontade de voltar pra casa? Não acho que eu tenha claustrofobia, apenas gosto de ouvir sons de pessoas. Agora pensando, eu poderia só ter aberto minha janela, mas não seria a mesma coisa.

Passando pelos parques, ouvi risadas histéricas e alegres de crianças, daquele tipo que você não consegue evitar de sorrir também.

Nesse momento em que sorri, fechei meus olhos.

Só pude ouvir o som de um carro freando.

* * *

Quando abri meus olhos, não tinha ideia de quanto tempo havia se passado, mas definitivamente não foi pouco, já que o céu começava a escurecer. Levei minha mão à nuca para sentir o tamanho do galo que se formou na minha cabeça (e ver se estava sangrando). Mas não havia nada, nem mesmo a dor que deveria estar presente.

Não estranhei isso, talvez eu tenha caído sem me machucar, essas coisas acontecem.

Estranho mesmo foi o fato de não achar minha bicicleta em lugar algum.

Levantando do meio fio batendo nas minhas roupas para tirar a poeira, olhei à minha volta e, agora sim as coisas começam a ficar estranhas, não reconheci onde estava, e piora! Apesar de ser uma região urbana! Não tinha sinal!

Ok.

Nada fora do normal.

Decidi, por fim, agir e perguntar aos transeuntes desse começo de noite alguma informação que pudesse me ser útil como: Onde estou ou se conhecem a rua onde moro. Não vi muitas pessoas andando pela rua quanto eu esperava, mas depois de circular pelo que parecia a Praça da República, esbarrei em um grupo de cinco amigos.

– Boa noite, moço, com licença, em que rua estamos? – perguntei a um homem que não devia ter mais que 30 anos, mas aparentava ter conhecimento mais que suficiente para uma vida toda.

– Boa noite, jovem, não precisa ser gentil em me chamar de “moço” – dizia o senhor simpático com um ar e tom amigável – Oh! Permita-me. Sou Mário de Andrade, e você seria...?

Respondo o meu nome tentando esconder minha leve irritação por não ter tido uma resposta para a minha pergunta, quando Mário se volta para seus amigos; que me encaravam com uma expressão de: “o que diabos você está fazendo aqui, afinal?” Provavelmente porque eu devo ter interrompido algum assunto sério e importante deles.

O Sr. de Andrade perguntou sorridente aos seus amigos se eles se importavam que eu os acompanhasse pelo resto do dia, os quatro amigos restantes concordaram, mas não sorriram de volta.

O primeiro a se apresentar foi Oswald de Andrade. Eu quase perguntei se ele e Mário eram irmãos apesar de não terem quase nenhuma semelhança física, mas me segurei pensando que “de Andrade” pode ser apenas mais um sobrenome comum; que nem “Silva”.

Ele disse que era um bom escritor, “mas não tão bom quanto Mário ou Menotti” foram as palavras dele; bem modesto, eu diria; não pude deixar de rir quando a mulher que aparentava ser a mais velha disse que na poesia ele se garantia.

Essa mulher mais velha se apresentou como Tarsila do Amaral e cheia de humor falou sobre seus quadros. Juntamente com a outra mulher, Anita Malfatti, também pintora, mas um pouco mais reclusa; segundo Tarsila, ela ainda não havia superado as críticas que Monteiro Lobato fez às suas obras em uma exposição que fez após voltar do exterior, definitivamente essas críticas abalaram aquela jovem.

Mas...

Espera um momento...

Monteiro Lobato??

O escritor de “Reinações de Narizinho”?

Eu voltei 100 anos no passado e não percebi. me sinto muito idiota. Mas em minha defesa eles podiam ser só 5 amigos normais! E mais! Não imaginava que aqueles três homens e duas mulheres com vestimentas do século passado fossem ter um vocabulário tão próximo do nosso assim. (eu achei que eles usassem SEMPRE a mesóclise, mesmo em frases normais do dia a dia) É... Isso os livros de história não contam.

Depois das apresentações, o clima constrangedor de “quem são vocês” se dissipou por completo, para meu alívio. Agora que sei onde estou, meus nervos se acalmaram um pouco. Mas outra sensação me inundou.

Como eu volto pra casa?

* * *

Como combinado, fui com o quinteto para o programa deles; o qual não me foi dito, mas eu prestei atenção em algumas aulas de história e sei que estamos indo para o Theatro Municipal de São Paulo.

Fui seguindo o grupo um pouco mais de trás, junto com Malfatti; aparentemente ele é o Jiló do grupo; Piadas à parte ele era legal de se conversar, meio filósofos eram os seus ideais, mas não o julgo por isso.

Enquanto conversávamos percebi que eu deveria ter prestado mais atenção nas aulas de história, talvez assim eu tivesse visto e reconhecido essas figuras históricas de cara, não só pela coincidência de o Monteiro Lobato ter sido citado.

Enquanto me perdia mais e mais nesses pensamentos, uma dor lancinante me atingiu. Tão mas tão forte que me derrubou na hora, com um baque.

Tentei chamar os meus cinco novos amigos.

Silêncio.

A dor para.

Abro os olhos.

Vejo paramédicos, um quarto branco acolchoado e um número numa porta.

308.

6.6.3 ANEXO C - Versão final do trabalho de C e H

Poetas Talk Show

Boa noite, está começando mais um programa do “Poetas Talk Show”, apresentado por CA e HE. Nosso convidado de hoje foi poeta, contista, romancista, musicólogo, folclorista, historiador de arte, crítico e fotógrafo. Então vem para cá, Mário de Andrade! Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, no dia 9 de outubro de 1893. Filho de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luísa ingressou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde concluiu em 1917 um curso de piano.

C e H - Bom, Mário. Como surgiu essa sua paixão pela música, mais especificamente pelo piano?

MA - “Ah mano, minha carreira musical começou de maneira inusitada, tá ligado. Tudo se iniciou após uma discussão com meu antigo professor de Língua Portuguesa e daí comecei a realizar minha vontade: estudar piano. Sempre fui incentivado pelo pessoal da minha família e então me matriculei no Conservatório. Em 1911, recebi o prêmio de “aluno praticante” porque fazia tudo direitinho e deixava os cara pra trás e ele me dava o direito de ensinar solfejo, teoria musical e piano para outras pessoas. Mas aí, dois anos depois meu irmão, Renato que tinha 14 anos, morreu de maneira pesada num acidente em um joguinho de fut. A partir daí, fiquei muito abalado e tive um problemão nas mãos, aí não conseguia mais tocar piano porque tinha muitos tremores e aos poucos fui indo nessas parada de literatura e exercício da crítica cultural.”

Como todos nós sabemos, Mário de Andrade, é um personagem histórico, pois evidenciou pelos padrões de renovação estética, influenciando e integrando diversos compositores ao Nacionalismo Musical Brasileiro.

C e H - Então, Mário, explica um pouquinho pra nois sobre esse movimento modernista aí.

MA - “Irmão, essa parada surgiu em função de um mundo diferente, tá ligado, ainda no período republicano brasileiro. Com o desenvolvimento da industrialização, teve uma tentativa dos cara de erradicação da cultura popular. Aí, eu e outros modernistas decidimos dar uma moral nos estudos por causa das manifestações, onde queriam que os compositores brasileiros falassem a língua nacional e que conhecessem a língua rural. Eu sempre tava muito ocupado fazendo as coisas, mas mesmo assim dava uma atenção nos meninos, e uns eram aspirantes e músico que depois viraram baitas compositores brasileiros.”

As obras de Mário de Andrade foram capazes de atravessar o tempo e as fronteiras. Hoje, em pleno século XXI, compositores das décadas de 30 e 40 têm suas obras executadas e utilizadas didaticamente em conservatórios musicais de todo o mundo. Apesar disso, assumindo a tarefa de orquestrar uma nova “música nacional”, Mário de Andrade escreveu obras para o desenvolvimento da musicologia brasileira. Sendo considerado o primeiro grande

pesquisador atuante nessa área, escreveu obras como: Ensaio Sobre a Música Brasileira; Compêndio Da História Da Música; As Melodias do Boi e outras peças; Modinhas Imperiais; Música de Feitiçaria no Brasil; Danças Dramáticas Do Brasil; Os Cocos; Pequena História da Música; Dicionário Musical Brasileiro; Música doce Música, etc. Grande parte delas são frutos de suas anotações e estudos desenvolvidos ao longo das duas viagens etnográficas, que realizou na década de 1920; e da Missão de Pesquisas Folclóricas (1936-1938) que organizou junto à Discoteca Pública, quando exerceu o cargo de chefe do Departamento de Cultura do município de São Paulo.

C e H – E quais eram as tuas principais ideias modernistas?

MA - “Mano, sempre tive muitas ideias quando pensava no modernismo, ta ligado, mas acho que a valorização do diaadia, o salvamento das raízes culturais brasileiras, a renovação da linguagem, experimentar umas coisas novas de estética e uso de versos livres são fundamentais.”

C e H – Pra fechar pae, qual é a obra tua que tu mais gosta?

MA - “Gosto de várias, ta ligado, mas acho dahora o livro Macunaíma, porque tipo, fala de um cara sem caráter nenhum e preguiçozão. E quando falo que ele é herói, é por causa das características do povo brasileiro (mistura de raças, riqueza folclórica e do jeito malandro de ser, para se sair em situações delicadas, né).”

C e H – Legal, muito massa! E assim a gente encerra o Talk Show com o brabo Mário de Andrade!

MA - “Valeu galera pela atenção e pelo convite, gostei muito do nosso papo, de verdade. Tamo junto, é nois.”

C e H – Que isso mano, a gente que agradece a moral por ter vindo no nosso programa. Tamo junto!

6.6.4 ANEXO D - Versão final do trabalho de C e J

Mário de Andrade e o lado que ninguém conhece

Mário de Andrade nasceu em 1588 e cresceu tendo uma infância tranquila. Com o passar do tempo as coisas foram mudando, principalmente no ensino médio, que foi onde tudo começou; os sonhos, as dores de cabeça, alucinações por sangue e imaginações, etc... sua família acabou tendo que lhe ajudar a evoluir e a se controlar no dia a dia.

Ele teve sua certa popularidade na adolescência, o seu lado vampiro para a população não era assustador, as pessoas queriam ficar perto dele, não só pelo seu “poder”; e sim pela segurança que ele passava. Por querer continuar com sua vida normal, e também por gostar de ter pessoas ao seu redor, ele parou de tomar sangue humano, pois sentia que estava fazendo a coisa errada e não queria ver todos se afastarem. Muita gente que via o que estava acontecendo de fora ficava assustado, pelas pessoas que convíviam com alguém totalmente diferente e acabar tornando isso normal. Mas no final acabavam percebendo que não precisavam ficar assustados.

Aos 24 anos, Mário lança seu primeiro livro, assim se tornando famoso e muito conhecido. Já era muito normal para qualquer pessoa aquele homem com “condições diferentes”. Porém ele começou a enfraquecer, e seu lado sombrio pedindo mais energia para poder continuar, poder viver eternamente e com saúde, era preciso fazer algo que não queria. Depois de tanto pensar, achou um jeito de parar de usar sangue de animais, e para ficar mais forte necessitava de pessoas.

Com a sua fama como escritor, muito mais pessoas se aproximaram, ele acabou vendo como vantagem para si. Mas a intenção era continuar com todos o amando, então deveria arranjar um modo de usar o sangue de alguns, porém sem deixar rastros. No começo era muito fácil, simplesmente beber o sangue humano de qualquer fã que estava por perto, hipnotizar ele, e o mandar embora com uma parte de suas lembranças apagadas. Mas para isso dar certo, teria que fazer um teste de hipnose primeiro, pois as vítimas poderiam estar com verbenas em seu sangue. Se a pessoa passasse no “teste”, ele continuava com a sua necessidade de sangue.

Em um certo dia, Mário percebeu que precisava matar para sua força voltar totalmente, afinal ele tinha vários conflitos, assim não iria conseguir se defender. Pessoas tentaram o matar

apesar de muitas outras o aceitarem e havia outros vampiros que não gostavam de sua atitude, pois eles deveriam viver escondidos. O autor estava botando sua própria espécie em perigo para continuar a carreira. Uma de suas soluções que daria mais certo, era ir atrás de fãs que eram realmente obcecados por ele, pois eram poucos, e ninguém sentiria falta.

Após estudar muito sobre sua primeira vítima, botou seu plano em ação. Ficou mais forte, conseguia se defender, e não temia mais ninguém, porém teria que esperar pra ver se tudo iria dar certo. Após alguns meses viu que ninguém teria achado o corpo do jovem fã que havia matado. Tudo ia bem, porém ele devia se controlar, sabia que não iria ser fácil, mas sua vontade de escrever eternamente era muito maior. Os anos foram se passando, e acabou bem. Tinha suas recaídas de matar mais de duas pessoas por dia, porém não era sempre. Construiu uma bela carreira.

6.6.5 ANEXO E - Versão final do trabalho de I e N

Ovelhas de chapéu

Mário desceu as escadas correndo, não conseguiu ter tempo para tomar um café da manhã, e muito menos para ajustar sua gravata do jeito adequado. Quase tropeçando nos próprios pés, ele pegou sua pasta, segurou com toda sua força e saiu de casa. Havia alguns papéis saindo do fecho da bolsa achatada, mas nada de se preocupar, apenas mais um dia normal para o homem mais que atrapalhado.

- Responde por favor... - resmungou.

Ele passou os olhos pelo telão que marcava o clima na rua, viu que o mesmo registrava o horário exato que deveria estar sentado naquela mesa de reunião, e para piorar, sua amiga Tarsila não respondia nenhuma de suas mensagens. Precisava que enrolasse o grupo de críticos por pelo menos uns dez minutos e estava implorando para todos os deuses que conhecia (mesmo não acreditando em nenhum deles) para ela fazer tal ação.

Estendeu seu braço. O ônibus o ignorou. Ele não acreditava. Riu, frustrado, só o que faltava era um carro passar sobre a poça que estava na sua frente e ele ficar encharcado com o restolho da água acumulada no asfalto. Aconteceu.

- Ótimo, encharcado e atrasado para a reunião mais importante da sua vida, Mário.

Se culpou internamente pela bebedeira da noite anterior, se não tivesse a feito, não conseguiria terminar sua apresentação, mas pelo menos ia chegar a tempo no Congresso. Bloqueios criativos de Mário eram marcados por vinhos e cigarros sempre, e assim aconteceu. Sua cabeça doía um pouco ao ver a claridade, mas não havia mais tempo para se lamentar. A sorte era que morava relativamente perto do Congresso, ou seja, o que de ônibus ele faria em cinco minutos, a pé com corridinhas, ele levaria vinte minutos. Assim o fez, colocou para dentro do pulmão todo o ar que conseguiu pegar naquele momento e começou a correr, tentou estender o braço algumas vezes para receber uma carona, mas todos o ignoravam. Ele não entendia, já seria a quarta vez que estava sendo recebido assim, primeiro seu alarme, segundo Tarsila, terceiro o ônibus e agora os carros.

Passaram-se vinte e cinco minutos. Mário chegou esbaforido no lugar. Ele não havia apenas corrido, senão seu pulmão mais acostumado a receber fumaça do que liberá-las ia acabar morrendo antes dele pisar naquela sala de reunião. De qualquer forma, ele conseguiu. Observou as pessoas passando ao seu lado, enquanto ele subia os degraus da escada de dois em dois, tentando ao menos fazer o tempo andar ao seu favor.

Seu paletó pingava e conseqüentemente sujava o tapete do hall principal do Congresso. Mário parou em meio a grande sala principal, havia uma escadaria enorme e uma música ambiente (aquelas de elevador) tocando ao fundo, ficou buscando com os olhos de forma desesperada qual era a sala da bendita reunião. Não achava. E ninguém sequer decidiu perguntá-lo o porquê estava naquele estado. Até ver Anita Malfatti, com um longo vestido branco, ir em direção ao cômodo número cinco. Ela percebeu sua presença de uma forma inesperada, como se fosse um sexto sentido, e por conta disso esboçou um sorriso curto para Mário. Seu coração palpitou intensamente, achou que iria ter seu infarto naquele mesmo segundo. Ele a seguiu, a alguns metros de distância.

Quando finalmente, depois de praticamente quarenta minutos de pura angústia e ansiedade, ele abriu a enorme porta de madeira escura, e a mesa estava com os rostos mais conhecidos por si: Tarsila, Anita, Di Cavalcanti, Oswaldo e Vicente. Ele sorriu ao vê-los, mas ao lado dos chegados, estavam os jurados. A mesa era repleta de anotações, e desenhos que seriam avaliados.

- Perdão pelo atraso e pelo meu estado, senhores. Grandes imprevistos ocorreram. - pigarreou e se sentou na única poltrona livre, ao lado de Anita.

Todos os ignoraram. De novo. Ele não acreditava naquilo. Mas então, Anita se esgueirou um pouco para perto de si, e cochichou baixinho, enquanto o isqueiro queimava o novo cigarro que estava preste a descansar entre seus lábios:

- “Oh! Minhas alucinações!

Vi os deputados, chapéus altos,

Sob o pátio vespéral, feito de manga-rosas,

Sáiram de mãos dadas do Congresso...

Como um possesso num acesso em meus aplausos

Aos salvadores do meu amado estado!...”

Ele ficou impressionado por ela recitar um de seus poemas assim, sem ler nada, olhou no fundo de seus olhos e subitamente se sentiu sem ar. Parecia que tudo estava derretendo, a cadeira começou a afundar no chão, ele não conseguia se expressar.

Rapidamente, ele não estava mais com Anita ao seu lado, sorrindo, naquela sala enorme com uma arquitetura antiga, repleta de oportunidades. E sim encarando o teto de sua casa. Ele alucinou com tudo, a paralisia do sono o prendeu de vez. Por longos minutos.

Não estava no congresso, e muito menos havia uma reunião marcada dentro de uma organização de grande nome. Ficou imóvel e confuso, até cair na realidade e de volta pelo fato de seu celular emitir um som de notificação, despertando por completo:

“Mário? Do que você tá falando, maluco? O que um rebanho de ovelhas usando chapéu iria fazer no congresso? Pera, na realidade, muito obrigada. Irei pintar isso.”

6.6.6 ANEXO F - Versão final do trabalho de N e R

Dama da noite

Andando pelas ruas de São Paulo, Mário de Andrade se encontra em completo breu, seu único guia são as luzes bruxuleantes dos postes e os flashes dos faróis dos poucos carros que passam por ele. Desvairado, tentando chegar em casa após um dia cansativo. Os sons urbanos desnorteiam seu caminhar e vibram sua alma, o cotidiano naquele labirinto que o levou para uma viela estreita sem saída. Ali, olhando para uma parede de tijolos mal colocados, repensando seu caminho para casa, pode sentir de forma suave, um cheiro peculiar vindo de alguma direção a sua volta. Um cheiro do qual não se recordava ter sentido enquanto fazia suas caminhadas pela cidade.

Já era por volta de meia-noite quando retomou seu caminho, e o cheiro ficava cada vez mais intenso. Em dado momento era quase que completamente guiado pelo odor, que causava tamanha estranheza nele, que de certa forma se sentia atraído. Se pegava imaginando qual seria a fonte daquele cheiro, primeiramente pensou ser alguma espécie de comida, porém descartou esse palpite quão mais se aproximava, chegou então a conclusão de que aquilo de fato seria o perfume de uma mulher. Enquanto seguia seu caminho imaginava como seria a dama que usava esse perfume, seus traços, trejeitos e até como seria sua voz, continuou, porém agora não ia para sua casa, estava seguindo aquele doce perfume. Seguindo por becos escuros sentia cada vez mais paixão pelo o que aquilo significava, tinha certeza de que fora predestinado a estar ali e que a pessoa que o esperava no final desta trilha seria sua alma gêmea. Andou incansavelmente, até que com sua respiração pesada, o coração acelerado, as pernas quase falhando, chegou a um jardim, em meio aos prédios, no qual as flores brancas presentes nele refletiam a luz da lua de forma a se assemelhar a um espelho. E ali estava, parado em meio ao jardim, sentindo como nunca o perfume de sua amada. Porém, após o frenesi passar, olhou a sua volta e percebeu o equívoco que havia cometido.

6.6.7 ANEXO G - Versão final do trabalho de F e L

PAUNAVÉIA DESVAIRADA

Em uma manhã ensolarada, Marcos estava fazendo sua corrida matinal na beira mar, quando vê seu amigo Junin e lembra que precisa da sua ajuda, então decide ir cumprimentar O amigo

- Então Junin, queria falar contigo, sobre aquele livro que você tava lendo há um tempo atrás. Qual era o nome mesmo?

- Dboa Marco, como estão as coisas com a família feio?Tão bonzinho?

- Sim pô, tá tudo suave lá em casa, e tua vó irmão melhorou daquela gripe locona lá? Foi possível perceber a tristeza entrando em Junin.

- Bah feio, nem te conto. Ela foi de berço mês passado, acredita?!- disse Junin cabisbaixo

- Putz, meus pêsamez irmão!- falou Marco com peso na consciência.

- Mas sobre o que que tu queria conversar comigo?- perguntou Junin tentando mudar de assunto.

- Ahh, sobre aquele livro que tu tava lendo tempão atrás fi. O Paunavéia Desvairada, não era esse o nome dele?

- KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK, claro que não né guri, viajão, é Paulicéia desvairada, mas porque djanho quex sabe o nome dele, tu não lê nem bula de remédio feio?

- Trabalho da aula guri nem sabex, a Fessora quer que nos inventa um poema, conto ou sei lá o que dele.

Para não parecer grosseiro, Junin falou novamente de forma mais descontraída:

- Feio, querex uma ajuda melhor que a minha, tu vai no google e te vira né! O guri interesseiro só lembra do cara pra pedir coisa!

Era perceptível que junin tinha ficado bravo e chateado, pois o amigo só havia lhe chamado para pedir ajuda.

- Ah feio, não vem com essas trairagem aí, dá uma mão de ajuda pra mim.

Marco conseguiu fazer com que junin ficasse com peso na consciência, pois querendo ou não era só uma ajuda para um trabalho.

Junin envia ft de um mamão papaia em baixa qualidade gráfica

- Blz feio, más ó, caso é o seguinte, vou te passar um resumão que eu fix mas tu não copia e cola tudo igual...- disse Junin mudando o tom de voz, para que a fala tivesse uma maior veracidade.

- Pó relaxar irmãozin, alguma vez já te decepcionei? Ah, falando nisso, entendes alguma coisa desse livro?

- Claro pô, os cara conseguiram mostra a nossa identidade sem se basear no drip Europeu.

- Ah! Pode crer! Esse tal de Mario é um mito né!? Só faltou saber falar português...

6.6.8 ANEXO H - Versão final do trabalho de A e I



6.6.9 ANEXO I - Versão final do trabalho de M e V

Dama da noite

Andando pelas ruas de São Paulo, Mário de Andrade se encontra em completo breu, seu único guia são as luzes bruxuleantes dos postes e os flashes dos faróis dos poucos carros que passam por ele. Desvairado, tentando chegar em casa após um dia cansativo. Os sons urbanos desnor-teiam seu caminhar e vibram sua alma, o cotidiano naquele labirinto que o levou para uma viela estreita sem saída. Ali, olhando para uma parede de tijolos mal colocados, repensando seu caminho para casa, pode sentir de forma suave, um cheiro peculiar vindo de alguma direção a sua volta. Um cheiro do qual não se recordava ter sentido enquanto fazia suas caminhadas pela cidade.

Já era por volta de meia-noite quando retomou seu caminho, e o cheiro ficava cada vez mais intenso. Em dado momento era quase que completamente guiado pelo odor, que causava tamanha estranheza nele, que de certa forma se sentia atraído. Se pegava imaginando qual seria a fonte daquele cheiro, primeiramente pensou ser alguma espécie de comida, porém descartou esse palpite quão mais se aproximava, chegou então a conclusão de que aquilo de fato seria o perfume de uma mulher. Enquanto seguia seu caminho imaginava como seria a dama que usava esse perfume, seus traços, trejeitos e até como seria sua voz, continuou, porém agora não ia para sua casa, estava seguindo aquele doce perfume. Seguindo por becos escuros sentia cada vez mais paixão pelo o que aquilo significava, tinha certeza de que fora predestinado a estar ali e que a pessoa que o esperava no final desta trilha seria sua alma gêmea. Andou incansavelmente, até que com sua respiração pesada, o coração acelerado, as pernas quase falhando, chegou a um jardim, em meio aos prédios, no qual as flores brancas presentes nele refletiam a luz da lua de forma a se assemelhar a um espelho. E ali estava, parado em meio ao jardim, sentindo como nunca o perfume de sua amada. Porém, após o frenesi passar, olhou a sua volta e percebeu o equívoco que havia cometido.

6.6.10 ANEXO J - Versão final do trabalho de F, I e L

PAISAGEM Nº 5 – EDIÇÃO MANÉZINHA

(“paisagem nº1” – 1ª estrofe, “paisagem nº2” – 6ª estrofe, “paisagem nº3” – última estrofe, “paisagem nº4” – 1ª e última estrofe).

Minha Floripa das neblinas repentinas...

Pleno inverno. As dez mil milhões de tainhas.

Há névoas de sereno no ar.

Faz calor. Faz calor;

E a bondade das nossas rendeirinhas...

O vento sul é como um furacão,

Na cabeça dos de fora.

Há duas horas rachou o sol,

Daqui duas horas cai a chuva...

Deus recortou a alma de Floripa

numa cor obscura e fria

Oh! Para além vivem os invernos eternos!...

Os homens passam encharcados.

Os reflexos do clima misterioso,

Mancham os Poisson...

Os pombos do centro,

Esvoaçam entre os dedos da garoa.

De repente

Um raio de sol arisco

Risca o chuveiro ao meio.

Cidade vai, cidade cresce,

Rapidamente tudo é transformado,

Gente pra lá, gente pra cá

Será que seremos lembrados?

É isso que Floripa merece?

Independente de tudo,

Continuarei seguindo reto toda vida,

Porque o que não me falta

É este orgulho máximo de ser manézinho!

(Poisson é peixe em francês)

6.6.11 ANEXO K - Versão final do trabalho de Is e N

Magia

Floripa, razão da minha felicidade,

Durante o veraneio muito azul!

Sorrisos...Aventuras...Ondas...

Nos topos dos morros ele brilha.

A confusão reina,

Quando o tráfego aumenta...

Paisagens tomadas pela sujeira,

Roncos ensurdecidores!

Bagunça...Noitadas...Loucura...

O vento sul invade as casas...

O céu vira um cinzaral!

Pancadas...Vazio...Isolamento...

A cidade já não é mais a mesma.

O sol morno das manhãs geladas

Aquece o coração no lugar dos pingos finos...

Mas o vento ainda sopra gélido,

Momento bom para se aquecer entre seus raios.

Aquece...Ferve...Desentristece...

Enfim chegou a primavera.

E no alto o sol voltou a brilhar...

6.7 TABELA COM O CÁLCULO DAS NOTAS DOS ALUNOS

Dupla	Nota Primeira Versão	Nota Versão Final	Nota Apresentação	Nota Final	Observação
J e M	2,0	3,3	3,3	8,3	Ver abaixo
M e G	3,3	3,3	3,3	10	-
C e H	3,3	3,3	3,3	10	-
C e J	3,3	3,3	3,3	10	-
I e N	3,3	3,3	3,3	10	-
N e R	3,3	3,3	3,3	10	-
F e L	2,8	3,3	3,3	9,4	Ver abaixo
A e I	2,0	3,3	3,3	8,6	Ver abaixo
M e V	2,5	3,3	3,3	9,1	-
F, I e L	0,0	3,3	3,3	6,6	Ver abaixo
Is e N	0,0	3,3	3,3	6,6	Ver abaixo

6.7.1 ANEXO A - Comentário sobre a nota final de J e M

Na primeira versão foi entregue um texto com alguns problemas de plágio, como conversamos com vocês em sala. Mesmo assim, decidimos dar 1 ponto ao invés de zero porque vocês refizeram todo o trabalho, se esforçaram e conseguiram criar algo muito melhor. Parabéns!

As notas de todos foram calculadas da seguinte forma:

Primeira versão - valia 3,3

Versão final - valia 3,3

Apresentação do trabalho - valia 3,3

6.7.2 ANEXO B - Comentário sobre a nota de F e L

O trabalho ficou bom, mas a única relação com a Paulicéia Desvairada foi a menção ao livro no momento do diálogo. Além do mais, na segunda versão não houve um desenvolvimento maior do trabalho, por isso a nota que demos para as duas versões foi 4,0 (2,0 para cada versão).

As notas de todos foram calculadas da seguinte forma:

Primeira versão - valia 3,3

Versão final - valia 3,3

Apresentação do trabalho - valia 3,3

6.7.3 ANEXO C - Comentário sobre a nota de A e I

O trabalho ficou muito bem feito, mas na primeira versão não ficou muito clara a relação com a Paulicéia Desvairada, por isso a nota que demos para a primeira versão foi 2,0 (dois). Nas demais notas, vocês tiraram a nota máxima (3,3).

As notas de todos foram calculadas da seguinte forma:

Primeira versão - valia 3,3

Versão final - valia 3,3

Apresentação do trabalho - valia 3,3

6.7.4 ANEXO D - Comentário sobre a nota de F, I e L

Como a primeira versão não foi entregue, a avaliação de vocês ficou com uma nota a menos (ou seja, primeira versão vocês infelizmente ficaram com zero). Nas demais notas, vocês receberam a nota máxima. Parabéns!

As notas de todos foram calculadas da seguinte forma:

Primeira versão - valia 3,3

Versão final - valia 3,3

Apresentação do trabalho - valia 3,3

6.7.5 ANEXO E - Comentário sobre a nota de Is e N

Como a primeira versão não foi entregue, a avaliação de vocês ficou com uma nota a menos (ou seja, primeira versão vocês infelizmente ficaram com zero). Nas demais notas, vocês receberam a nota máxima. Parabéns!

As notas de todos foram calculadas da seguinte forma:

Primeira versão - valia 3,3

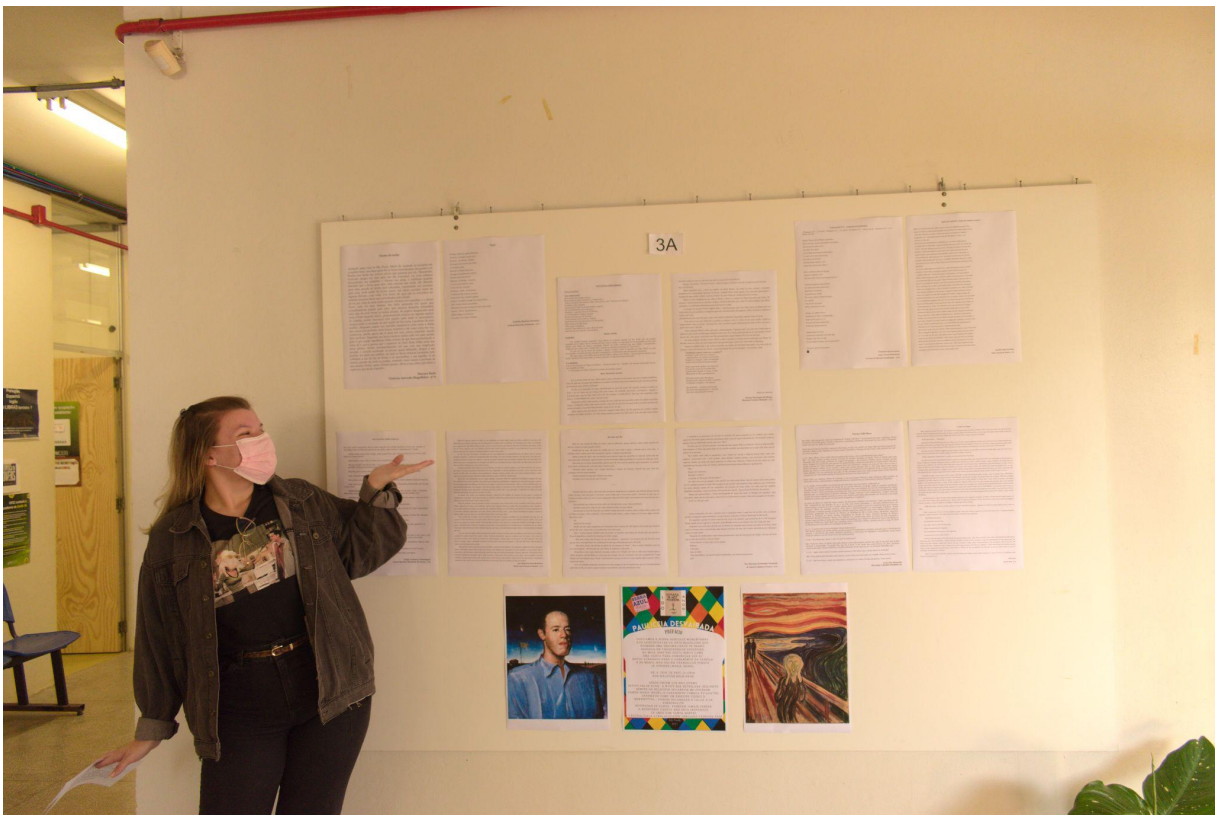
Versão final - valia 3,3

Apresentação do trabalho - valia 3,3

6.8 EXPOSIÇÃO “PAULICÉIA DESVAIRADA NO CA”



Preparação e montagem do mural do 3A para a Exposição

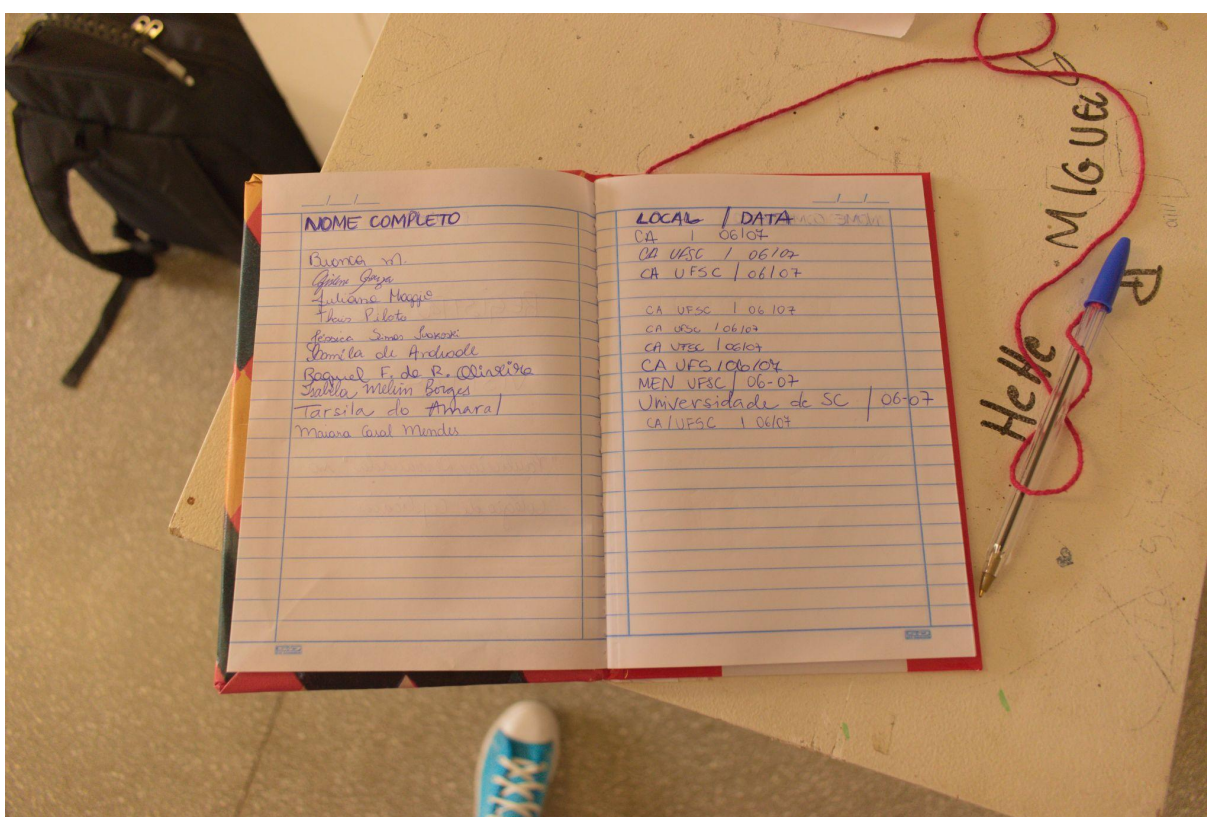




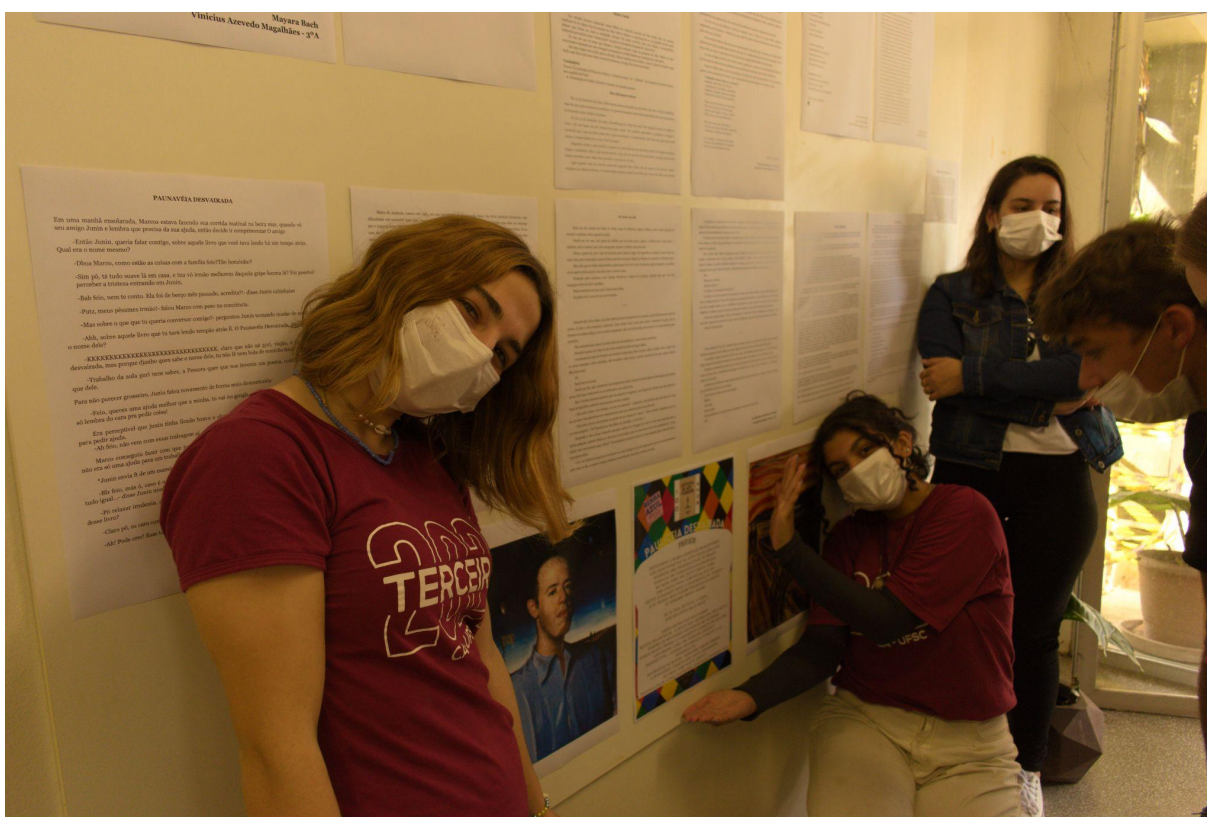
*Painel montado com os trabalhos dos alunos do 3A
e três estagiárias muito felizes e orgulhosas*



Trabalhos artísticos elaborados pelos alunos do 3A para compor a Exposição, sob orientação do Prof. George França



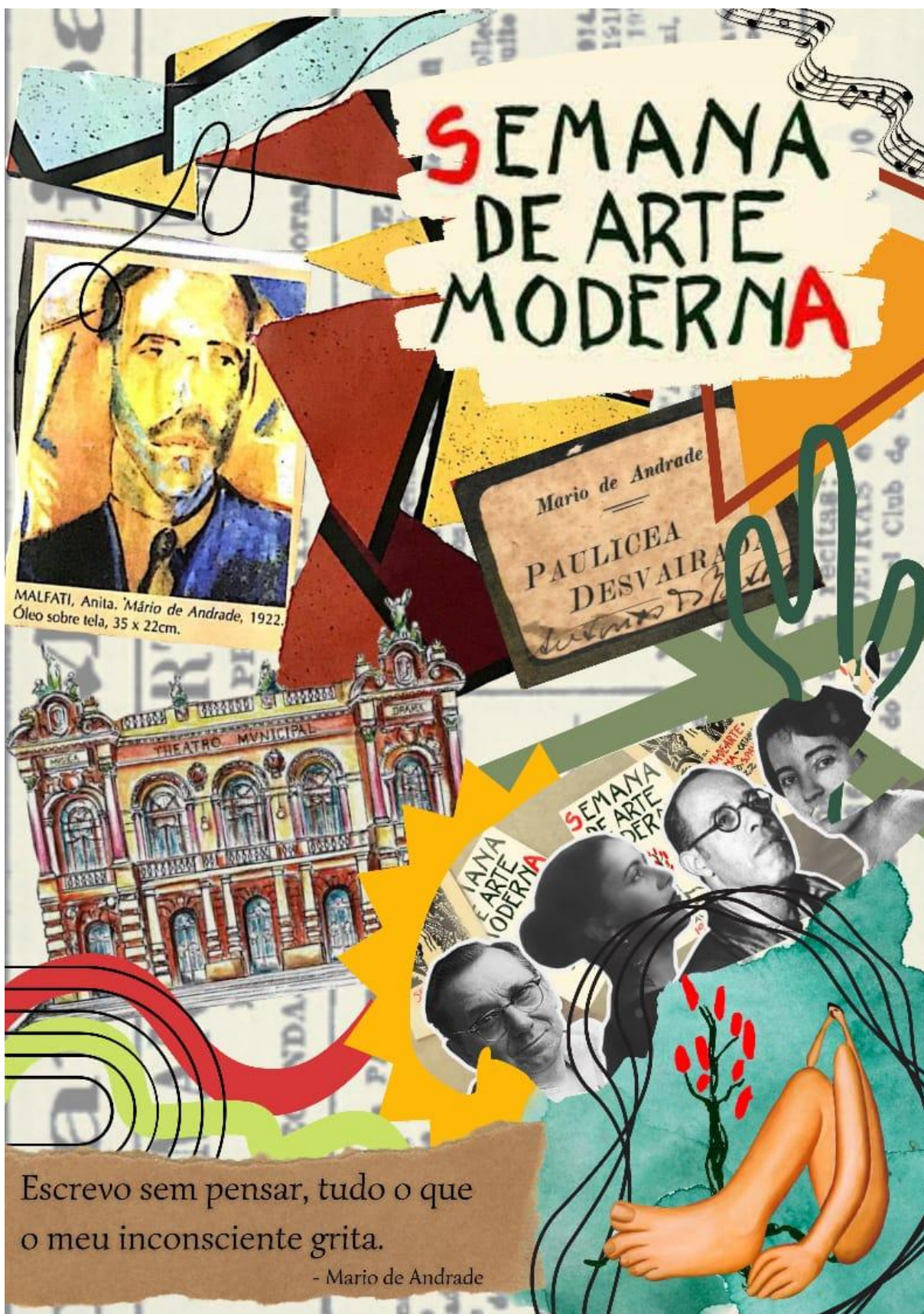
Caderno de visitas posicionado na entrada do Espaço Estético do CA para registro da presença dos visitantes na Exposição



Abertura da Exposição "Paulicéia Desvairada no CA"



Cartaz da Exposição "Paulicéia Desvairada no CA", elaborado pela estagiária Bianca Maia Mello da Silva



Cartaz da Exposição "Paulicéia Desvairada no CA", elaborado por alunos do 3A do Colégio de Aplicação